

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PEDRO EVARISTO CONCEIÇÃO SANTOS

O CONFESSOR E O CULTO

Uma abordagem exegética a Deuteronômio 26,1-11: A terra, Deus e homem –
Um memorial dos atos libertadores de Javé

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2010

PEDRO EVARISTO CONCEIÇÃO SANTOS

O confessor e o culto

Uma abordagem exegética a Deuteronômio 26,1-11: A terra, Deus e homem –
Um memorial dos atos libertadores de Javé

Dissertação apresentada em cumprimento às
exigências do Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Religião da Universidade Metodista
de São Paulo para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Milton Schwantes

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2010

A dissertação de mestrado sob o título *O confessor e o culto, uma abordagem exegética a Deuteronômio 26,1-11: a terra, Deus e homem – um memorial dos atos libertadores de Javé*, elaborada por Pedro Evaristo Conceição Santos foi apresentada e aprovada em 30 de agosto de 2010, perante a banca examinadora composta por Prof. Dr. Milton Schwantes (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Landon Booth Jones (Faculdade Teológica Batista de São Paulo).

Prof. Dr. Milton Schwantes
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Jung Mo Sung
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: *Ciências da Religião*

Área de Concentração: *Literatura e Religião no Mundo Bíblico*

Linha de Pesquisa: *Estudos Históricos Literários do Mundo Bíblico*

RESUMO

Com a pesquisa exegética realizada na perícopes de Deuteronômio 26,1-11, esta dissertação busca entendê-la, a partir de sua perspectiva social, ao procurar mostrar que esta perícopes é uma confissão memorial dos atos redentores, vistos na saída do povo do Egito. Este memorial está entrelaçado com o Deus redentor bem como com a terra doada por este Deus ao seu povo, como meio de expressar sua completa liberdade para dirigir seu destino, em celebração ao Deus redentor. Dentro desta perspectiva social está também que os atos redentores de Javé deveriam resultar em atos sociais de seu povo redimido para com aqueles que eram desfavorecidos dentro da sociedade israelita. A perícopes em estudo aponta para dois grupos de desfavorecidos – o levita e o estrangeiro.

Palavras-chaves: Deuteronômio; Exegese; Deus; Confissão; Êxodo; Homem; Terra

ABSTRACT

By means of the exegesis of the Deuteronomy 26,1-11 perícope, this dissertation seeks to show, from a social perspective, that this passage is a memorial confession of the redemptive acts witnessed during the exit of the people from Egypt. This memorial is intertwined with the Redeemer God as with the land given by this God to his people, as a means of expressing their complete freedom to direct their own destiny, in celebration of the Redeemer God. Also within this social perspective is the fact that the redemptive acts of Yahweh ought to result in social acts of the redeemed people for those are disadvantaged within the Israelite society. The perícope in focus points to two groups of disadvantaged – the levite and the foreigner.

Key Words: Deuteronomy; Exegesis; God; Confession; Exodus; Man; Earth

SUMÁRIO

Sumário	01
Introdução – Questões Hermenêuticas	03
I. Apresentação do Tema	03
II. Definição do problema e dos objetivos da pesquisa	07
III. Justificativa do tema e texto escolhidos	11
IV. Delimitação desta pesquisa	13
V. O método exegético	15
VI. Uma teoria literária do livro de Deuteronômio	16
A. A obra literária do século oitavo	17
B. O segundo momento literário de Deuteronômio	21
C. O terceiro momento literário de Deuteronômio	22
D. O que esta pesquisa assume	23
VII. Projeção dos capítulos seguintes	27
VIII. Revisando e avançando	28
Capítulo 1: O êxodo em Deuteronômio	30
I. O êxodo como evento provocado	32
II. O êxodo como evento redentor	37
Capítulo 2: A exegese de Deuteronômio 26,1-11	44
I. Os preliminares do texto	45
A. A tradução de Deuteronômio 26,1-11: o texto revelado	45
B. A forma	48
C. A data: a perícopes em seu contexto social	51
1. A data mais antiga: o século oitavo	51
2. A parte mais recente da confissão	56
II. Conteúdo: o confessor – sua terra, sua adoração, e seu memorial dos atos redentores de Javé	58
A. A introdução à confissão	58
1. Terra como posseção	58
2. O fruto como oferta de gratidão pela posse da terra	62
B. A confissão do confessor	67
1. A primeira parte da confissão: a confissão diante do sacerdote do dia	68
a. O confessor fala	68
b. A retomada da palavra pelo redator	71
c. Orientações finais antes da confissão própria	73
2. A segunda parte da confissão: a confissão diante de Javé	74
a. As origens do confessor: o pai arameu	74
b. As peregrinações do ancestral adorador: Jacó	76
1) O pai em perigo	76
2) O pai exilado	77
3) O pai multiplicado	79

c.	Opressão e multiplicação	81
1)	Ações opressoras dos egípcios	81
2)	Reação israelita	83
3)	Resposta divina	86
a)	O evento de consideração – ouvir e ver	86
b)	O evento de ação – causar a saída	89
1.1.	“Mão” e “braço” de Javé	90
1.2.	Reação a ação de Javé	91
c)	O encontro do confessor com a terra da promessa	93
d.	As palavras finais do confessor	94
C.	A conclusão da confissão: a alegria do confessor	96
1.	As ações do confessor diante de Javé	97
a.	Pôr	97
b.	Curvar-se	99
c.	Regozizar-se	99
2.	Os participantes com o confessor	101
a.	A família do confessor	101
b.	Os menos favorecidos	102
1)	Levi	102
2)	Estrangeiro	103
D.	Fechando a exegese	105
III.	Relação de Deuteronômio 26,1-11 com Deuteronômio 12-26	106
A.	A terra	107
B.	Javé como o Deus doador da terra	107
C.	A relação com o êxodo	108
D.	O lugar central de adoração	109
E.	O homem livre como sacerdote de sua família	109
F.	O levita e o estrangeiro	110
G.	A adoração como proposta social	110
H.	Em que estas relações acima implicam	112
	Conclusão: Revendo e Prevendo	114
I.	Revendo as hipóteses	116
A.	A primeira hipótese	116
B.	A segunda hipótese	117
II.	Questões em aberto	119
A.	O pobre	119
B.	O credo	120
C.	Terra e riqueza dentro do Antigo Israel	121
D.	O valor da confissão através da história	121
E.	A comida nas festividades religiosas	122
F.	A confissão de Deuteronômio 6,20-24	122
G.	O sofrimento	123
III.	Relevância desta pesquisa	124
	Bibliografia	127

Introdução

Questões hermenêuticas

Os assuntos relacionados com a hermenêutica são o foco central deste capítulo. Seu propósito é colocar em relevo os elementos teóricos dominantes desta dissertação. Aqui são apresentados os pressupostos hermenêuticos que regerão este trabalho a ser desenvolvido por esta pesquisa. O primeiro elemento deste capítulo aborda a apresentação do tema. É aqui onde se destaca que tema procede do próprio texto de Deuteronômio 26.

O segundo elemento busca definir o problema da pesquisa bem como seus objetivos. Depois se apresentará uma justificativa do tema e do texto escolhido para exegese desta dissertação. O elemento que trata da delimitação da pesquisa vem em seguida para mostrar os limites impostos sobre a pesquisa. Estes são como guias para orientar a pesquisa para seu fim estabelecido. Os dois últimos elementos são a metodologia seguida neste trabalho e uma teoria literária da formação do livro de Deuteronômio assumida nesta pesquisa.

I. Apresentação do tema

O tema a ser desenvolvido, **O confessor e o culto**, tem como elementos centrais Javé, o camponês confessor, e a terra que faz ligação entre Javé e o camponês. Sendo aquele o doador e este o receptor, e a terra é o elemento doado por Javé e, por outro lado, ela também é recebida pelo Confessor. Há um tríplice relacionamento dentro deste tema, mas girando em torno de seu eixo central, o qual é a recordação do Êxodo como a fonte de motivação para que o confessor chegasse no lugar onde chegou.

O relacionamento entre o confessor e Javé é central em todo o Antigo Testamento.¹ Desde os relatos mais antigos, o homem sempre é visto a partir da perspectiva de seu relacionamento com alguma divindade. Os homens primitivos mantinham certo

¹ Doravante, Antigo Testamento será abreviado em AT, e Novo Testamento em NT. Os livros bíblicos

relacionamento com seu Deus por meio de oferendas que expressavam sua gratidão pela bondade divina ou como meio de apaziguar a divindade adorada.²

Este relacionamento é muito pessoal.³ A presença dos pronomes pessoais, “tu” e “vós”, ou mesmo “eu” e “tu” ou “vós”, são a evidência do relacionamento pessoal existente entre o confessor e sua divindade. O confessor aproxima-se de seu deus e a ele fala e seu deus fala com ele.⁴ Mediando esta comunhão está a oferta que o confessor dedica à sua divindade.

Assim, olhando a temática de modo mais próximo, o tema gira em torno da adoração. Mas não é qualquer adoração – é adoração do homem comum, sem muitas formalidades, sem aparato, e sem convenções que o limitem em sua aproximação de seu Deus. A confissão pura e simples, sem os adornos redacionais, tem o confessor diretamente falando ao seu Deus e apresentando suas oferendas de gratidão. Esta é forma dele chegar-se ao seu deus.

É o homem da roça que presta seu dever para com seu Deus. É a adoração do leigo, não do profissional, do sacerdote ungido e reconhecido para a função de intermediário entre o adorador e o objeto de sua adoração. Mas nesse momento da história desse homem, como e porque ele deveria adorar seu Deus? Ele faz isso porque adoração não existe sem adorador, o qual é também um confessor – aquele que declara sua fé em uma divindade. Mas no texto a ser analisado, o confessor afirma mais que uma declaração de fé. Aqui ele relembra os feitos de sua divindade que o fizeram chegar até o momento de sua Confissão. Ademais, o confessor não

² Como ilustrações disso, Abel e Caim vieram perante Deus com ofertas que expressavam sua gratidão pela bondade divina em seus ramos de atividade, segundo a narrativa de Gênesis 4,3-4. Quando Noé saiu do barco que construíra, ele apresentou sua oferta de gratidão por Deus mantê-lo com vida e também toda a sua família (conferir o relato encontrado em Gênesis 8,20). Mesmo que estas figuras sejam consideradas históricas ou não, o ponto a salientar é que algo foi oferecido ao objeto de sua adoração, e isso é apresentado também em outros lugares da Escritura, indicando que havia a prática costumeira de o líder do clã servir como uma espécie de sacerdote familiar.

³ Os exemplos aqui citados seguem a ordem cronológica apresentada na Escritura do AT, sem qualquer visão crítica. Isto quer dizer que eles são apresentados na ordem em que aparecem no texto bíblico sem qualquer discussão sobre sua ordem de aparição, ou sobre a formação daquele texto. Em suma, é somente para ilustrar que em outros lugares a Escritura tem o elemento que se pretende esclarecer.

⁴ Sonhos, visões, vozes, aparição de anjos ou até da própria divindade são comuns em relatos encontrados no livro de Gênesis. Considera-se que estes são meios pelos quais a divindade se torna acessível ao devoto.

existe sem um objeto de adoração. Aqui, a divindade é nomeada – é chamada de Javé.⁵

Quando bem notado, percebe-se que o que liga o homem a Javé é a terra,⁶ seja porque ela oferece diretamente o que dela brotar para alimento da família do confessor – o que é produzido pela agricultura, pelo plantio de suas próprias mãos, seja porque a terra produziu o alimento para sustentar animais que fazem parte da propriedade do camponês, ou para manter o seu comércio, e assim a sua prosperidade. O confessor é um camponês que entende que o que ele recebe da terra, seja na forma de alimento seja em riqueza, é resultado da provisão divina para si. Javé é participante ativo da vida do confessor. Em resposta a Javé, por sua provisão, o confessor oferta a Javé parte daquilo que colheira da terra, divinamente doada a ele.

A terra, como dádiva divina, ganha maior importância⁷ por sua presença entre as promessas divinas dadas a Abraão (Gênesis 12,1-3) – uma parte da promessa é a terra que será a terra prometida a Abraão e sua descendência. As outras duas promessas são dependentes do cumprimento da promessa da terra. Tanto para Abraão ser bênção quanto para ele manter sua descendência, e esta vier a tornar-se numerosa, como era a promessa, ele precisaria receber a promessa da terra. O povo necessitava da terra como meio para manter sua identidade como povo e unidade racial.

A terra é sinal de identificação social, pois relaciona o indivíduo a pessoas e a um lugar, dando-lhe uma pátria com que se identificar, bem como uma família de onde

⁵ Em muitos aspectos Deuteronomio é um livro de adoração. Ele começa com um preâmbulo histórico que remete o leitor/ouvinte ao reconhecimento que a geração anterior não foi fiel a Javé, e, por isso foi punida (Deuteronomio 1-4). A geração presente é desafiada a não imitar a geração anterior, e ela deve ser fiel a Javé (Deuteronomio 5-11). Ela deve ouvir e transmitir o que ouviu fielmente para que a próxima geração seja uma geração de adoradores fiéis. Para que o povo fosse bem sucedido, ele deveria servir a Javé em seu dia-a-dia. Deuteronomio 12 a 26 dá mandamentos, estatutos e uma legislação em geral para que o povo de Javé saiba como viver na terra, a qual é sua herança. A última seção, capítulos 27 a 34, fala a próxima geração e como eles devem ser como adoradores de Javé. Ver mais em Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairós, 2002, p. 30-31. Os adoradores são os que sabem obedecer a Javé, e vivem de acordo com o conhecimento que receberam dele. Portanto, por esta descrição, o adorador, ou o confessor, é um fiel seguidor dos preceitos de sua divindade, a qual, no texto em pesquisa, é Javé.

⁶ Deve-se levar em consideração que essa terra é resultado de um juramento feito aos pais por meio de uma aliança. Então, o elemento da aliança não deve ser esquecido. Nesta confissão há três elementos bem notórios e que se equilibram em importância – Javé, a terra e o homem.

⁷ Há um equilíbrio de importância entre as promessas feitas por Javé a Abraão, em Gênesis 12. Notadamente, terra e descendência se equilibram porque a terra é para a descendência e a descendência para a terra. Mas nesta perícopa, a terra está em destaque porque ela é a demonstração que Javé tem abençoado seu povo e lhe tem dado a liberdade da escravidão tão pesada no Egito.

proceder. A terra faz o vínculo social tornar-se forte, porque ela fixa o homem e a mulher em sua propriedade, fazendo-o ligado a outros proprietários ao seu redor. Ela é expressão de independência e liberdade, pois aquele que a possui é alguém que, mesmo relacionado a outros, tem seu próprio meio de sobrevivência. O escravo não possui terra, o homem livre sim.

A implicação disso é que estar sem terra é viver desprovido dos meios básicos de sustentação e estabilidade,⁸ tanto para si como para sua família, e também é manter-se separado de relacionamentos sociais sólidos. Além disso, em caso de saída, alguém que possuísse uma propriedade teria para onde retornar, para um ambiente conhecido, e onde poderia obter apoio e proteção, caso necessitasse disso. O clã na terra era um lugar seguro.

A promessa da terra foi repetida a Abraão por cinco vezes, e, algumas vezes ela foi repetida sozinha (Gênesis 12,7; 13,14-15; 15,8-20; 17,8; 22,17 [cidades]). A promessa da terra, feita a Abraão, foi repassada a Isaque (Gênesis 26,3-4) e a Jacó (Gênesis 28,13), e deste aos seus descendentes (Gênesis 50,24; Êxodo 3,7-8). Portanto, a terra é central na concepção teológica do povo de Israel.

Dentro do próprio livro de Deuteronômio este conceito apresenta-se com toda força. As leis contidas no bloco de Deuteronômio 12-26 são leis aplicadas para quem está vivendo estavelmente na terra de sua propriedade. De outra forma de falar, estas leis somente teriam sentido se a terra já estivesse nas mãos do povo de Israel, gozando de seu patrimônio como homem livre.

Partindo disso, a confissão do camponês, encontrada em Deuteronômio 26,1-11, gira em torno de três eixos centrais e que são harmoniosos entre si: da terra, como promessa cumprida, mas uma promessa que nasceu somente por causa do Êxodo; de Javé, o Deus doador da terra e o causador da saída do povo do Egito; e do homem a quem a terra é doada e a quem Javé fez seu juramento.

Uma palavra a mais deve ser dada a respeito da promessa da terra. Ela é a promessa que se cumpre a um homem alcançou a liberdade. A apresentação dos primeiros

⁸ O estrangeiro era alguém que devia receber atenção do povo de Israel, pois ele não tinha participação nas propriedades do povo e, portanto, era vulnerável ao abuso por parte de algum fazendeiro. O גֵר, ou estrangeiro, deve estar entre aqueles que comerão da oferenda do confessor diante de Javé (Deuteronômio 26,11).

frutos diante de Javé serve para testemunho do cumprimento da promessa da terra. O confessor, de Deuteronômio 26,1-11, é alguém com vida estável, perfeitamente adaptado ao seu contexto. Ele é livre para ir e vir. Ele toma decisões e reparte de seus bens com quem tem necessidade.

Este é o tema: **O confessor e o culto**, mas o culto onde? Qual é o contexto vivencial do confessor? Isso levará ao entendimento do contexto de nascimento desta confissão. É o contexto de experiência vivenciada por aqueles que primeiro declararam a confissão de Deuteronômio 26,1-11. Para isso, o texto será abordado por meio da exegese. A Terra, Deus e Homem estão circulando em torno de um Memorial dos Atos Libertadores de Javé.

II. Definição do problema e dos objetivos da pesquisa

A tese desta pesquisa está em que, observando Deuteronômio 12-26, encontram-se leis que tratam diretamente com o israelita (ou a israelita), membro da comunidade, e estas leis tratam sobre o modo em que o membro da comunidade deve se comportar dentro de diversas situações, em condições de estabilidade de morador da terra, dentro de sua própria herança. Uma delas é a posição do membro da comunidade e sua situação em relação ao culto. Mas em nosso texto, este culto parece mais relacionado a uma comunidade local, onde um membro dela apresenta seu fruto como expressão de fé e gratidão a Javé, seu Deus. Esta celebração é uma festa comunitária pela boa colheita. Como a confissão está envolvida por elementos redacionais posteriores, o problema com que esta pesquisa se depara é relacionado com as datas tanto confissão original, a qual está presente em Deuteronômio 26,5b-10^a, e os elementos redacionais colocados em torno desta confissão em Deuteronômio 26,1-5^a e 26,10b-11. As hipóteses apresentadas mais abaixo serão derivadas desta problemática.

Há vários elementos relacionados com o culto dentro de Deuteronômio. Como o israelita deve prestar seu culto a seu Deus? Ou, mais especificamente, depois de tomar posse da terra e receber sua colheita, qual deveria ser seu primeiro passo em relação ao seu dever de confessor leal a Javé? A confissão de Deuteronômio 26 busca estabelecer um padrão que constituía prática do povo, ou busca apresentar um modelo a ser seguido.

Na legislação, presente em Deuteronômio 12-26, nota-se que o israelita deveria prestar seu culto diretamente a seu Deus, sem a intermediação de pessoas, sacerdotes, a serem colocadas entre ele e seu Deus e esse culto deve vir pela motivação correta para a apresentação de sua gratidão a Javé – no caso apresentado pelo texto está a comprovação da posse da terra.

A questão que deve ser levantada é como a confissão, encontrada em Deuteronômio 26,1-11, se coloca dentro da vida de adoração que todo israelita, como homem livre, deveria ter diante de Javé. Em que momento esta confissão e a festa subsequente deveriam acontecer? Quantas vezes esta viagem deveria acontecer durante a sua vida?

É o confessor quem faz a sua oferta a Javé. No entanto, o texto em pauta apresenta o sacerdote israelita como alguém que participa deste culto com o ofertante israelita. A questão que se levanta sobre ele é qual o seu papel na vida da nação e sua relação com o confessor dentro de Israel, nesta confissão. Além disso, outras questões se levantam: Quando o adorador oferecia sua oferenda diretamente a Javé? Quantas vezes isso era permitido ao confessor? Isso se aplicava a ofertas de animais, ou somente a ofertas procedentes do produto do campo. Segundo o que é dito no texto, os animais não estão em questão. Em questão está uma oferta de origem agrícola para ser apresentada a Javé.

Mas esta pesquisa busca, além do que foi escrito acima, o entendimento que seja útil ao confessor contemporâneo e à pesquisa bíblica atual. Nisto está a relevância desta pesquisa para a sociedade atual, principalmente a religiosa, e para o campo da pesquisa bíblica. Ela não está limitada, em seus resultados, a uma análise meramente textual, mas em verificar sua abrangência dos princípios estabelecidos pelo texto para os dias contemporâneos, e que é possível produzir resultados benéficos à vida religiosa contemporânea.

Diante disso, o problema a ser resolvido com esta pesquisa está relacionado com o propósito desta confissão. O fim a que se destinava esta confissão era a recordação dos feitos de Javé em favor de seu povo na saída do Egito. Esse memorial deveria ser repetido anualmente durante a alegria do povo nas colheitas bem sucedidas da

comunidade. Mas ainda tem a presença do sacerdote, incluído em redação posterior a criação da confissão em si (Deuteronômio 26,5b-20^a).

Assim, como primeiro objetivo desta pesquisa está a análise do texto de Deuteronômio 26,1-11, e como ele está dentro de seu contexto de escrita – Deuteronômio 12-26. Este será um trabalho de exegese bíblica, aonde se procura entender o texto em sua forma de escrita, procurando entender seu contexto social a partir do que ele apresenta. Nesta primeira parte busca-se o entendimento do contexto do texto e como ele justifica a tese que o confessor tem mais autonomia em sua adoração que se costuma admitir. Um trabalho será feito para apresentar a confissão sem os limites redacionais que a envolvem para mostrar o papel ativo do confessor nesta períclope.

A partir disso, uma hipótese é levantada com o fim de ser respondida mediante a exegese do texto. A primeira hipótese é que a confissão foi dada como meio de relembrar os grandes atos redentores de Javé. Particularmente, o confessor não se lembra do chamado dos pais da nação, e suas peregrinações antigas, ou mesmo a obra de criação de Javé. Porém, ele lembra daquilo que o tornou homem livre, o ato poderoso do Êxodo. Portanto, o Êxodo é elevado à posição de um divisor de águas – o antes e o depois do Êxodo. É nele que Javé se revela como o Deus de seu povo, Israel.

O ato do confessor em oferecer uma oferta do produto da terra está em harmonia com a lembrança do Êxodo na confissão. Pois foi este evento que o encaminhou para a liberdade da terra da promessa. O confessor oferece seu produto, como oferta, diretamente a Javé, sem a intermediação do sacerdote do dia, seguindo uma tradição de longa data, aonde o chefe do clã representava sua família diante de seu deus. É o confessor no exercício de sua autonomia, em oposição a uma adoração institucionalizada e limitada por sacerdotes leais a realza. O confessor é um homem livre e ele usa dessa liberdade para cultuar seu deus. A terra e o seu Deus estão intimamente relacionados dentro dessa perspectiva. Javé é o Deus que tira seu povo de uma terra, que não é sua, a terra do Egito, e o leva para a terra que deve pertencer ao seu povo.

Dentro desta hipótese está o papel desempenhado pelo sacerdote. Sua função na confissão é a de testemunha daquilo que será declarado pelo confessor. Ele não tem função de intermediário entre Javé e o confessor. Assim, a afirmação diante disso é que a função do sacerdote, segundo este texto, é ouvir a confissão do confessor como testemunha que Deus cumprira sua promessa e, como resultado desse cumprimento, o confessor está de posse da terra, trazendo as evidências disso, sendo a tal evidência a cesta de frutos.

A questão de quantas vezes esta confissão deveria ser repetida pelo confessor será abordada a partir da perspectiva do ambiente vivencial que originou a escrita desta confissão. Esta confissão fora elaborada para ser repetida como memorial dos atos redentores de Javé para seu povo. Ela somente seria feita como prova que o adorador estava de posse da terra.

Esta confissão também poderia ser empregada em momentos quando acontecia a devolução da terra, nos anos de remissão (Deuteronômio 15,1), quando as dívidas eram perdoadas e a terra voltava para seus antigos donos, ou herdeiros. Ali seu primeiro proprietário voltaria a plantar e a colher, levando-o a um momento solene de adoração com a família diante do local central de adoração apontado por Javé. Mas isso diz respeito a momentos posteriores na história da nação, e não dizem respeito a esta pesquisa no momento.

Além disso, esta confissão também pode ter desempenhado papel valioso em tempos do pós-exílio, quando o povo retornava para terra e buscava posse de sua propriedade anterior, antes de seu deslocamento para o exílio. A ida ao Santuário Central seria um atestado público que a terra estava, outra vez, na posse da família a quem ela pertenceria desde sua posse no século oitavo ou período anterior a este. Fora estas exceções, esta confissão deveria ser apresentada dentro das comunidades locais e, posteriormente, diante do sacerdote, como prova que o confessor recebera a sua parte da herança da terra. Olhando desse lado, essa confissão seria única em seu propósito de ser memorial dos atos redentores de Javé. Mas essa redenção não terminou no sair do Egito, mas no possuir uma terra.

O segundo objetivo é derivado do primeiro objetivo acima. Partindo do princípio que a exegese levará ao entendimento correto do texto de Deuteronômio 26,1-11, então,

será possível alcançar o segundo objetivo desta pesquisa, o qual se propõe a apresentar as implicações desta pesquisa para adoração nos dias contemporâneos e para a pesquisa bíblica atual. Todo trabalho exegético tem como meta iluminar, de alguma maneira, a pesquisa bíblica com conteúdo que seja aproveitado por outros campos da pesquisa bíblica. Esta dissertação não foge a isto.

Deste objetivo deriva-se a segunda hipótese. Esta propõe notar que a oferta trazida pelo adorador tinha sua dimensão social. Esta oferta era para ser usufruída não somente pelo confessor e sua família, como também pelos menos favorecidos na sociedade. Esta hipótese atesta que a bênção recebida de Javé nunca é exclusiva de quem a recebe. Ele tem sua dimensão social. Por um lado, a confissão é também um meio de demonstrar gratidão a Javé por seus feitos redentores que o levaram ao ponto que ele chegou. Por outro lado, estes feitos redentores devem trazer efeitos práticos para vida do confessor – sua visão em direção aos menos favorecidos dentro da nação de Israel.

III. Justificativa do tema e texto escolhidos

A principal justificativa para a pesquisa na perícopes de Deuteronômio 26,1-11 é que esta tem recebido pouco tratamento dentro do campo da exegese bíblica. O livro de Deuteronômio tem recebido atenção no que diz respeito à sua datação e formação, bem como em trabalhos de comentaristas bíblicos. Mas pouca atenção tem sido dada às suas perícopes em particular e as implicações delas para a pesquisa bíblica atual. A perícopes de Deuteronômio 26,1-11, afora sua presença nos comentários e em poucos artigos, nada tem sido escrita sobre ela. Por esta razão, a presente pesquisa buscar apresentar sua contribuição, buscando, por meio da exegese, entender o texto, comprovando as hipóteses levantadas supra por esta pesquisa.⁹

⁹ Os comentários bíblicos a mim acessíveis são muito gerais em sua forma de apresentação da exposição do texto. Todos eles, como esperado, apresentam as idéias gerais sobre esta perícopes. Porém, o que se busca aqui é um trabalho em profundidade com o texto, entendendo cada parte dele na forma como ele é apresentado, dentro de seu contexto vivencial. Nesse sentido, nada tem sido feito até aqui. Quando se digita “Deuteronômio 26,1-11” ou “Deuteronomy 26,1-11”, nos documentos completos do Portal Capes, nada é encontrado de forma específica, que não esteja dentro de um comentário ou teologia bíblica. Também se tem feito pesquisa usando a palavra “deuteronomy” ou “deuteronômio”, porém, ainda aqui não há material específico Deuteronômio 26,1-11. O portal “Google Books” não se mostrou mais eficiente. Entretanto, os artigos ou livros encontrados nestes portais, quando úteis, entraram na bibliografia desta dissertação. O site www.metodista.br/biblica foi pouco consultado. Mas há material deste site citado na bibliografia e no corpo desta pesquisa.

A primeira pessoa a prestar um serviço de devoção, em um altar para sacrifício, a Deus foi um leigo, Abel, segundo a narrativa de Gênesis 4. Durante o período coberto pela narrativa de Gênesis 1-11 não se ouve qualquer informação do desenvolvimento de uma elite sacerdotal, a qual intermediaria o acesso do homem a Deus. Noé aparece oferecendo seu sacrifício, a semelhança de Abel – e de Caim também – em nome de sua família. O líder do clã é também o sacerdote da sua família, como nos exemplo citados.

Mesmo os construtores da chamada “Torre de Babel” não apresentam qualquer personagem intermediário entre eles e seus deuses. Os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó serviram de sacerdotes para suas famílias, exceto por um momento rápido da aparição da figura de Melquisedeque, em Gênesis 14, o qual é chamado de “Sacerdote do Deus Altíssimo”.¹⁰ Fora este momento, não se vê a aparição de qualquer sacerdote depois daí até o livro de Êxodo, com um espaço de mais de seiscentos anos percorridos desde Abraão até os eventos do Êxodo, segundo se pode calcular pela ordem dos eventos nestas narrativas.

Por outro lado, o livro de Deuteronômio tem seu conteúdo sempre dirigido ao membro, ou membros, da comunidade israelita, seja na segunda pessoa do singular, seja na segunda do plural (“tu”, “vós”). A mensagem do livro se dirige ao agente livre e que pode responder aos apelos da mensagem de Deuteronômio. Isso implica que nossa atenção deve ser centrada no fato que o redator, em sua primeira redação, considerou o homem israelita e a mulher israelita responsáveis pelos deveres a que o redator pretende apresentar.

A entrada de um sacerdote como representante de um ofertante parece estranho ao conteúdo de leis contido no bloco literário de Deuteronômio 12-26.¹¹ Por isso, a exegese buscará justificar a proposta que a presença de um sacerdote no meio da confissão encontrada em Deuteronômio 26.1-11 é resultado de acréscimos vindos

¹⁰ Está fora do propósito desta pesquisa desenvolver qualquer trabalho sobre Melquisedeque. Ela está limitada ao que está narrado em Deuteronômio 12-26, sendo, de modo específico, Deuteronômio 26,1-11. Mas vale salientar que esta é a primeira ocorrência de alguém denominado de sacerdote, a quem a pessoa ofereça ofertas para serem apresentadas diante de Deus, dentro da narrativa do livro de Gênesis.

¹¹ O aparecimento do sacerdote, na perícopes de Deuteronômio 26,1-11, mostra a influência da realeza judaica para sua auto-afirmação. Realeza e sacerdócio são apoiadores mútuos. A presença dos sacerdotes revela outro elemento – a sujeição do campo à cidade. A cidade, o principal destino do campo, mas também onde o produto do campo era comercializado e valorizado, busca controlar o homem do campo, impondo-lhe a necessidade de conferir tributo.

dos dias de Josias. Por outro lado, entendendo a antiguidade do texto, a função do sacerdote nesta perícope tem a função de um ouvinte da confissão do adorador e de testemunha que o confessor está de posse da terra e que Javé cumpriu as suas promessas para ele.

Por outro lado, a comunidade evangélica contemporânea tem diversas formas de entender o seu acesso a Deus. Em consequência, esta pesquisa, busca mirar o leigo em seu serviço eclesialístico, entendido ser este seu serviço prestado a Deus, no seu contexto religioso. Esta pesquisa busca entender essa aproximação do confessor de seu Deus dentro do culto em Israel, e em como esse entendimento pode servir para os dias atuais, afastando do foco aqueles que venham a candidatar-se a “super espirituais”, num mercado que cresce a olhos vistos.

IV. Delimitação desta pesquisa

Mas, para isso, e como esta pesquisa não pretende resolver todos os problemas religiosos contemporâneos, devem ser colocadas em pauta as limitações presentes para a realização desta pesquisa. A pesquisa a ser realizada tem, em primeiro lugar, a limitação do escopo bíblico. Neste caso, ela estará limitada ao livro canônico de Deuterônomo. Isso quer dizer que a perícope a ser pesquisada encontra-se dentro deste livro. Não se fará um trabalho teológico, no sentido de estudar a teologia do livro, mas se fará um trabalho de exegese com vistas a entender o texto dentro de seu contexto de vida onde ele nasceu.

No livro de Deuterônomo, a pesquisa estará limitada porção de 26,1-11 e seu contexto mais amplo, os capítulos 12-26. A proposta é fazer uma abordagem exegética dos onze primeiros versículos de Deuterônomo 26, e, depois, buscar o relacionamento destes com os capítulos que fazem parte do bloco dos capítulos 12-26, com o fim de demonstrar que a perícope está estreitamente relacionada com seu contexto. O trabalho de relacionamento, porém, não terá a mesma expressão exegética que a exegese do próprio texto. Isso quer dizer que a exegese própria será feita do texto de Deuterônomo 26,1-11. Entretanto, a relação com o contexto não será feita na base de uma exegese fundamentada na unidade dos capítulos 12-26, mas na demonstração de como o texto se encaixa dentro de seu contexto de escrita atual.

A outra limitação é que esta pesquisa não abará outros textos fora do livro de Deuteronômio para prova, mas ela estará junta aqueles que serão de apoio dentro do contexto do livro de Deuteronômio 12-26, e se necessário for, dentro de outras partes do próprio livro de Deuteronômio. Por esta razão, muito conteúdo, que poderia ser útil para propósitos mais abrangentes, não será colocado aqui.¹² Vale lembrar que a meta entender o texto de Deuteronômio em vista de sua proposta de um texto de confissão como memorial dos atos redentores de Javé e suas implicações sociais.

Assim, a pesquisa buscará entender o papel do confessor neste texto e o conflito existente com o lado sacerdotal – ou buscar entender qual é o papel do sacerdote nesta perícopa, a confissão do homem do campo e as partes de introdução e conclusão da perícopa. Outras fontes textuais podem ser citadas, mas a pesquisa buscará as fontes que sirvam de luz para esta perícopa, sendo tais fontes dentro do bloco de Deuteronômio 12-26, especialmente. Com isso, a pesquisa busca exaurir a perícopa em estudo, em todos os seus detalhes.

A terceira limitação está nas fontes de pesquisa. As fontes para esta pesquisa exegética são restritas aos livros de gramática hebraica, dicionários do hebraico, textos de comentários exegéticos, pesquisas sobre o livro de Deuteronômio e introduções ao Antigo Testamento. Deste modo, esta pesquisa se processará em cima de livros. É uma pesquisa bibliográfica. Como há carência de material sobre Deuteronômio 26,1-11, especificamente, buscar-se-á material que resulte da própria pesquisa exegética para melhor entendimento do texto.

Finalmente, há também a limitação na ordem de apresentação da pesquisa. Buscar-se-á a ordem de escrita do texto, na forma em que ele se apresenta agora, para apresentação do trabalho exegético, no capítulo reservado para a exegese de Deuteronômio 26,1-11. Esta apresentação busca o respeito para a ordem em que o texto está agora (a ordem em que aparecem suas orações coordenadas e subordinadas, suas palavras), entendendo-se ser essa a única ordem textual que temos, e esta é a única forma de apresentação do texto que pode ser analisada.

¹² Nenhuma discussão será apresentada sobre o papel do rei na liturgia israelita. A questão do sacerdócio pagão como mediador entre os homens e os deuses também não terá vez nesta pesquisa. A meta é mirar o texto de 26.1-11, e buscar entendimento dele – frase por frase e palavra por palavra, o quanto for possível. Um trabalho mais abrangente neste momento seria desproporcional ao que é necessário para este nível de pesquisa.

Assim, sendo esta a ordem em que ele se apresenta, nada se fará na busca de uma reconstrução textual. Esta está fora da meta desta pesquisa. Porém, haverá a apresentação de uma provável data para o texto, tendo como base seu conteúdo agora, e sua base social.

V. O método exegetico

A metodologia exegetica empregada na análise do texto de Deuteronômio 26,1-11 será apresentada em forma resumida aqui. Ela segue os passos básicos desenvolvidos na exegese.¹³ Não lhe foi atribuído um nome. Mas esta pesquisa sugere que o nome que mais a define é o de “Exegese Sociológica”, pelo motivo que ela busca trabalhar o texto da perspectiva do ambiente social em que o texto foi produzido, numa tentativa de entendê-lo como texto nascido a partir de um contexto social.

O primeiro passo na análise do texto é a tradução literal do texto a ser analisado. Notas de rodapé são acrescentadas para justificar a tradução e também para analisar o tipo de frase em que a palavra está inserida. O estudo da forma é o segundo passo. Neste, o texto é tratado na forma em que ele se apresenta no livro canônico hoje. Leva-se em consideração que a forma atual é a única que há e que o estudo dela revelará de quantas idéias completas esta forma se constitui. As idéias completas estarão expressas em parágrafos.

O passo seguinte é aquele em que se propõe uma data e autoria social prováveis para o nascimento do texto. Por meio de observação da fraseologia do texto, tanto por aquilo que ela contém como por aquilo que ela não contém, busca-se estabelecer uma data bem como o contexto vivencial, do qual brotou aquele texto. A fundamentação aqui é a sociedade que é envolvida pelo texto.

Finalmente, o estudo do texto em si segue os três passos anteriores. É aqui quando o trabalho de exegese propriamente dito é feito com a análise de frases e palavras para entender o texto dentro da forma e data em que ele se apresentou.

¹³ Estes passos são aqueles aplicados pelo Prof. Milton Schwantes em exercícios exegeticos em sala da aula. São passos simples, mas que buscam exaurir o que se pode conhecer do texto em estudo bem como seu contexto.

VI. Uma teoria literária do livro de Deuteronômio

O último elemento a ser tratado, dentro deste capítulo, “Questões hermenêuticas”, busca entender a teoria que trata da formação do livro de Deuteronômio. Deste modo, a finalidade deste bloco da pesquisa é destacar o entendimento sobre a formação do livro de Deuteronômio, basicamente olhando os períodos redacionais do livro de Deuteronômio. No final deste capítulo se assumirá uma perspectiva quanto aos períodos redacionais.

O livro de Deuteronômio tem uma marca bem característica, quando comparado com outros Códigos Legais, tais como o Livro da Santidade, o Livro da Aliança, e as leis do Documento Sacerdotal. Estes foram redigidos como oráculos divinos dirigidos a Moisés. Por outro lado, Deuteronômio foi elaborado como sendo a Palavras de Moisés ao Povo.¹⁴ Partindo do pressuposto que Deuteronômio teve, ao menos, três períodos redacionais (como será discutido abaixo), os redatores mantiveram uma simetria que fez do livro uma unidade literária sob a figura de “Moisés”. Não somente o livro invoca uma das maiores figuras da história da nação de Israel como seu autor, mas, ao fazer isso, o faz na forma de sermões, tornando o livro muito pessoal e direto.

Deve-se, porém, salientar que, entre os autores, não há unanimidade quanto a isso.¹⁵ Porém, a meta desta pesquisa é reconhecer isso, e tirar proveito em busca de assumir uma opção. Para isso, optou-se por um número limitado de autores a serem considerados com citação de seus pensamentos. A partir destes se buscará extrair uma conclusão que servirá de norteio para esta pesquisa, a fim de situar o texto de exegese em seu contexto vivencial.

A pesquisa bíblica divide, basicamente, em três períodos de redação do livro de Deuteronômio.¹⁶ O primeiro período é o período do Século Oitavo, o segundo é o período dos dias do rei Josias, e o terceiro período é o do exílio, provavelmente sob a

¹⁴ G. V. Rad, *Studies in Deuteronomy*, Londres: SCM Press LTD, 1953, p. 11.

¹⁵ Pedro Kramer, *Origem e Legislação do Deuteronômio*, São Paulo: Edições Paulinas, 2006, p. 11: “A pesquisa atual sobre o Deuteronômio revela que não há consenso... quanto aos pontos básicos, como sua origem, formação e composição”. Por esta razão, esta pesquisa não irá além daquilo que se entende ser o consenso entre os pesquisadores que o livro de Deuteronômio tem basicamente três períodos redacionais.

¹⁶ Este é um ponto onde não há unanimidade. Há quem defina os períodos redacionais no século oitavo a. C., no reinado de Josias e no período do exílio. Mas há também quem fixe um período redacional no reinado de Ezequias.

direção do sacerdote Esdras. O século oitavo parece pertencer ao trabalho literário de profetas, enquanto que os outros dois períodos parece ser trabalho redacional sacerdotal.

A. *A obra literária do século oitavo*

Deuteronômio é um livro discutível quanto à sua redação. Não há unanimidade quanto à redação do livro, nem quanto ao Deuteronômio original. Porém, uma das pessoas mais influentes na pesquisa do desenvolvimento da obra literária de Deuteronômio é Gerhard von Rad.¹⁷ Para ele, Deuteronômio 4,44-30,20 forma um livro completo em si mesmo, ficando os blocos literários de 1,1-4,43 e 31-34, como produto redacional da obra deuteronômica histórica, onde estão incluídos os livros bíblicos de Josué a 2 Reis.¹⁸

Dentro deste bloco principal, segundo G. von Rad, os capítulos de 12 a 26 são predominantemente exortativos, culminando com Deuteronômio 26,12-16, numa formulação pactual, seguida das declarações de bênção e maldição, muito comuns na elaboração de alianças, naquele tempo.¹⁹ O caráter de sermão do livro é notório dentro de 12 a 26. Aqui não é a apresentação de lei, mas a lei apresentada em forma de um sermão pregado.

Mas, qual será a fonte básica de literatura para a composição de Deuteronômio? Segundo G. von Rad, “quando examinamos o material tradicional incorporado a Deuteronômio, ficamos impressionados com o fato que grande parte das leis ou máximas do código sacral já é conhecida do Livro da Aliança (Êxodo 21-23)”.²⁰

¹⁷ Gerhard von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, Philadelphia: The Westminster Press, 1966, p. 12.

¹⁸ G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 12.

¹⁹ G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 12.

²⁰ G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 13. Nesta página, G. von Rad fez um trabalho comparativo para mostrar que grande parte do material relacionado com as leis, encontrado em Deuteronômio, tem paralelo no o Livro da Aliança. Observe os paralelos feitos por G. von Rad: Êxodo 21,1-11//Deuteronômio 15,12-18; Êxodo 21,12-14//Deuteronômio 19,1-13; Êxodo 21,16//Deuteronômio 24,7; Êxodo 22,16//Deuteronômio 22,28-29; Êxodo 22,21-24//Deuteronômio 24,17-22; Êxodo 22,25//Deuteronômio 23,19-20; Êxodo 22,26f//Deuteronômio 24,10-13; Êxodo 22,29f//Deuteronômio 15,19-23; Êxodo 22,31// Deuteronômio 14,3-21; Êxodo 23,1//Deuteronômio 19,16-21; Êxodo 23,2f, 6-8//Deuteronômio 16,18-20; Êxodo 23,4f//Deuteronômio 22,1-4; Êxodo 23,9//Deuteronômio 24,17f; Êxodo 23,10f//Deuteronômio 15,1-11; Êxodo 23,12//Deuteronômio 5,13-15; Êxodo 23,13//Deuteronômio 6,13; Êxodo 23,14-17//Deuteronômio 16,1-17; Êxodo 23,19a//Deuteronômio 25,2-10; Êxodo 23,19b//Deuteronômio 14,21b (p. 13).

Entretanto, G. von Rad nota que há material que é peculiar ao livro de Deuteronômio, o qual vem de diferentes períodos da história.²¹ Os materiais exclusivos de Deuteronômio são: as leis que tratam do homicídio cometido por um criminoso desconhecido (21,1-9),²² as ordens para tratar os diferentes casos de apostasia (13,2-6, 7-12, 13-19), as leis que regulam o comportamento do exército de Israel nas batalhas (20,1-9, 10-20; 23,9-14), as ordens para a escolha do lugar central para que seja estabelecido o centro de adoração a Javé, e leis relacionadas a esta centralização (12; 14,22-29; 15,19-23; 16,1-17; 17,8-13; 18,1-8; 19,1-13).²³

Uma pergunta a mais que G. von Rad tem para responder – qual a origem e propósito do livro de Deuteronômio? Para ele, os autores, ou redatores, de Deuteronômio estavam interessados em fazer o antigo culto e as tradições legais relevantes para seus dias.²⁴ É o que se pode chamar da mais forte evidência de contextualização dentro do Antigo Testamento.

Pesando desta forma, em cada período de montagem literária do livro, seus autores, ou redatores, foram profundamente interessados em tornar aplicável a palavra de Javé a novas realidades – as realidades presentes no século oitavo, nos reinados de Ezequias e Josias e ao próprio exílio e pós-exílio. Estas atualizações trouxeram vida nova as novas comunidades e suas novas gerações, na tentativa de entender os novos relacionamentos divinos em novos tempos.

Seguindo o pensamento de G. von Rad está Edesio Sánchez, o qual é da opinião que a origem do livro de Deuteronômio está no Reino do Norte, pois para ele, o próprio livro reflete a luta dos seguidores de Javé contra aqueles que defendiam Baal como deus de Israel, com uma temática voltada para uma época que tem como pano de fundo as pregações dos profetas Elias, Amós e Oséias.²⁵ Para ele, o livro

²¹ G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 15.

²² Para G. von Rad, esse material tem tudo para ser bastante antigo (G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 15).

²³ G. von Rad, *Deuteronomy – A Commentary*, p. 15-18.

²⁴ G. Von Rad. *Deuteronomy – A Commentary*, p. 23.

²⁵ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 19. Em seu livro, Pedro Kramer diz que origem do bloco literário mais antigo de Deuteronômio vem a partir de Êxodo 20,24-26 e 34,10-26; outra fonte para Deuteronômio é os temas teológicos, tais como o êxodo, o material do Sinai e a peregrinação no deserto; o “decálogo ético de Deuteronômio 5,6-21”; e os oráculos proféticos de Oséias, Amós e Jeremias (*Origem e Legislação do Deuteronômio*, p. 14-15).

experimentou acréscimos literários ao longo dos séculos,²⁶ sendo estas evidências apresentadas dentro do próprio livro de Deuteronômio (1,1; 4,44; 6,1; 12,1). Entrementes, os primeiros blocos de literatura deuteronômica devem ter aparecido entre o governo de Jeroboão II (786-746 a. C.)²⁷ e a queda da capital do Reino do Norte, Samaria, em 722/721²⁸ a. C.²⁹ Portanto, o contexto é o do século oitavo antes de Cristo.

Dentro deste contexto que vai da expansão, sob Jeroboão II, até a redução e queda de Samaria, diante do poder imperial da Assíria, Edesio Sánchez afirma que a mensagem desse período, a qual sublinha o conteúdo de Deuteronômio 6 a 28 foi: “a fidelidade absoluta a Javé, seu único Deus, e a insistência na igualdade entre os membros da nação berítica”.³⁰ Este foi o primeiro momento literário do livro de Deuteronômio, segundo Edesio Sánchez.

Vale notar que Edesio Sánchez tem pequena diferença com G. von Rad. Enquanto G. von Rad aponta que o Deuteronômio 4,44-30,20 formavam um bloco literário único, Edesio Sanchez coloca este bloco com menos capítulos, 6 a 28 somente.

Finalmente, chegou o exílio e o quarto momento literário do livro de Deuteronômio. Segundo Edesio Sánchez, em 587 a. C. e nos anos seguintes, o autor deuteronomista, buscou em Deuteronômio ajuda para “a comunidade exilada para reconhecer onde estava e a fonte de todos os males e quem, em última instância, era o culpado da situação”³¹. Estes foram os momentos de responder às grandes questões relacionadas com o exílio, principalmente aquelas acusações relacionadas contra Javé, o Deus de Israel, sobre os motivos da queda de Jerusalém, a impotência de Javé diante dos deuses dos inimigos de Israel, e se Javé teria retirado sua promessa de seu povo e de seu rei davídico.³²

²⁶ Um período de aproximadamente trezentos anos, o qual vai do século oitavo a. C. até o período do exílio babilônico. Segundo Pedro Kramer, o livro de Deuteronômio teve “trezentos anos de gestação” (*Origem e Legislação do Deuteronômio*, p. 16).

²⁷ John Bright, *História de Israel*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 343.

²⁸ John Bright, *História de Israel*, p. 369.

²⁹ Pedro Kramer, *Origem e Legislação do Deuteronômio*, p. 16.

³⁰ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 20. “Berítica” é uma terminologia empregada por Edesio Sánchez para se referir “ao povo de Deus, isto é, aqueles que têm sido convidados por Javé para serem parte de seu povo especial e estão unidos a ele por meio de uma aliança ou pacto”. Esta explicação de Edesio Sánchez é encontrada na nota de rodapé 4, na p. 20.

³¹ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 24.

³² Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 24.

Para dar respostas a estas questões e para apresentar a culpabilidade de Israel e Judá, os autores deuteronomistas deste período voltaram para o livro de Deuteronômio e a História Deuteronomista 1, e escreveram nova obra – a *Obra História Deuteronomística* 2. Os elementos desta nova obra histórico-teológica eram Deuteronômio 1 a 4 e 29 a 34, fazendo com que o livro de Deuteronômio se tornasse um elo entre os livros da lei e os livros da história de Israel.³³

Mas, qual é a finalidade destes últimos acréscimos ao livro de Deuteronômio? Mostrar para o povo do exílio que a história da salvação pode ter um novo recomeço, partindo do arrependimento do povo. O povo deveria buscar na bondade divina uma nova esperança e possibilidade retornar para sua terra. Javé não estava longe de seu povo. Estava ao alcance dele e na expectativa de sua conversão.³⁴

Para Shigeyuki Nakanose, o livro de Deuteronômio passou por um rico e grande período de processo redacional. E para evidenciar isso, ele destaca os variados cenários, temas estilos, repetições, unidades autônomas, e frases introdutórias espalhadas pelo livro inteiro (1,1; 4,44; 6,1; 12,1; 28,69; 33,1), além da clara presença de mudança de pronomes da segunda pessoa do singular e plural (“vós”, “tu”). Deste modo, o tempo para a redação de Deuteronômio foi de aproximadamente de 350 anos, cobrindo o espaço temporal que foi de Jeroboão II (750 a. C.) até Esdras (400 a. C.).³⁵

Para provar este longo período redacional, o livro de Deuteronômio experimentou seis períodos redacionais: o período pré-estatal, Reino do Norte, reforma de Ezequias, reforma de Josias, exílio, e pós-exílio.³⁶

O primeiro período, o qual ele denomina de “período pré-estatal”³⁷, é de onde as leis mais antigas, em sua forma embrionária, foram ganhando vida dentro das famílias, clãs e tribos. Estas leis foram se formando a partir da experiência de Israel no êxodo

³³ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 24.

³⁴ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 24-26. Notar שׁוּב em Deuteronômio 30,1-10, um verbo de apelo ao povo para seu retorno a Javé.

³⁵ Shigeyuki Nakanose, “Para entender o livro do Deuteronômio – Uma lei a favor da vida?” IN: *RIBLA*, 23, dezembro de 1996, p. 176-177.

³⁶ *RIBLA*, 23, p. 177.

³⁷ *RIBLA*, 23, p. 177.

(Dt 24,18-22), onde “a escravidão, a pobreza e a miséria”³⁸ eram o padrão de vida para Israel, e não a exceção.

O Deus de Israel, aquele que liberta um povo sem nenhuma perspectiva econômica,³⁹ é o mesmo Deus que entra em aliança com este povo. Este perfil, de um povo pobre e escravizado e subsequentemente libertado por um Deus amoroso, desenvolve a sensibilidade em favor daqueles que são pobre, órfãos, viúvas e estrangeiros dentro do Israel estabelecido na Terra da Promessa (Deuteronômio 14,28-28), mostrando, dessa forma, que o compromisso do povo ao seu Deus exigia compromisso do povo para com aqueles que entre ele não tinham como sobreviver.⁴⁰ Afinal, antes de ele estar plantado em Canaã, todas estas experiências fizeram parte de sua história. Essa história de sofrimento veio a resultar em um fim proveitoso para a nova comunidade que estava se estabelecendo dentro da nova pátria (Deuteronômio 15,7-11).

Para Shigeyuki Nakanose, além da repetição e aplicação destas leis dentro das famílias e daí, dentro dos clãs e suas comunidades, estas leis, as quais formavam o embrião de Deuteronômio, eram repetidas nas festas religiosas da comunidade por meio de suas liturgias. Era ali aonde a memória da comunidade era lembrada e onde o compromisso com a aliança com Javé era lembrado (Deuteronômio 16,1-3. 6-12).⁴¹ Assim, este autor coloca a origem das tradições confessionais dentro do círculo das famílias e daí para dentro das festas religiosas como forma de lembrar os atos poderosos de Javé no passado da nação.

B. O segundo momento literário de Deuteronômio

O segundo momento literário do livro de Deuteronômio ocorreu depois da queda de Samaria e com a descida de parte dos que ficaram e foram para dentro do Reino do Sul, Judá, levando aquilo que havia sido escrito de Deuteronômio até ali. Este momento literário aconteceu durante o reinado de Ezequias. Para Edesio Sánchez, os princípios básicos da reforma de Ezequias e aqueles trazidos pelos imigrantes do Reino do Norte, nas tradições de Deuteronômio, eram coincidentes. Deste modo, o grupo reformador do Sul tinha em mãos material de Deuteronômio que lhes

³⁸ RIBLA, 23, p. 178.

³⁹ Perspectiva econômica do povo.

⁴⁰ RIBLA, 23, p. 178.

⁴¹ RIBLA, 23, p. 178.

pertencia, e que foram importantes para impulsionar as reformas de Ezequias e, posteriormente, as de Josias.⁴²

Este era um momento de ampliar e estruturar o material que fora recebido do Norte. O material representativo disto fora estudado, utilizado e ampliado para as metas reformadoras de Ezequias no Sul. Este material era o que Edesio Sánchez chamou de “Código Deuterônômico”, constituído de Deuterônômio 12-26.⁴³

Nesta vinda do Código Deuterônômico para sul, veio também o centro teológico da singularidade de Javé para a adoração (Deuterônômio 6,4-5). Mas o sul deu também sua contribuição a isto, Jerusalém como lugar central para o culto a Javé, o único Deus a quem todo Israel deveria adorar.⁴⁴ Com a singularidade de Javé no centro da teologia de Deuterônômio, outros conceitos foram agregados, além do lugar central e seu irmão gêmeo, o santuário central (12,5-6).

O conceito de aliança sinaítica (30,15-18), um só povo (7,6) e a terra (9,4-5) se unem com os outros para formar o grande livro de Deuterônômio, mediante o trabalho de redação daqueles que se mantinham fiéis a Javé, durante o reinado de Ezequias. Como disse Edesio Sánchez, “a Palavra de Deus e o contexto histórico específico se uniram... para dar luz a um documento que viria a dar nova vida e vigor às gerações futuras, especialmente a Judéia de Josias e a comunidade do exílio...”⁴⁵.

C. O terceiro momento literário de Deuterônômio

A entrada para o terceiro momento literário de Deuterônômio está aberta. Para Edesio, este foi o momento em que Deuterônômio mais influenciou o povo de Deus.⁴⁶ Em 620 a. C., Josias começou sua reforma, tirando de Israel todo foco idolatria. Mas o maior avanço desta reforma veio com a descoberta, em 622 a. C., no templo, do livro da lei, ou do livro de Deuterônômio.⁴⁷ Segundo Edesio Sánchez, a maior fonte de propaganda para o livro de Deuterônômio foi a criação da *História*

⁴² Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 21-22.

⁴³ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 20-21.

⁴⁴ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 21.

⁴⁵ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 22.

⁴⁶ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 22.

⁴⁷ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 23.

Deuteronomística 1, a qual se constitui dos livros de Josué, Juízes, Primeiro e Segundo Samuel, e Primeiro e Segundo Reis.⁴⁸

É claro que a redação final deste livro veio no período do Exílio ou no pós-Exílio. Aquelas gerações precisavam outra vez ouvir a voz de Deus mediada por seu grande profeta, Moisés. Os textos das bênçãos e maldição precisavam ser revistos (Deuteronômio 27-30) para que o povo voltasse-se para Javé e pudesse entender seu momento histórico. Era neste ponto que a fé no Deus de Israel começava a ser renovada. O Exílio não era o fim de um povo. Era o recomeço com nova visão de seu Deus. Seus grandes profetas haviam passado. Mas a voz divina continuava sendo ouvida por meio da comunidade que buscava sentido e razão para viver e entender seu momento histórico.

Deuteronômio é assim – ele não perde seu valor histórico porque em cada época diferente ele continua a falar por meio de novos acréscimos redacionais adaptados às novas realidades históricas. É assim que a fé se renova. Novos momentos e novas gerações buscando entender sua realidade à luz da fé no Deus de seus pais que agora se torna o seu Deus também.

D. O que esta pesquisa assume

Pelo que se pode notar dos autores apresentados acima, há variadas opiniões sobre a formação do livro de Deuteronômio. Cada uma delas busca entender a formação do livro de Deuteronômio, com o propósito de traduzir o significado deste livro para o contexto contemporâneo dos autores e, por extensão, sua aplicação para os dias atuais. Isto é particularmente relevante porque era isso o que cada um dos autores (ou grupo de autores) de Deuteronômio estava tentando fazer em cada uma das atualizações do livro.

Porém, isso não quer dizer que porções maiores, como Deuteronômio 12-16 não tenham sofrido atualizações internas. Quer dizer apenas que esta pesquisa considerará blocos maiores em datas e lugares diferentes (Deuteronômio 1-11, 12-26,

⁴⁸ Edesio Sanchez, *Deuteronomio*, Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2002, p. 23.

27-34), mesmo que haja sintonia de pensamento com Frank Crüsemann, quando ele diz que dentro do Deuteronômio “apresenta múltiplos sinais de atualização”⁴⁹.

Para esta pesquisa, portanto, assume-se o seguinte: o livro de Deuteronômio tem sua escrita original proveniente de três períodos distintos: o primeiro período foi aquele encontrado no século oitavo, no Reino do Norte, de onde boa parte de Deuteronômio 12-26 vem.⁵⁰ Nesta primeira etapa do desenvolvimento literário de Deuteronômio, houve o desenvolvimento de leis baseadas em sua história de escravidão, cujo fundamento estava em sua repetição dentro das famílias e sua memória familiar. Este período foi importante para dar ao povo uma visão de solidariedade para com aqueles que necessitavam dela, como o pobre, o estrangeiro, a viúva e o órfão, principalmente por Israel ter sido escravizado dentro do Egito, e ali ter sofrido com estrangeiro. Esta consciência solidária fora formada dentro das famílias, sendo estas leis repetidas nas festas religiosas da comunidade, para alimentar e reformular estas leis para aplicações dentro dos clãs de Israel.

O bloco de Deuteronômio 12-26 tem um tom notadamente de um discurso que procede de alguém envolvido com a comunidade. Este tom é muito similar ao modo profético de falar. Deste modo, assume-se que a atividade profética está por trás da transcrição deste Código, com o fim de dar identidade ao povo e força diante dos desafios que a realeza do Norte e seu culto a Baal impunham ao povo do campo que desejava manter-se fiel a Javé. Edesio Sánchez que a “temática está muito próxima da época do profeta Elias (1 Reis 17-20) e a proclamação dos profetas Amós e Oséias”⁵¹. Este círculo profético montado por estes três grandes profetas do Reino do Norte pode estar por trás da escrita de Deuteronômio 12-26. Não se quer afirmar que estes profetas em si tenham sido seus autores, mas suas escolas proféticas devem ter influenciado grupos de profetas seguidores a escrever tal material.

Na escrita do século oitavo constituía-se em sua origem dos capítulos 12-26, o qual é basicamente constituído de leis apresentadas em forma de sermão, tendo

⁴⁹ F. Crüsemann, *A Torá*, p. 283.

⁵⁰ Assume-se que este bloco original de literatura de Deuteronômio sofreu atualizações para adaptar-se a períodos posteriores, como os tempos de Josias e o Exílio. O bloco literário Deuteronômio 12-26 é chamado também por Crüsemann “Código Deuteronômico” e com ele “Israel começa a formular pela segunda vez a vontade do seu Deus em um livro de leis” (Frank Crüsemann, *A Torá*, Petrópolis Editora Vozes, 2002, p. 282).

⁵¹ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 19.

apresentações de leis casuísticas, cuja estrutura básica é formada por prótase e apódose. Seu conteúdo origina-se pelo século oitavo a. C., sendo ele procedente do Reino do Norte, principalmente por ver sua essência ser proveniente da vida no campo.

Sua forma de ser escrita é aquela constituída de sermões pregados para sua audiência. Esta forma diferencia-se dos outros blocos de literatura no livro de Deuteronômio, como aqueles que constituem os capítulos 1-11 e 27-34, mesmo que eles também possam ser vistos da perspectiva de uma pregação. Os sermões são uma forma de tornar o conteúdo legal aplicável àquela realidade do momento. Para G. von Rad, “teologicamente, estes sermões são interessantes porque neles o pregador era obrigado repetidamente... a resumir em uma fecunda sentença a substância essencial, o coração da fé de Javé”⁵².

O segundo período é aquele que vem do tempo do rei Josias. Aqui, com a vinda dos foragidos de queda de Samaria, e com Deuteronômio 12-26 sob seus cuidados, o livro de Deuteronômio original caiu sob domínio de algum redator piedoso que o escondeu no Templo de Jerusalém para evitar que ele caísse nas mãos de Manassés, ou mesmo de Amom, filho e sucessor de Manassés. Porém, com a subida de Josias ao poder, e as reformas do templo autorizadas por ele, veio à luz o livro de Deuteronômio, muito provavelmente com o material de 4,44-30,20, como afirmou G. von Rad. Somente que este material novo pode ter sido acrescentado por obra de redação no templo.

Assim, o livro que nasceu nas festas religiosas do campo com o fim de lembrar os feitos de Javé do passado, agora, com as devidas atualizações, serve também à geração de Josias e sua reforma religiosa, dentro de um contexto de cidade, a cidade de Jerusalém, o lugar central onde Javé deveria ser adorado por seu povo. O fato do livro de Deuteronômio ter sido achado no templo já dá indícios que uma nova etapa redacional estava sendo construída sobre o livro, agora não por mãos proféticas, mas por mãos sacerdotais.

Em 622 a. C., ele foi descoberto pelos sacerdotes do templo no tempo do rei Josias, sendo inseridas ali duas alterações. A primeira diz respeito aos capítulos 1 a 11 e, a

⁵² G. von Rad, *Deuteronomy – A Commentary*, p. 20.

segunda, aponta para os capítulos 27 a 34. Há também as alterações internas, no bloco de 12 a 26, resultantes dos escribas de Josias, os quais encontraram o livro e o prepararam como instrumento de motivação para as reformas instituídas pelo rei Josias no século sétimo a. C. O outro bloco de outras alterações se constituiu (Deuteronômio 1-11 e 27-34) de acréscimos, elaborados pelos escribas de Josias, mas ligados aos sacerdotes, ao livro original, constituído por emendas ao bloco original.

O terceiro período vem do exílio, tendo este uma extensão dentro do período pós-exílico. Neste período Deuteronômio foi usado para que o povo do exílio entendesse que os males presentes em sua vida eram o produto de sua própria rebeldia. Provavelmente o material de Deuteronômio 1-4 e 29-34 tenham sofrido acréscimos de trabalho redacional deste período⁵³. Esta pesquisa entende que este grupo deuteronomista pertencia a classe sacerdotal, com seus escribas bem informados, principalmente se entendermos que a redação final veio sob a liderança do sacerdote Esdras.

Os materiais apresentados dentro dos blocos de Deuteronômio 1-11 e 27-34 serviram para dar moldura redacional ao bloco central de Deuteronômio 12-26. Pode-se observar isso da seguinte forma: Deuteronômio 1,1-5 há a introdução ao livro inteiro; em 1,6-4,43 acha-se o prólogo histórico; em 4,44-11,32 há o decálogo e exposição e exortações a partir das Dez Palavras; como o livro de Deuteronômio ganhou uma forma de aliança, então nos capítulos 27 e 28 são encontrados os elementos de bênção e maldição;⁵⁴ no restante do livro são achadas as palavras de apelo à fidelidade e pela vida de fidelidade a Javé (29-30), e elementos de continuidade (31-34)⁵⁵.

A linguagem do bloco literário de 12-26 é uma linguagem agrária. As frutas são colhidas e colocadas em um cesto para serem conduzidas a um lugar não especificado, as festas são para serem celebradas em um lugar central ainda a ser escolhido. Especificamente, Deuteronômio 26,1-11 é um texto do campo. Se fosse

⁵³ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 24-25.

⁵⁴ G. von Rad assinala que a forma de composição usada no livro de Deuteronômio é aquela usada na formulação de pactos (*Deuteronomy – A Commentary*, p. 21).

⁵⁵ Este é um resumo do esboço do livro de Deuteronômio encontrado em Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy*, Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1976, p. 67-69.

um texto de 622 a. C., ele provavelmente teria apresentado Jerusalém como lugar de adoração. Mas, isso não é o que é encontrado neste texto, apontando para a antiguidade do texto.

Portanto, esta pesquisa também assume que as marcas que os autores deixaram deixa perceber que os autores desta primeira etapa eram marcas procedentes de um estilo profético. Como é chamado de Código Deuterônômico, escrito em forma de discurso, apresentando situações e criando uma legislação que pudesse ser vivida para quem era do campo. A forma de discurso aponta para um estilo de sermão que era discutido oralmente dentro da comunidade.

Nos acréscimos apresentados nos capítulos 1-11 e 27-34 o que deixa transparecer é que a escola sacerdotal dos dias de Josias assumiu o material procedente do Reino do Norte e fez os seus acréscimos. Os detalhes históricos apresentados nos capítulos iniciais do livro, bem como a teologia que sublinha os escritos dos capítulos 1-11 mostra notório saber. Este tipo de saber trabalhado é típico de alguém que tinha seu trabalho baseado no escrever e ensinar. Isso era retido no Templo. Além disso, o trabalho bem elaborado de poesias apresentado no bloco vigente nos capítulos 27-34, bem como as porções relacionadas a maldições e bênçãos aponta para uma escrita em que havia uma necessidade de reconsideração da história passada e o estabelecimento de prejuízos e sucessos resultantes da obediência ou não a Javé. Isso implica que a escola sacerdotal continuou a trabalhar com o livro até sua redação final sob a direção de Esdras.

Por esta razão, duas escolas estão presentes no material de Deuterônômio. A escola dos profetas, ligada ao homem do campo e a escola sacerdotal, ligada ao Templo e a cidade. Esta fizera seu trabalho de acréscimos e redação final do livro, buscando aplicar aquilo que nascera no campo para a vida na cidade, bem como a toda vida do Reino do Sul, e também para a vida no Exílio e pós-exílio.

VII. Projeção dos capítulos seguintes

Esta dissertação será formada pelos seguintes capítulos. O primeiro é será formado pela Introdução, onde são abordados as “Questões Hermenêuticas”. Depois, no segundo capítulo, uma análise do conceito do Êxodo, mas limitado ao livro de

Deuteronômio. No terceiro capítulo o trabalho ali será exclusivamente com o texto de Deuteronômio 26,1-11. O último capítulo será a conclusão. Neste capítulo buscar-se-á mostrar a relevância desta pesquisa para a pesquisa bíblica e a vivência do povo de Deus nos dias atuais.

VIII. Revisando e avançando

Para concluir, vale reprisar alguns elementos. Primeiro, o tema da pesquisa aborda o assunto do Confessor e o Culto, mas este relacionado com a terra, Deus, o homem e o atos poderosos de Javé realizados em favor de seu povo no Êxodo como o centro ao redor do qual giram aqueles elementos. Depois se buscou indicar a definição do problema e os objetivos da pesquisa. O problema tem haver com o motivo da Confissão e seu tempo de citação, bem como o porquê da presença do sacerdote na Confissão, haja vista que ela fora criada para ser citada, anualmente, em momentos festivos de colheita. A partir disso, dois objetivos fora desenvolvidos, os quais geraram duas hipóteses. O primeiro objetivo é a análise da perícopes de Deuteronômio 26,1-11, cuja hipótese derivada é que a Confissão fora desenvolvida com o fim de manter viva a lembrança dos feitos de Javé no Êxodo. O segundo objetivo da pesquisa é apresentar implicações desta pesquisa para os dias atuais, e, saído disto, apresentar a segunda hipótese que a perícopes também tinha o objetivo de mostrar as dimensões sociais desta celebração.

O passo seguinte foi dar a justificativa para o tema e texto escolhidos. Aqui buscou-se mostrar que o texto escolhido é pouco tratado e que o alvo desta pesquisa é contribuir com a exegese bíblica. Além disso, o texto dá direção para o tema apresentado, pois os elementos do tema estão na perícopes, formado um eixo com o êxodo, em torno do qual giram a terra, Javé e o homem. Esta pesquisa, porém, fora limitada ao texto de Deuteronômio, na perícopes encontrada em Deuteronômio 26,1-11. Para o trabalho de exegese da perícopes foram estabelecidos os passos seguintes – tradução literal, estudo da forma e do contexto social do texto para datação, e a exegese própria.

Depois disso, partiu-se para o trabalho entender a formação do livro de Deuteronômio. Nesta pesquisa assumiu-se que o livro fora formado em três etapas redacionais. A primeira foi no oitavo século antes de Cristo, no Reino do Norte, sob

a direção de uma escola profética. As etapas seguintes, a do tempo do rei Josias e a do exílio, foram assumidas por sacerdotes.

Capítulo 1

O êxodo em Deuteronômio

Este capítulo tem com meta mostrar a centralidade do Êxodo⁵⁶ para a fé dos israelitas, e a importância de seu uso dentro do memorial desta nação. O evento do Êxodo goza, dentro da Escritura do AT, de relevância teológica, ao ponto de tornar-se o centro da lembrança do povo de Israel, quando se trata dos atos redentores de Javé, na saída do Egito.

Tanto a confissão de Deuteronômio 6 quanto a de Deuteronômio 26 buscam trazer a lembrança do Êxodo como ponto de partida para a libertação e formação de uma nação livre. É no Êxodo que o povo vira povo. É no Êxodo que o povo vira nação. O livro de Deuteronômio traz mudança significativa em dois elementos que envolvem o evento do Êxodo. A citação desses elementos neste momento é para começar a salientar a importância do Êxodo para a mentalidade do povo de Deus, Israel, na perspectiva de Deuteronômio.

O primeiro elemento é que ele coloca o Êxodo como motivo para a obediência ao mandamento da guarda do sábado (Deuteronômio 5), substituindo o princípio estabelecido em Êxodo 20, aonde o descanso divino, depois dos seus atos criadores, era colocado como o motivo básico para que o povo descansasse no sétimo dia. O segundo é a introdução e uso prioritário do verbo פָּדָה, em lugar de גָּאֵל como verbo principal, para declarar o Êxodo como um evento de resgate, ou de retirada, do povo de Javé do Egito.

O evento histórico denominado de Êxodo é central dentro da história de Israel. Nas declarações do confessor, o Êxodo aparece em sua narrativa histórica, ao pontuar que Javé foi quem fez Israel sair do Egito, depois de um tempo de grande sofrimento ali, e o conduziu para terra que ele prometera (Deuteronômio 26,8). O Êxodo termina quando o povo chegou a esta terra denominada de Canaã. É nesta onde o povo completa a realização de liberdade. É nesta terra onde a relação de passado e presente

⁵⁶ O Êxodo é central porque ele não somente é a história do processo libertador de Israel como o Êxodo leva a cabo outros elementos que são centrais na perícopa de Deuteronômio 26,1-11: o Deus libertador, a descendência confessante, e a terra que tal descendência recebe de Javé, seu Deus.

se torna notória, afinal, a promessa fora feita aos pais, mas quem herda a terra são os filhos.

Porém, qual a visão do autor (ou autores/redatores) do livro de Deuteronômio sobre o Êxodo? Tendo em vista que o livro teve, ao menos, três períodos redacionais, como os redatores, os quais trabalharam nestes períodos, viram o Êxodo, e a que eles relacionaram em seus escritos dentro de Deuteronômio?⁵⁷

Antes de seguir com a resposta para a pergunta acima, pode-se dizer, em primeiro lugar, que a palavra “êxodo” não aparece dentro do livro de Deuteronômio. A palavra “êxodo” vem do latim *exodus*, o qual vem, por sua vez, do grego ἔξοδος, sendo esta composta por duas palavras - ἔξ (“de fora”) e ὁδός (“caminho”).⁵⁸ Os tradutores dos livros do AT para o grego, a Septuaginta, buscavam nomear os livros pelo conteúdo. Daí foi que deram o nome de “Êxodo” para o segundo livro do Pentateuco.⁵⁹ Como o conteúdo do livro de Êxodo é a saída do povo do Egito até sua estadia aos pés do Monte Sinai e, depois, até sua entrada na terra para onde eles se destinam, então a palavra passou a ser usada para designar a saída do povo do Egito em direção à Terra da Promessa.

Como a palavra “êxodo” não aparece dentro das Escrituras do Pentateuco,⁶⁰ as definições do “Êxodo” devem ser retiradas a partir dos verbos empregados para apontar e descrever este evento. Verbo é uma palavra de ação. Assim, o evento denominado de “êxodo” vem a partir dos verbos empregados para descrevê-lo como ação, os quais indicam a agir divino dentro do processo de libertação do povo de Israel.

⁵⁷ Cabe aqui salientar que esta pesquisa não buscará trabalhar com os textos de Deuteronômio, neste capítulo, buscando identificar os períodos redacionais para cada texto. O que se fará neste capítulo é apresentar os textos em sua ordem de aparição dentro do livro de Deuteronômio, mesmo sabendo que eles podem pertencer a períodos redacionais diferentes, segundo tratado no capítulo 1 desta dissertação. O assunto da formação de Deuteronômio foi tratado dentro do capítulo 1 desta dissertação. Assim, mesmo que estes períodos redacionais não sejam citados aqui, eles servem de pano de fundo para esta parte da pesquisa.

⁵⁸ Literalmente, esta palavra traduz-se como “caminho de fora”. Mas o que ela queria significar era que, para os tradutores da LXX, os israelitas tomaram o caminho para fora do Egito, o caminho oposto ao Egito. É saída em lugar da entrada. Então a “fuga” do Egito é chamada de ἔξοδος. Numa linguagem popular, eles “deram no pé”, fugiram, escaparam.

⁵⁹ <http://pt.wikipedia.org>, artigo “Livro do Êxodo”.

⁶⁰ Ela não aparece nas outras Escrituras canônicas do AT. Porém, ela está presente na LXX para traduzir o hebraico יָצָא, מוֹצֵא, וְיָצָא (Wilhelm Michaelis, artigo “ὁδός” e outros IN: *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. V, p. 103-109).

Vale destacar que a ação é divina, mas mediada pela ação do homem no processo libertador. O Êxodo, portanto, deve ser visto a partir dos atos salvíficos divinos, em favor de seu povo, Israel, dentro de sua história, para libertação do mesmo, e vem com o partilhar das ações humanas em seu próprio processo de libertação do Egito.

Deve-se considerar que “um dos principais meios pelo qual Deus tem se revelado é num evento histórico... por atos que a comunidade de fé reconhece como divino”.⁶¹ Javé age para libertar seu povo. Estas ações são interpretadas e descritas pela comunidade de fé por meio de verbos de ação, os quais trazem Javé como sujeito de tais ações. Isto está em harmonia com natureza da própria língua hebraica que, em lugar de abstrações teológicas, simplesmente diz que Javé, seu Deus, age para o bem de seu povo.

Para Osborne, uma das características da língua hebraica é seu dinamismo. Nas palavras dele, “os hebreus eram voltados para as ações e davam ênfase aos atos de Deus na história linear”.⁶² Desta forma, Javé é sempre apresentado como o agente das ações libertadoras de seu povo e aquele que realiza os grandes atos salvadores em favor de sua nação.

Com isso em mente, esta pesquisa busca olhar o Êxodo como um evento que fora causado, e também como um evento libertador ou redentor.

I. O Êxodo como Evento Provocado

Agora, portanto, retornando a pergunta para dar-lhe resposta, quais termos verbais que definem o Êxodo como ação libertária, ação tanto divina quanto humana,⁶³ dentro da história de Israel? O primeiro verbo é aquele que mostra Javé como aquele que tira seu povo do Egito (“sair” [יָצָא]). Segundo Ernst Jenni, este verbo, tanto no

⁶¹ Eugene H. Merrill, “A Theology of the Pentateuch” IN: *A Biblical Theology of the Old Testament*, p. 63.

⁶² G. R. Osborne, *A Espiral Hermenêutica – uma nova abordagem à interpretação bíblica*, p. 96.

⁶³ Deve-se explicar um pouco mais a razão de se definir o Êxodo como uma ação de libertação onde há a cooperação da Divindade, Javé, com o elemento humano. Mesmo que os verbos a serem analisados tenham Javé como sujeito da ação, esta ação é mediada pelo agente humano. No caso em pauta, o agente humano é Moisés. Entrementes, pode-se acrescentar que não somente Moisés, mas todos os outros líderes, como Arão, Josué, Miriam e, bem como toda nação, como comunidade da fé, foram agentes cooperadores com Javé de sua própria libertação. Portanto, pode-se afirmar que Javé, o Deus de Israel, age em libertação, mas isso em cooperação com os agentes humanos, sacados do meio da comunidade de fé para serem os líderes daqueles que trabalharão sua própria libertação. É a ação de Javé mediada pela ação humana. Javé tira o povo e o povo sai.

qual quanto no hifil, é visto com frequência em literatura narrativa,⁶⁴ da qual faz parte o livro de Deuteronômio.

Com o emprego do tronco verbal hebraico causativo, o hifil, o Êxodo é visto como um evento causado por Javé. Todas as vezes que aparece o verbo יצא para indicar que Israel saiu do Egito por meio de um ato poderoso de Javé, o verbo aparece no hifil, para descrever Javé como o causador daquela ação. É nessa condição que são encontradas as ocorrências em que Javé aparece como sujeito deste verbo⁶⁵ (Deuteronômio 4,37-38; 5,6.15; 6,12.20-25; 7,8; 16,1; 26,8).⁶⁶

Para E. Jenni, o verbo יצא, no hifil, em, aproximadamente, metade das ocorrências neste tronco verbal, aponta para alguma atividade divina,⁶⁷ tendo Javé como o causador de tal atividade. Partindo disso, algumas observações são apresentadas. A primeira é que “sair” no hifil nunca é usado para uma atividade criadora de Javé, no sentido de uma criação original, mas para ações de Javé na natureza já criada.⁶⁸ Em segundo lugar, em seu sentido de “sair” ele pode ser entendido como “salvar” ou “libertar”, tornando este verbo no hifil em “... um verbo de salvação e libertação de grande importância”.⁶⁹

Pode-se destacar, deste modo, a importância deste verbo dentro da fórmula “Javé que te tirou do Egito”, a qual, segundo E. Jenni, “... se refere à ação salvífica primordial

⁶⁴ Ernst Jenni, artigo יצא, “Salir” IN: *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, volume I, p. 1040. Daqui em diante este dicionário será abreviado em DTMAT.

⁶⁵ As referências aqui apresentadas não pretendem ser exaustivas dentro do Pentateuco, mas buscam mostrar um quadro de como o Êxodo era visto quando Javé era colocado como sujeito das ações de libertação do povo do Egito, dentro do livro de Deuteronômio.

⁶⁶ O tipo de ação e a pessoa que promove a ação são diferentes no uso de יצא, “sair”, nestas passagens, mas o tronco verbal não. O hifil é usado em todos eles. Em Deuteronômio 4,37-38 o hifil é usado na 3ª pessoa do singular no imperfeito (“ele te tirou” [וַיֹּצֵאֵךְ]; ver também 5,15). Na pequena confissão encontrada em Deuteronômio 6,20-25, o mesmo imperfeito hifil é usado, mas o objeto direto é “nós”. O mesmo acontece em Deuteronômio 26,8. A mesma pessoa aparece em 6,12, mas não é o mesmo tipo de ação. Aqui é o perfeito que aparece (“ele te tirou” [וּצְאָךְ]; ver 7,8; 16,1). Porém, em 5,6 outro perfeito é apresentado, mas na 1ª pessoa (“eu te tirei” [וּצִיאָךְ]). As diferenças entre os verbos no hifil estão no tipo de ação. Quando o perfeito é usado, a ênfase está na visão de uma ação inteiramente acabada. Porém, quando o imperfeito é empregado, o autor está querendo dar ênfase ou ao começo ou ao fim da ação. Qualquer que seja a situação, o dinamismo está no foco, ao colocar a ênfase na dinâmica de Javé em extrair seu povo do Egito. Javé é bem ativo na extração do povo, encaminhando-o para fora e para um lugar distante do Egito.

⁶⁷ Ernst Jenni, artigo יצא, “Salir” IN: DTMAT, volume I, p. 1044.

⁶⁸ Ernst Jenni, artigo יצא, “Salir” IN: DTMAT, volume I, p. 1044.

⁶⁹ Ernst Jenni, artigo יצא, “Salir” IN: DTMAT, volume I, p. 1044.

de Javé e constitui ‘o primeiro credo de Israel’”.⁷⁰ Quando esta fórmula aparece na introdução aos Dez Mandamentos (Êxodo 20; Deuteronômio 5), os Dez mandamentos passam ser vistos como concessão de um Deus que liberta seu povo de uma condição de escravidão. Ao dizer que foi Javé quem tirou Israel do Egito, nota-se “... uma implicação que o êxodo é um ato de libertação da parte de Javé,... o hifil enfatiza a iniciativa de Javé”.⁷¹

Dentro deste “primeiro credo encontra o único verbo da frase - הוֹצֵאתִיךָ (“que causou o teu sair”; “que te tirou”). Aqui está o verbo, talvez, mais importante para declarar o Êxodo do Egito. Ele está no tronco causativo para reforçar que a saída do Egito foi uma saída provocada por Javé. A forma escrita, como aparece em Êxodo 20, encontra-se em dois outros lugares: Gênesis 15,7 e Deuteronômio 5,6. O primeiro caso é uma referência a saída de Abraão de sua terra, onde Javé se aponta como o causador dela. Esta provavelmente é uma identificação feita pelo redator com o povo de Israel, para apontar que Abraão também teve seu Êxodo, e este também fora em direção a Terra da Promessa, Canaã, lugar apontado para ser o seu lugar de liberdade. É para esta terra que o povo se dirige. Lá é o lugar de liberdade tanto para Abraão como para seus descendentes. A implicação clara disso é que o Êxodo é sempre em direção a liberdade, e esta está na Terra da Promessa, tanto para Abraão como para seus descendentes.

Os dois casos encontrados em Êxodo 20 e Deuteronômio 5 são referências ao Êxodo, fazendo do verbo הוֹצֵאתִי, no tronco hifil, um verbo técnico para a saída do povo do Egito, quando olhado da perspectiva de Javé como autor da ação. Mas, principalmente, notando a visão que a saída é uma saída causada por Javé. Neste aspecto, a saída de Abraão também se inclui como um protótipo do Êxodo que haveria de acontecer séculos mais tarde sob a liderança de Moisés. O Êxodo para a libertação de um povo em direção a mesma terra para a qual também se dirigiu Abraão.

⁷⁰ Ernst Jenni, artigo הוֹצֵאתִי, “Salir” IN: DTMAT, volume I, p. 1045. Nesta mesma página E. Jenni apresenta as ocorrências desta fórmula dentro do livro de Deuteronômio: 1,27; 4,20.37; 5,6.15; 6,12.21-23; 7,8.19; 8,14; 9,26.28.29; 13,6.11; 16,1; 26,8; 29,24.

⁷¹ H. D. Preuss, הוֹצֵאתִי IN: *Theological Dictionary of the Old Testament*, volume VI, P. 238. Doravante, este dicionário será abreviado em TDOT.

Portanto, o verbo יָצָא, “sair”, no hifil, tendo Javé como sujeito para este evento salvador, como aquele que tirou Israel do Egito por meio de demonstração de poder, como salientam as expressões confessionais “com mão forte” e com “sinais e maravilhas... contra o Egito... Faraó... sua casa” (Deuteronômio 6,20-25),⁷² é um verbo de ação para libertação, destacando Javé como agente ativo e causador deste evento.

Antes, porém, de seguir adiante, faz-se necessário destacar que יָצָא também é usado no qal para apontar para a saída de Israel do Egito. Mas quando ele é empregado neste tronco para designar este evento, o sujeito não é Javé, mas o povo de Israel. É assim que ele aparece em Deuteronômio 9,7; 11,10; 16,3.6.⁷³

Para E. Jenni, ““sair” no qal, “aparece..., quase sempre, no sentido de datação histórico-salvífica”.⁷⁴ E há razão para ele pensar assim, pois, em três das ocorrências acima (9,7; 11,10; 16,3a), os verbos estão no qal perfeito, apontando para a visão do evento como um todo, e tal evento, da perspectiva do leitor ou orador, ou mesmo o redator, é colocado no passado. Há outras duas ocorrências com o infinitivo construto (16,3b.6), cuja forma de tradução, “tua saída” (ARA),⁷⁵ mostra que o redator, na perspectiva do tradutor, estava pensando mais no evento fixo, colocado no passado.

Porém, esta pesquisa entende que esta afirmação, mesmo que pouca dentro do livro de Deuteronômio é não somente a lembrança de um evento datado no passado do redator ou orador, mas é também a recordação da participação do próprio povo naquele evento. As formulações pessoais (“tu saíste”; “vós saístes”) e o sufixo pronominal ligado ao infinitivo construto (“tua saída”, ou “teu sair”) direcionam para a participação do povo no encerramento de seu tempo de escravidão no Egito.

⁷² As construções “mão forte” e “braço estendido” serão trabalhados em detalhe no próximo capítulo, onde a exegese do texto é realizada.

⁷³ Como no caso do hifil, o tronco qal é usado com o verbo יָצָא tanto em sua forma finita como na infinita. Há versículos onde é encontrado o infinitivo do qal, mas noutros versículos é encontrada uma forma finita. Note-se em que versículos estas formas verbais diferentes ocorrem: em Deuteronômio 9,7 há um qal perfeito יָצָאָה (ver 16,3a), apontando para o evento passado como um todo, desde a saída do Egito até a entrada na Terra da Promessa. Deuteronômio 11,10 apresenta outro verbo perfeito יָצָאָה, sendo que a diferença entre este e o anterior é a pessoa (o primeiro é a segunda pessoa singular, este é a segunda pessoa plural). Deuteronômio 16,3b tem o qal infinito construto traduzido pela Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil, SBB) como “tua saída” [יָצָאָה]. Literalmente seria “o teu sair” (também em 16,6).

⁷⁴ Ernst Jenni, artigo יָצָא, “Salir” IN: DTMAT, volume I, p. 1046.

⁷⁵ Almeida Revista e Atualizada, da SBB.

Deste modo, enquanto que o hifil salienta a ação de Javé na libertação de Israel do Egito, o qal salienta a ação do próprio Israel em sua própria libertação das forças escravagistas, tanto de Faraó quanto de seu próprio povo.⁷⁶ Então, coloque-se assim: por um lado, Javé é aquele que, por meio de manifestações miraculosas, segundo a fé de Israel, provoca a saída do povo do Egito, o que é demonstrado por meio do verbo **סָּרַח** no tronco hifil.

Por outro lado, é o povo de Israel que sai do Egito tomando a iniciativa de dirigir-se para fora daquela nação, assumindo a direção de seu futuro, fora das fronteiras da escravidão. Esta ação é apresentada pelo tronco qal do mesmo verbo. O Êxodo é tanto uma ação de libertação divina, como também é ação de libertação humana. O interessante nisso é a arte da língua hebraica, ao empregar a mesma raiz, mas mudando o seu tronco de conjugação verbal, dependendo do sujeito da ação.

Como escreveu Milton Schwantes, “Na síntese da fé israelita, cabe ao êxodo o lugar privilegiado... Na libertação nasce o povo”.⁷⁷ É o povo que nasce para ser. Ser o que ele não havia sido até ali – o povo de Javé, organizado por suas tribos, e participante ativo de seu destino. Deuteronômio aponta, portanto, que o evento do Êxodo não é sem propósito. O povo não foi tirado do Egito para ser meramente livre. Ele foi tirado do Egito para ser o servo de Javé, mas um servo que também é povo de Javé (Deuteronômio 4,20; 6,12.13).⁷⁸

Firma-se assim um trabalho de equipe no Êxodo: Javé e seu povo de Israel. Javé causa a saída, mas esta saída é levada adiante com a participação ativa do povo de Javé. Portanto, vale lembrar que “alvo do êxodo é o dom da terra, onde Javé será ‘teu Deus’”.⁷⁹ O povo para ser povo precisa de uma terra, um lugar para desfrutar da liberdade, que o identifique e onde ele se estabeleça. O Êxodo fez isso possível para o povo de Israel. Da escravidão do Egito para a liberdade do serviço a Javé.

⁷⁶ É o Egito que é chamado como “casa de escravidão”. A palavra “Egito” é representativa, não somente de Faraó, como também de seu povo. A construção “casa de escravidão” ou “casa de escravos” deve ser um dito muito antigo e que fora apropriado pelo povo de Israel nessa confissão de introdução aos Dez Mandamentos. Este apelido pejorativo pode ter sido pronunciado por outros povos que foram escravizados pelo Egito, antes mesmo de Israel. Ao chamar o Egito de “casa de escravos”, Israel estava fazendo uma afirmação quanto à natureza daquele povo. Eles só eram o que eram por causa de sua voracidade em fazer escravos de povos outrora livres. O Egito constituía-se de um povo escravagista.

⁷⁷ Milton Schwantes, *História de Israel – vol. 1: local e Origens*, p. 84.

⁷⁸ H. D. Preuss, **סָּרַח** IN: *Theological Dictionary of the Old Testament*, volume VI, p. 239, 241.

⁷⁹ H. D. Preuss, **סָּרַח** IN: *Theological Dictionary of the Old Testament*, volume VI, p. 238.

II. O êxodo como evento redentor

A segunda forma de descrever o Êxodo é apresentá-lo como um evento de resgate de escravos, como apresentado nas fórmulas introdutórias aos Dez Mandamentos. Para isso, é necessário um resgatador, o que, naturalmente, aponta para Javé, aquele que vai ao Egito para resgatar seu povo da escravidão compulsória de Faraó. Porém, deve-se destacar que esta pesquisa não trabalhará com o verbo נָאֵל (“resgatar”, “redimir”),⁸⁰ mas somente com פָּדָה, o qual não possui uma forma substantivada de sua raiz.⁸¹

O verbo פָּדָה aparece em seis ocorrências dentro do livro de Deuteronômio (7,8; 9,26; 13,6 (hebraico); 15,15; 21,8; 24,18). Em 7,8⁸² פָּדָה é usado em uma frase paralela com o hifil de יָצָא: “... Javé causou vossa saída com mão forte, e te resgatou da casa dos escravos, da mão de Faraó, rei do Egito”.⁸³ Deuteronômio 9,26 apresenta outra ocorrência paralela destes dois verbos. Mas existe a diferença de contexto. Enquanto que em 7,8 Javé é o sujeito das ações de libertação do povo do Egito (“eu fiz sair”; “eu resgatei”), em 9,26,⁸⁴ os dois verbos são parte das memórias de uma oração atribuída a Moisés, enquanto suplicava a Javé para que não destruísse seu povo, argumentando que o povo era “... teu povo, a tua herança...”. Os dois verbos fazem parte de duas orações relativas que qualificam os dois substantivos, usados aqui como sinônimos (“teu povo” é também “tua herança”).

⁸⁰ Segundo J. J. Stamm, o verbo נָאֵל não aparece em sua forma conjugada em nenhum dos troncos verbais no livro de Deuteronômio, mas somente em sua forma de particípio substantivado com o sentido de “resgatador”, נָאֵל, segundo suas observações sobre o número de ocorrências do termo em todo o AT (para ver as ocorrências em todos os livros do A. T., J. J. Stamm, art. נָאֵל, IN: Jenni & Westermann, DTMAT, volume I, p. 551).

⁸¹ J. J. Stamm, art. נָאֵל, IN: Jenni & Westermann, DTMAT, volume I, p. 505.

⁸² נִפְדָּה, qal imperfeito consecutivo. Aqui o imperfeito mostra o desenvolvimento da ação atribuída a הוֹצֵא, o qual está no hifil perfeito. Este vê a ação em uma visão total. Aquele vê a mesma ação, mas em seu processo de desenvolvimento. Vale salientar que o objeto direto dos dois verbos são diferentes quanto ao número, além do tipo de ação já notada. O verbo “resgatar” tem o sufixo pronominal da segunda pessoa do singular (“te”), enquanto que o “sair” tem o sufixo pronominal da segunda do plural. Este aponta para a ação dirigida ao coletivo, a nação inteira foi objeto da ação de Javé em tirar o povo do Egito. Enquanto que o anterior focaliza o indivíduo daquele conjunto como objeto da libertação de Javé. Javé liberta um povo por meio de libertar os indivíduos que formam aquele povo.

⁸³ Tradução literal.

⁸⁴ פָּדָה, está no qal perfeito e vem primeiro. הוֹצֵאָה vem em segundo lugar e também está no perfeito, só que no hifil, ambos na segunda pessoa do singular. O “regatar” e o “sair” no perfeito destacam que a ação destes verbos é vista em seu todo. Entretanto, as duas orações são introduzidas por אֲשֶׁר, “que”, fazendo-as serem orações relativas adjetivas, as quais qualificam as palavras “povo” e “herança”. Uma tradução alternativa para o texto hebraico pode ser assim colocada: “E comecei a orar a Javé e disse: ‘ó Senhor Javé, não destruas o teu povo e a tua herança, que (a qual) tu resgataste com tua grandeza, que (a qual) tu causaste sair do Egito com tua mão forte’” (tradução literal).

O conjunto (פָּדָה e יָצָא) ocorre em 13,6 (hebraico), porém em formas do particípio.⁸⁵ Eles vêm dentro de um capítulo que busca fazer contraste entre a profecia pronunciada por um profeta de Javé e um profeta que é qualificado por ser um sonhador. Aqui o redator salienta a possibilidade de o sonhador propor ao povo a ida atrás de outro deus, que não Javé, caso sua mensagem profética seja cumprida. Se o povo seguisse tal profeta, ele estaria traindo Javé e o tal profeta estaria levantando uma rebelião contra Javé.

O argumento dado, para que o povo não se afastasse de Javé para seguir outro deus, estava baseado em duas qualidades atribuídas a Javé e ambas relacionadas com o Êxodo: “... falou apostasia contra Javé vosso Deus, o qual vos *esteve causando o teu sair* da terra do Egito, e *esteve te resgatando* da casa dos escravos...”.⁸⁶ Nota-se que a memória do Êxodo deveria ser o motivo para lealdade a Javé em um contexto de profecia. O tal Êxodo é caracterizado por uma saída, e tal saída é também um resgate.

As próximas três referências (15,15; 21,8; 24,18) trazem פָּדָה sozinho, deixando de lado a companhia do hifil de יָצָא. Destas, duas são verdadeiras recordações, ou memórias, dos feitos de Javé em favor de seu povo. Deuteronômio 15,15 e 24,16 começam da mesma forma: וְזָכַרְתָּ כִּי עֶבֶד הָיִיתָ בְּאֶרֶץ מִצְרַיִם (“E lembrarás que servo foste na terra do Egito”).⁸⁷ As frases restantes nos dois versículos são muito semelhantes, exceto pelos contextos em que eles estão inseridos, sendo que o povo, não somente deveria lembrar que fora escravo no Egito, bem como deveria lembrar que “Javé teu Deus te resgatou” [וַיַּפְדֶּךָ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ].⁸⁸

⁸⁵ יָצָא é hifil particípio, cuja tradução aproximada é “aquele que esteve causando sair”, ou “aquele que está causando sair”. הִפְדֶּךָ é qal particípio, o qual pode ser traduzido assim: “aquele que esteve regatando” ou “aquele que está resgatando”. Mesmo que os verbos פָּדָה e יָצָא estejam no particípio, há similaridades com Deuteronômio 7,8. A idéia יָצָא no particípio é completada por “vós” e פָּדָה é completado por “te”. Ambos são sufixos pronominais do plural e singular. Somente que o segundo vem junto com o particípio.

⁸⁶ Esta tradução busca destacar os particípios dando-lhes forma própria para salientar a ação contínua naquele momento da saída do Egito, mas da perspectiva do passado do redator.

⁸⁷ A conjunção כִּי, “que”, “porque”, pode vista como um ponto de destaque que chama atenção do leitor/orador para o que vai ser dito em seguida, aquilo que é o conteúdo da lembrança que deveria ter o israelita; assim, ela pode funcionar como se fosse dois pontos: “E lembrarás: servo foste na terra do Egito”. Com a palavra “servo/escravo” na oração que segue os dois pontos percebe-se que a ênfase dada pelo narrador está na palavra “servo”.

⁸⁸ Vale salientar que “te resgatou” torna a ação de Javé muito pessoal, e aproxima o Deus de Israel de seu povo, individualmente. Ao colocar dessa maneira, o israelita entenderia que Javé é um Deus do povo. Aquele Deus que imerge na existência de seu povo com o intuito de ser participante dessa história. É o Deus que faz história com seu povo, e faz história com cada indivíduo desse povo.

A lembrança que o povo manteria de sua escravidão no Egito e que Javé o resgatou dali deveria levar o povo a agir com generosidade com seus irmãos escravos (15,15), no ano da remissão. Esta mesma memória também deveria influenciar a forma de tratamento do órfão e da viúva (24,18). Portanto, a memória do Êxodo, como um feito poderoso de resgate da parte de Javé em favor de um povo escravizado, é chamado para ser o motivo para o povo, o qual fora resgatado, agisse com misericórdia para com aqueles que nada tinham, pois a ação de Javé foi um grande feito de misericórdia sobre aqueles que estavam escravizados no Egito, e que saíram dali por causa dos feitos poderosos de Javé. O homem liberto passa agir como instrumento de libertação para outros.

O final destes dois versículos mostra que essa recordação deveria ser recebida como uma ordem: “... e assim eu estou te ordenando...”⁸⁹ [עַל-כֵּן אֲנִי מְצַוְךָ].⁹⁰ O restante de cada um destes versículos mantém alguma diferença entre eles. Mas a ordem, ou mandamento [צִוָּה], tem por base saber que o povo foi escravo no Egito e que Javé foi seu resgatador. A implicação disso é que o povo que foi objeto de libertação deveria agir do mesmo modo para com aqueles que caíram, por algum motivo desconhecido, em desfavor.

O último versículo (21,8)⁹¹ está dentro de um contexto de homicídio não desvendado (21,1-9). Alguém é encontrado morto, mas não se sabe quem o matou. Feitos os cálculos para se descobrir qual era a cidade mais próxima do cadáver, os anciãos daquela cidade deveriam fazer determinados rituais para buscar o perdão divino e se eximir da responsabilidade daquele homicídio. O versículo 8 encerra esta perícope com o apelo pelo perdão divino, pois o povo daquela cidade é inocente: “Perdoa o teu povo, o qual tu, Javé, resgataste⁹²...”. O resgate do povo de Israel por parte de

⁸⁹ Essa tradução, “estou te ordenando”, é porque o verbo צִוָּה está no particípio do tronco piel. É claro que a presença do particípio tem como motivo dar atualidade ao mandamento, ao deixar o mandamento como se estivesse sendo dito naquele momento, e com valor presente para a comunidade presente ali.

⁹⁰ A presença do pronome pessoal, “eu”, אֲנִי, é para dar ênfase sobre quem está ordenando. Como assim: “Eu mesmo”, ou “Eu, eu mesmo”.

⁹¹ É último no sentido que será o último aonde ocorre o verbo צִוָּה, e que ainda não fora analisado. Haja vista que o último, no sentido da ordem de aparição em Deuteronômio, já fora analisado (24,18).

⁹² Em termos gramaticais, o que há aqui é qal perfeito, פָּדִיתָ. A oração é introduzida pela conjunção relativa אֲשֶׁר, “que”, introduzindo assim uma oração adjetiva que qualifica o substantivo “povo”: “Perdoa o teu povo, Israel, o qual tu resgataste, Javé...”.

Javé é dado como motivo para o perdão. O povo resgatado, mais uma vez, precisa do perdão divino para prosseguir.

Vamos notar o seguinte: em Deuteronômio 7,8 o verbo “resgatar” vem em uma oração que explica a oração que tem o perfeito hifil de “sair”. Assim, a ação divina de tirar o povo do Egito foi uma ação de resgate. O resgate aconteceu por meio de uma saída forçada do Egito. Em 9,26, os dois verbos estão no perfeito, e são empregados para qualificar o paralelo povo/herança. O povo ou herança de Javé é aquele que foi tirado e resgatado do Egito.

Em 13,6, os dois verbos aparecem em formas do particípio qal de “resgatar” e do hifil de “sair” em orações adjetivas, as quais qualificam Javé, e dão motivo para lealdade do povo a ele, quando desafiado a seguir outro deus por meio de um profeta ou sonhador. Em 21,8, a qualidade de Israel, como povo resgatado por meio das ações redentoras de Javé, é dada como motivo para que o próprio Javé o perdoe, no caso de um homicídio insolúvel.

Por outro lado, Deuteronômio 15,15 e 24,18 mostram que o povo deveria manter viva a lembrança do Êxodo como um resgate operado por Javé em seu favor, de tal forma que isso influenciasse seu comportamento em favor de seu irmão escravo, bem como em favor do órfão, da viúva e do estrangeiro. Poderia ser dito aqui que o favor recebido de Javé seria retribuído por meio de um bem a favor dos necessitados. A misericórdia recebida deveria resultar em misericórdia dada. Esperava-se, portanto, que a recordação do sofrimento experimentado resultasse em trabalho para amenizar e até impedir o sofrimento de outros.

Diante disso, deve-se perceber duas marcas indeléveis no povo de Israel. A primeira é aquela marca de uma nação escravizada. Os redatores de Deuteronômio consideraram esse elemento essencial para ser recordado pelo povo, de tal forma que fora colocado na forma introdutória dos Dez Mandamentos que, ao serem memorizados, manteriam a recordação da escravidão viva. A segunda marca é que este povo, escravizado pelo Faraó, fora resgatado por seu Deus, Javé. A saída para a liberdade marcou aquela geração e daí todas as que sucederam. Esse memorial não podia cair no esquecimento do povo.

Estas marcas, porém, têm haver com a formação do povo de Israel. O Antigo Testamento aponta para o Êxodo como aquele evento que teve “... papel fundamental para a existência do povo de Deus”.⁹³ É “na libertação (que) nasce o povo”.⁹⁴ Assim, fica mais fácil entender porque este evento tem marca profunda na mente de Israel, ao ponto de fazer parte de seus cânticos e de seus profetas (Oséias 11,1; Jeremias 2,6; Salmo 136).

Por outro lado, ao falar de Javé como libertador, o Êxodo também fala da condição do libertado, o povo de Israel. Em Deuteronômio 7,8, o Egito, sob o poder do Faraó, é chamado de “casa de escravos” ([מִבֵּית עֲבָדִים מִיַּד פַּרְעֹה מֶלֶךְ-מִצְרָיִם]);⁹⁵ cf. Deuteronômio 13,10; 15,15; 24,18), deixando claro que o estado em que vivia Israel ali era o de escravidão, uma escravidão resultante da opressão do Faraó. Era uma escravidão compulsória. Se Israel era escravo e Javé foi seu libertador, então o Êxodo direciona a atenção para Javé como Redentor.⁹⁶

Como Redentor, Javé é aquele que invade o Egito e retira, com força (“mão forte e braço estendido”), seu povo do domínio de Faraó. Como Redentor, Javé “... derrotou o senhor de escravos egípcio, libertou seu filho Israel diante de impossibilidade singular, e trouxe seu povo ao ponto onde ele confrontaria seu convite pactual com todas as suas promessas e expectativas...”.⁹⁷ Então, deste ponto de vista, o Êxodo é visto como o evento aonde Javé cumpre suas promessas para com seu povo, promessas feitas a seus ancestrais, mas agora cumpridas diante dos olhos dos filhos daqueles ancestrais.

Mas o Êxodo como resgate de um povo de uma situação de escravidão não deve somente ser visto como um meio de cumprir promessas e realizar uma aliança, como também deve ser visto como um evento que abre as portas para um período de descanso. O povo que é libertado é um povo escravizado, não tem vontade própria, e, por isso, não tem tempo de descanso. Exatamente por isso o povo deveria guardar o

⁹³ Milton Schwantes, *História de Israel – vol. 1: local e Origens*, p. 84.

⁹⁴ Milton Schwantes, *História de Israel – vol. 1: local e Origens*, p. 84.

⁹⁵ Literalmente o texto quer dizer: “da casa de escravos, da mão de faraó, rei do Egito”. “Casa de escravos” está em paralelo com “mão de faraó”, sugerindo uma esfera de controle “absoluto” do faraó sobre o Egito, ao mesmo tempo que declara que, no final das contas, o responsável pela escravidão no Egito era o faraó.

⁹⁶ Eugene H. Merrill, “Theology of the Pentateuch” IN: *A Biblical Theology of the Old Testament*, p. 68.

⁹⁷ Eugene H. Merrill, “Theology of the Pentateuch” IN: *A Biblical Theology of the Old Testament*, p. 68.

sábado como um dia de descanso e memorial destes dias sem descanso – “Lembra-te de que foste escravo na terra do Egito, e que o SENHOR te Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido...” (Deuteronômio 5,15).

Pode-se perceber aqui um grande ato da sabedoria israelita. Ao colocar o sábado como memorial do Êxodo, o israelita estava sendo levado a lembrar do Êxodo toda semana, pois toda semana teria um sábado.⁹⁸ Enquanto o israelita descansava, ele também recordava. Era um descanso para celebração. Era um descanso memorial. Recordar os grandes feitos de Javé serviria para mantê-lo no caminho da fé, em lugar de seguir outro deus que não se dera ao trabalho de libertar Israel do Egito.

Portanto, a motivação teológica para a guarda do sábado é o Êxodo, segundo o livro de Deuteronômio.⁹⁹ O final de Deuteronômio 5,15 coloca ênfase ao dizer que isso é um mandamento que deve ser guardado.¹⁰⁰ O povo resgatado é uma povo que, pelo resgate, torna-se livre. Como povo livre ele pode destacar um dia da semana para seu descanso, e relembrar que nem sempre foi assim em sua história. Enquanto o povo estava no Egito todos os dias eram dias de trabalho. Agora que o povo está livre, ele pode separar um dia, entre sete, para descansar. O descanso é para o homem livre, para seus empregados, para seu campo, e para seus animais. O efeito do resgate vai além do objeto direto do resgate, o povo de Israel. Atinge até o animal que lhe pertencia.

Em suma, o Êxodo foi o evento salvífico fundamental do passado da história do povo de Israel, e, para descrevê-lo como evento salvador, Deuteronômio emprega פֶּדָה.¹⁰¹ Daí notar que o Êxodo faz parte do memorial do povo de Israel encontrado em duas confissões dentro do livro de Deuteronômio (Deuteronômio 6,20-24 e 26,1-11). Estas confissões deveriam ser recitadas por gerações para que esta memória não caísse em esquecimento. A comunidade que se lembra do Êxodo é a comunidade que celebra seu Deus dentro de seus muros. Partindo do princípio que estas confissões eram

⁹⁸ Outro exemplo desta sabedoria é a circuncisão como recordação da aliança com Abraão e, ao mesmo tempo, como sinal de associação a essa aliança. O circuncidado, ao olhar para seu membro viril traria à sua lembrança a quem ele pertencia e com quem ele tinha compromisso.

⁹⁹ Eugene H. Merrill, “Theology of the Pentateuch” IN: *A Biblical Theology of the Old Testament*, p. 68.

¹⁰⁰ Há diferença entre a motivação teológica para a guarda do sábado em Êxodo 20 e a que é colocada em Deuteronômio 5. Ali, a motivação é a criação. Javé criou o mundo e depois descansou. Assim deveria fazer o israelita depois de uma semana de trabalho, seguindo o exemplo de Javé. Em Deuteronômio 5 a motivação é o Êxodo.

¹⁰¹ J. J. Stamm, art. פֶּדָה, IN: Jenni & Westermann, DTMAT, volume 2, p. 511.

feitas nas festas no campo, então elas nasceram para que o camponês não esqueça quem ele é e como ele chegou aonde chegou. A liberdade que ele agora possui foi uma liberdade custosa. Assim, recordar o Êxodo o ajudaria a manter-se livre de outra escravidão.

Deuteronômio também emprega o verbo *סָרַח* para falar do Êxodo. No hifil, Javé é o sujeito causador do Êxodo. Já no qal, o povo é o agente ativo de sua própria libertação. Deste modo, o Êxodo tem tanto a participação divina como a humana. É o evento do coletivo em direção para uma vida de liberdade. Javé e seu povo, no Êxodo, saem do Egito em direção a Terra da Promessa para vida em harmonia entre celebrante e celebrado. É num momento de celebração que Deuteronômio 26,1-11 pode ser colocado. É o povo que sai tomando o seu futuro em suas mãos. Mas ao mesmo tempo é um povo que sai por meio de uma saída causada. Uma saída que é também um resgate. Um povo resgatado é um povo grato. Deuteronômio 26,1-11 mostra essa manifestação de gratidão.

Capítulo 2

A exegese de Deuteronômio 26,1-11

Este capítulo é o coração da dissertação, constituído de três elementos básicos. O primeiro aborda os elementos preliminares para o estudo do texto, onde é realizada a tradução, o mais próximo do literal, com notas explicativas de diversos vocábulos do texto hebraico, mantendo-se, por causa da natureza desta pesquisa, os vocábulos citados em hebraico, em notas explicativas. A tradução é fundamental para o segundo elemento preliminar que é o estudo da forma em que o texto se apresenta na atual redação. A tradução do texto hebraico busca entender o texto a partir do hebraico bíblico para notar suas idéias completas e estabelecer os parágrafos.

A tradução é necessária para se descobrir os elementos (frases, parágrafos) que vêm do estado original da confissão e aqueles que foram acrescentados no decorrer dos processos redacionais. Finalmente, o estudo da forma redacional do texto encaminha para a data, vista da perspectiva social do texto (o ambiente de vida do texto). O estudo da forma revela quais possíveis elementos foram acrescentados e que épocas redacionais são tratadas no texto.

O segundo elemento básico deste capítulo é a exegese própria do texto para desenvolver em detalhe os elementos de defesa das hipóteses levantadas no capítulo introdutório. É neste momento em que a forma estudada demonstra seu valor para o esboço exegetico. Aqui o procedimento exegetico segue a ordem em que o texto está escrito na forma atual. Este procedimento é chamado de conteúdo textual, ou a pesquisa em cima daquilo que está no texto escrito.

O último elemento é a demonstração da relação existente entre a confissão (Deuteronômio 26,1-11) e o livro de Deuteronômio, mas de modo particular, o bloco que se constitui dos capítulos 12-16. A finalidade deste elemento é demonstrar que os assuntos abordados na confissão estão espalhados pelo livro inteiro, e que seus redatores, mesmo estando em diferentes momentos históricos, como o oitavo século, o tempo de Josias e o período exílico e pós-exílico, foram hábeis em manter entrelaçamento perfeito. Aqui se tem uma tentativa de mostrar que o livro é, literariamente, bem tecido.

Neste último elemento há implicações do texto em estudo para o contexto do livro de Deuteronômio, com o fim de se perceber os valores literários do livro, a partir do trabalho literário dos redatores.

I. Os preliminares do texto

A. A tradução de Deuteronômio 26.1-11: O texto revelado

A tradução do texto segue o mais próximo, possível, do texto hebraico. Não será uma tradução dinâmica, mas a expressão do literal hebraico. O propósito dela é apresentar o texto em seus parágrafos, os quais contêm idéias completas, de tal forma que, com estas unidades completas de pensamento, perceba-se a forma em que se apresenta o texto na atual forma de escrita.

A tradução distribui o texto a partir das orações principais, seguidas por suas orações e palavras que modificam orações e termos no próprio texto, dentro de cada parágrafo. Buscou-se salientar as diferenças entre as orações principais e seus modificadores na forma em que se apresenta a tradução do texto.

[1] E será¹⁰² (que), quando vieres para a terra,¹⁰³
a qual Javé teu Deus dá¹⁰⁴ para ti
herança/possessão,¹⁰⁵

¹⁰² O verbo *הָיָה* no perfeito com *וְ* é usado para introduzir locuções temporais com sentido futuro: “E será...” (Ross, p. 146). Aqui ele pode ser traduzido por “e acontecerá” para apontar para um evento futuro, quando tais disposições serão favoráveis. O evento futuro, naturalmente, verifica-se naquilo que seria feito pelo ofertante diante do sacerdote. Este tipo de construção ocorre com muita frequência dentro do livro de Deuteronômio. A razão para isso está na própria natureza do livro. Como ele foi escrito em períodos redacionais diferentes, os redatores buscaram colocar-se da perspectiva de um antepassado distante, assim usando esta construção para colocar uma perspectiva de futuro. Deve-se lembrar que *וְהָיָה* aparece em Deuteronômio como verbo comum, sem estar numa construção temporal. Outras ocorrências de *וְהָיָה* numa locução temporal são: Deuteronômio 5,29; 6,1; 7,12; 8,19; 11,13.29; 12,11; 15,16; 17, 18; 18,19; 20,2.9; 21,3.14.15.16; 22,2; 23,12.15.22; 24,1; 25,2.6.19; 27,2.4; 28,1.15.63; 29,18; 30,1; 31,17.21.

¹⁰³ Aqui temos uma locução adverbial temporal [*וְהָיָה כִּי-תָבוֹא אֶל-הָאָרֶץ*]. Esta estabelece o tempo futuro quando o israelita teria a posse a terra. O verbo *בֹּא*, traduzido no modo subjuntivo, está no imperfeito. Deste modo, ele pode ser traduzido no futuro – “tu virás”. O sentido subjuntivo é resultado do entendimento da conjunção *כִּי* (aqui com o sentido de “quando”) que, junto com o perfeito consecutivo de *הָיָה*, dá essa idéia de futuro subjuntivo.

¹⁰⁴ *נָתַן* é particípio do ver *נָתַן*, “dar”. Aqui ele salienta tempo similar com a locução adverbial temporal. Então, o sentido desse verbo é futuro – “estará dando”, em forma perifrástica, ou, simplesmente, “dará”.

¹⁰⁵ Atentemos para esta oração adjetiva, colocada, aqui, como modificador de “terra”. A terra do confessor será a terra recebida como dádiva divina [*אֲשֶׁר יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נָתַן לְךָ נַחֲלָה*]. Há oito orações adjetivas na perícope de Deuteronômio 26,1-11.

tu a possuirás,¹⁰⁶
e habitarás nela.

[2] E tomarás do primeiro (melhor)¹⁰⁷ (de) todo fruto do solo,¹⁰⁸
o qual tu trarás¹⁰⁹ da tua terra,¹¹⁰
a qual Javé teu Deus dará para ti.¹¹¹
Tu colocarás (o primeiro)¹¹² no cesto,
e irás para o lugar,
o qual escolherá Javé teu Deus,
para estabelecer¹¹³ o seu Nome lá.

[3] E tu virás para o sacerdote,
o qual será naqueles dias,¹¹⁴
e dirás para ele:¹¹⁵
“Eu declaro, hoje, para Javé teu Deus,¹¹⁶
que vim para a terra,
a qual jurou Javé,
para nossos pais,
para dar¹¹⁷ para nós”.

¹⁰⁶ Os verbos “possuir” e “habitar” estão sendo usados como sinônimos. O ato de possuir é entendido como sendo o ato de habitar. Em português, o conceito de possuir e habitar não são sinônimos. Mas aqui, o habitar entende-se morador da terra como aquele que também é seu dono, diferente do גָּר. O habitar salienta que quem habita tem direito de posse, segundo este contexto. Porém, é possível, em outro contexto, que a pessoa que não seja o verdadeiro possuidor daquela terra, mas seja, em linguagem contemporânea, um “morador”, apenas.

¹⁰⁷ “Primícias” ou, simplesmente, “primeiro”, tem haver não somente com cronologia, por ser o primeiro fruto, mas também com a condição de fruto que é o melhor da colheita. Então, “primícias” têm haver com melhor qualidade, ou com o conceito que o que vem primeiro é melhor do que o que vem depois.

¹⁰⁸ “Solo” é tradução do hebraico אֲדָמָה. É a terra fértil, ou o solo cultivável. Javé não dera terra árida para seu povo. Ele dera boa terra.

¹⁰⁹ Esta é a segunda ocorrência do verbo בִּיאַ, “vir”, a diferença é que, na primeira ocorrência, ele está no qal, daí o sentido de “vir/entrar”, mas aqui ele está no hifil, o grau causativo do verbo hebraico. Assim o sentido é “causar vir” ou simplesmente “trazer”. Se a pessoa traz, então ela é a causa da chegada de algo a um determinado destino, ou, simplesmente, ela traz.

¹¹⁰ “Terra” e “solo” têm pequenas diferenças. “Terra” é a área aonde se encontra do “solo” produtivo, o país com suas fronteiras delimitadas. Então, “terra” é a área física mais ampla aonde se encontra o solo – ou a área da propriedade – do confessor.

¹¹¹ Nota-se aqui uma construção de oração adjetiva que qualifica outra oração adjetiva. A primeira, “o qual tu trarás da tua terra” qualifica a palavra “fruto”. A segunda, “a qual Javé teu Deus dará para ti”, qualifica a palavra “terra”.

¹¹² Fica subentendido que o que será colocado na cesta é o primeiro fruto colhido do campo. Assim, a palavra “primeiro” está colocada entre parêntesis, pois ela não está no texto hebraico.

¹¹³ Temos aqui um uso do infinitivo construto numa construção adverbial de propósito (ARNOLD & CHOI, *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*, p. 71). O verbo está no grau piel (לְעֲשׂוֹת). Javé escolherá um lugar com o fim específico de ter um lugar representativo de sua pessoa.

¹¹⁴ A presença desta construção apositiva especifica um sacerdote vivo nos dias em que o confessor vier apresentar sua oferta. O conceito de sacerdote vivo inibe a idolatria mais que um sacerdote morto, por mais relevante que este tenha sido para a nação.

¹¹⁵ Esta confissão é dirigida ao sacerdote do dia, apresentando a motivação para que o confessor viesse apresentar sua oferta. Ou melhor, o motivo dele estar ali com aquela oferta. Notemos que o verbo diz: “... dirás para ele (o sacerdote)”. Esta é uma clara distinção entre esta confissão e a que inicia no versículo 5. Elas são diferentes em tamanho como a quem ela é dirigida.

¹¹⁶ Para o narrador, Javé é o Deus do confessor, por isso ele deve fazer esta homenagem a ele. Para o confessor, Javé é o Deus do sacerdote, a quem ele apresenta sua oferta. Esse detalhe aponta na direção da irmandade existente entre o confessor e o sacerdote. Os dois fazem parte dessa grande família originada pelo “meu pai arameu”.

- [4] E tomará o sacerdote a cesta de tua mão,
e a colocará diante do altar de Javé teu Deus.
- [5] E tu responderás
e dirás diante de Javé teu Deus:¹¹⁸
“Arameu, meu pai, perecendo,
e desceu para o Egito,
e peregrinou ali, com machos¹¹⁹ poucos.
E tornou-se ali uma grande nação,
numerosa e grande.¹²⁰
- [6] “E quebraram-nos os egípcios,
e humilharam-nos,
e deram sobre nós trabalho severo.
- [7] “E gritaram para Javé,
Deus de nossos pais,
e Javé ouviu nossa voz,
e viu a nossa aflição,
e a nossa tribulação,
e a nossa opressão.
- [8] “E Javé causou nosso sair do Egito,¹²¹
com mão poderosa,
e braço estendido.
e grande terror,
e sinais,
e maravilhas.
- [9] “E (Javé) nos trouxe para este lugar,
e deu para nós esta terra,
terra que mana leite e mel.
- [10] “E agora,
Eis que eu trouxe o primeiro fruto do solo,¹²²
o qual Javé deu para
mim”.¹²³
E o colocarás diante de Javé teu Deus,¹²⁴
e te curvarás diante de Javé teu Deus.
- [11] E regozijarás¹²⁵ em toda bondade,

¹¹⁷ Verbo infinitivo construto numa construção adverbial de propósito (Arnold & Choi, *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*, p. 71). O verbo está no grau qal (לִיָּן). O propósito do juramento foi dar. Ou pode-se colocar de outra forma, Javé jurou com o fim de estabelecer a certeza do dar.

¹¹⁸ Esta confissão parece que seria apresentada do adorador diante de Javé. É uma confissão solitária. O papel sacerdotal foi colocar a oferta diante do altar. Aqui, o sacerdote é intermediário entre o ofertante e o altar, local de oferenda.

¹¹⁹ Eles eram os representantes dos clãs de Israel.

¹²⁰ Dois adjetivos para qualificar o substantivo “nação”.

¹²¹ Os cinco elementos dados em seguida servem para mostrar o acompanhamento da atividade de Javé em fazer o povo sair do Egito.

¹²² Esta é a segunda vez que aparece a palavra אֶמְצֵא na confissão. A presença do fruto na confissão é demonstração que o solo é fértil.

¹²³ Outra oração apositiva, usada para qualificar o solo, num reconhecimento, outra vez, que a terra é dádiva de Javé.

¹²⁴ Esta parte final é resultado de uma roupagem redacional, mas que se inicia no versículo 10. Para ela ficar mais destacada deveria ser toda ela colocada no versículo 11, pois assim teríamos a confissão isolada dos elementos redacionais.

a qual deu para ti Javé teu Deus,¹²⁶
e para tua casa.
Tu e Levi e o peregrino que (está)
no teu meio.¹²⁷

B. A Forma

Deuteronômio 26,1-11 se constitui de três partes. Cada parte tem uma “voz”. Neste texto encontra-se a voz do redator e a voz do adorador. A primeira e a última servem de moldura redacional para a confissão. Esta é, na realidade, a segunda parte e o coração do texto.

A primeira parte introduz a confissão e o que se encontra nela é a voz do redator dizendo o que o adorador deveria fazer quando os frutos da terra viessem a ser colhidos e aonde ele deveria levar os primeiros frutos da colheita. Esta parte ocupa o espaço de três versículos e meio desta perícopa (Deuteronômio 26.1-3^a). Aqui são encontradas três orações principais: “E tomarás do primeiro...”, “E tu virás para o sacerdote”, e “e dirás para ele”. Primeira oração é uma oração adverbial temporal, e, por isso, ela funciona mais como um modificador da primeira oração principal. Todas estas orações apresentam desenvolvimentos redacionais que as modificam.

A voz do redator se faz ouvir no meio da confissão, fazendo separação entre a primeira e a segunda partes. Aqui não há muito trabalho redacional. As três orações que constituem são orações coordenadas aditivas encontradas nos versículos 4-5^a: “E tomará o sacerdote...”, “e a colocará...”, e “E tu responderás”.

Percebe-se que, na primeira e segunda participações do redator, este faz uma inserção do trabalho de um sacerdote diante da ação do confessor, em prestar sua devoção a Javé, apresentando sua oferta diante do altar. O trabalho do sacerdote aqui é muito silencioso. Além de ele receber o cesto com os frutos e colocar diante do altar, ele também é colocado para ser o ouvinte da confissão do adorador diante de

¹²⁵ A confissão tem quatro momentos: o primeiro foi o tempo de peregrinação em difíceis circunstâncias (“perecendo”). O segundo foi o da escravidão compulsória no Egito. O terceiro foi o momento da chegada e posse da terra. Finalmente, o tempo de regozijo pelos frutos colhidos e apresentados diante de Javé.

¹²⁶ Oração apositiva adjetiva. É uma oração de qualificação.

¹²⁷ A alegria era uma alegria repartida. A observação acrescentada, “no teu meio”, demonstra que o “peregrino” (ou “estrangeiro”) era alguém conhecido do Confessor. A razão para isso é que este tipo de festa é bem familiar. Assim o estrangeiro era alguém que, mesmo sendo de fora da nação de Israel, era conhecido do Confessor e sua família.

Javé. O sacerdote, porém, não fala palavra alguma. Seu silêncio é reflexo de sua pouca importância nesse momento. Ele está ali por dois motivos – receber o cesto da mão do confessor e colocá-lo diante do altar, numa pré-apresentação dos frutos trazidos pelo confessor. Ele está ali também por motivo de audição. Ele vai ouvir a confissão daquele camponês.

A última parte tem o retorno da voz do redator. Pela terceira vez o redator fala dizendo ao confessor o que ele deve fazer com os frutos que ele trouxe para apresentar diante do altar que estará no lugar central de adoração. Esta parte é pequena, tendo um versículo e meio de conteúdo (Deuteronômio 26.10b-11). No entanto, esta divisão contém três orações coordenadas aditivas: “E o colocarás diante...”, “e te curvarás...” e “E regozijarás...”. Cada uma delas tem um verbo no imperfeito, traduzido em seu aspecto no futuro, como é típico de ordens em hebraico, aonde o imperfeito é empregado, em lugar do imperativo, sendo que a última oração é uma oração aditiva, a qual tem orações modificadoras adicionais.

Nestas duas partes notamos que os verbos presentes são na segunda pessoa do singular. O confessor está recebendo ordens, ou orientações, do narrador sobre como proceder quando ele tiver colhido os primeiros frutos depois da posse de sua porção de terra.

A segunda voz, que é a voz do confessor, tem sete versículos (Deuteronômio 26,3b.5b-10^a). Ela é o coração da perícopa. Ela está dividida em duas partes pela participação do redator. Na primeira parte, ela contém a confissão que o israelita deveria declarar quando ele trouxesse sua oferta diante de Javé. Esta confissão, porém, tem três elementos. O primeiro elemento é a confissão que o confessor está de posse da terra, e que a terra é produtiva, a qual o israelita possui como resultado do cumprimento do juramento feito por Javé aos seus antepassados, os patriarcas. Tem apenas uma oração principal seguida de seus modificadores: “Eu declaro... para Javé...”.

A última parte da confissão é constituída das declarações dos atos redentores de Javé em favor de seu povo. Aqui se encontra o credo, ou a confissão, propriamente dito, quando ele declara os grandes feitos de Javé em seu favor de seu povo, tirando-o do Egito e o conduzindo até o estabelecimento na terra que ele prometera dar ao seu

povo. Mas antes disso, o confessor afirma que antes do povo ir para o Egito, Jacó e seu clã eram peregrinos em situação difícil. No término da confissão, está a afirmação que os frutos trazidos diante de Javé são resultado de sua gratidão pelos feitos de Javé em seu benefício, a começar pelos benefícios feitos aos seus ancestrais. Então a confissão começa com dias tristes e termina com expressões de alegria. Começa com peregrinação e termina com estabelecimento.

Um detalhe pode ser visto aqui. Há uma mudança na forma de escrever os verbos dentro dos versículos de 3b a 10^a. No versículo 3, a confissão começa na primeira pessoa do singular – “Hoje, declaro... entrei...”. Com a interrupção do narrador no versículo 4, a confissão recomeça no versículo 5, onde o confessor fala de suas origens, e da descida de seus ancestrais para o Egito. Aqui ele emprega os verbos na terceira pessoa do singular, apontando para Jacó.

A partir do versículo 6 até o 7, o confessor vai se apresentar como pertencente a um grupo de pessoas que foram escravizadas no Egito. Assim, os verbos serão na primeira pessoa do plural (“... nos maltrataram... afligiram...” [v. 6]). A presença do “nós” continua nos versículos 8 e 9, mas como objetos diretos dos verbos na terceira pessoa do singular, pois nestes versículos, Javé é o sujeito da ação, segundo a confissão declarada pelo confessor.

Terminando a confissão, o confessor passa a ser o sujeito da ação dos verbos, como no início. Os verbos aqui estão na primeira pessoa do singular (v. 10^a). Então, o que vemos é que a confissão começa e termina de forma bem pessoal, usando a primeira pessoa do singular. No meio, o confessor fala do “nós” e do “ele”, como sujeitos dos verbos. Na exegese será abordada a questão relacionada a estas mudanças de pessoa dos verbos, mas ao se interpor com o “nós”, o confessor coloca-se como membro desta linhagem de pessoas que foram escravizadas e que chegaram à liberdade por meio das intervenções de Javé. Ele participa de uma solidariedade que extrapola em muito o seu tempo vida. Ela recua até os dias difíceis de seus ancestrais.

Observa-se um detalhe a mais dentro da confissão. Dentro desta parte da confissão, aonde é encontrada a confissão propriamente dita, são encontrados quatro momentos históricos. O primeiro é aquele da peregrinação de Jacó, antes dele ir para o Egito.

Neste, ele é chamado de um “arameu” que estava perecendo. Uma situação crítica é apresentada como o motivo da descida para o Egito.

O segundo momento histórico trata dos tempos difíceis de escravidão. Aqui estava a mais clara ameaça de “perecer” de toda a nação. Na visão do confessor, aquela situação crítica, vivida por Jacó, antes de ir para o Egito, torna-se mais crítica, porque, apesar de haver o risco de perecer, Jacó era um homem livre, e, como tal, tomou a decisão de ir para o Egito. Mas agora, havia o perigo de destruição da nação porque suas liberdades foram ceifadas, e o povo perdeu sua vontade para submetê-la ao Faraó. Antes disso, porém, o confessor afirma que o Egito, por um tempo, fez bem aos “poucos machos” que foram para o Egito, pois ali eles se tornaram numerosos. Mesmo assim, o povo virou escravo no Egito, o que culminou na intervenção de Javé e sua

O terceiro é o momento histórico da chegada na terra e posse dela, tornando-a produtiva. Por fim, o último é aquele em que o camponês confessor colhe e leva o primeiro fruto colhido para ser apresentado diante de Javé e ali celebrar e comer. Estes quatro momentos históricos estão bem definidos dentro da memória do confessor, e ele os reprisa salientando os momentos resumidamente, pontuando seus momentos mais salientes.

C. A Data: A Perícope em seu Contexto Social

A pesquisa acima sobre a forma do texto demonstra que Deuteronômio 26,1-11 tem dois elementos básicos que pode ser notados: o redator e a confissão propriamente dita que sai da boca daquele que apresenta a oferta dos primeiros frutos de sua colheita diante de Javé. Isso pressupõe duas datas possíveis, as quais são assumidas por esta pesquisa.

1. A Data mais Antiga: Século Oitavo

A perícope de Deuteronômio 26,1-11 é um material encontrado exclusivamente no livro de Deuteronômio.¹²⁸ Ela trata da confissão que seria apresentada por um

¹²⁸ Para verificar o material que é exclusivo a Deuteronômio, ver Gerhard Von Rad. *Deuteronomy, a Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964. P. 15-23. Esta perícope, contudo, não está

homem livre, da comunidade de Israel, num lugar a ser especificado como central, tendo o sacerdote da ocasião como testemunha. Naturalmente, os elementos descritos das ações do confessor foram acrescentadas posteriormente ao desenvolvimento da confissão.

A perícopes pressupõe que o homem, o qual fará sua confissão, é um fazendeiro,¹²⁹ cuja propriedade não tem tamanho especificado no texto, mas com espaço suficiente para plantar, colher, alimentar sua família, e até ajudar o próximo em sua comemoração no santuário central. Assim, pode-se notar que o panorama contextual do texto é o do campo. O confessor é um fazendeiro que leva sua oferta de gratidão para o lugar central. É um homem de posse de sua terra, com tempo suficiente para colher frutos para ofertar a Javé. A paz na terra é pressuposta nesta confissão, pois nada de conflito é colocado na perícopes.

A antiguidade do texto, porém, pode ser notada por outros fatores. Primeiro, nenhum elemento de cidade é apresentada no texto que incorpora a confissão propriamente dita, nos versículos 5-10^a. As palavras “terra”, “solo” e “lugar” são designações que apontam para uma vida rural. Além disso, plantar e colher são fatores rurais, não citadinos saídos da boca do confessor.

Segundo, o lugar central é mencionado brevemente, sem o estabelecimento de um lugar, nominalmente declarado. Aliás, o texto apresenta este lugar como algo a ser apontado num futuro indefinido. Além disso, a riqueza está com o homem do campo, não com o templo, pois o confessor oferece de seus bens para o levita e o estrangeiro da comunidade, pressupondo que a força da elite sacerdotal ainda não está estabelecida. Aliás, talvez nem haja uma elite sacerdotal, e, se houver, ainda não tem força para alcançar o campo.

entre o material peculiar a Deuterônômio, pois Von Rad entende que esta perícopes relaciona-se a Festa das Primícias. Esta festa pode está relacionada com a Festa das Primícias, mas isso vem de associação posterior. A Festa que aborda o texto não é relacionada a evento algum, o que pode ser que, em sua origem, ela era realizada dentro da comunidade do confessor em uma comemoração particular da família daquele homem. Também é possível que algum altar particular, dentro da própria comunidade, fosse o lugar de consagração. Era um momento festivo da comunidade. Porém, é claro que a festa estava relacionada a colheita de frutos e sua subsequente apresentação na comunidade.

¹²⁹ “Fazendeiro” é dito como sendo alguém que tem uma propriedade de terra. O texto não diz quanta terra o confessor tem, apenas diz que ele tem uma terra e que esta terra produziu o suficiente para ele e parte disso ele leva como meio de gratidão a Javé.

Terceiro, a situação do levita é a de uma pessoa que necessita de ofertas para viver, e que precisa da compreensão do confessor para ajudá-lo em suas necessidades. Por outro lado, o estrangeiro é alguém que não é do povo de Israel, mas vive entre o povo, sem direito a terra. Além disso, o órfão e a viúva, normalmente colocados juntos com o levita e o estrangeiro, estão ausentes nesta confissão, sugerindo que os tempos sejam de paz, e não de guerra, haja vista que o órfão e a viúva são produtos naturais da guerra, onde a morte dos homens adultos resulta nestes dois, levando-os a depender da sociedade para sua sobrevivência.

Quarto, a confissão apresenta o confessor como o chefe sacerdotal da família. É ele quem oferece sua oferta diante de Javé, no altar que está diante do santuário central. A tradição do chefe do clã de oferecer a oferta ao seu deus remonta a tempos tão antigos quanto ao dos patriarcas. Por outro lado, destaca que a religião de Israel, em torno de um santuário central ainda não está organizada, e em condições de subtrair do chefe do clã o direito de representar sua família diante de seu deus. O confessor, portanto, é o mediador entre seu deus e sua família.

Assim os elementos acima apontam para um texto antigo. Partindo dos dados acima, esta dissertação pressupõe que este bloco tem sua origem no Norte, no século oitavo antes de Cristo, e que o bloco constituído de Deuteronômio 12 a 26 é parte original do livro que temos em mãos hoje. Assim, o texto que temos para esta pesquisa é parte do livro original, nascido no século oitavo, no Reino do Norte.

Porém, o modo de apresentar a forma, na qual o texto está escrito acima, buscou analisar a forma em que o texto é apresentado em sua forma canônica. Ou, em outra maneira de dizer, na forma em que o texto se encontra hoje. Entrementes, a confissão original não continha a cobertura redacional que ela apresenta na forma em que esta perícopes está escrita hoje.

Assim, a confissão original era esta:

“Arameu, meu pai, perecendo,
e desceu para o Egito,
e peregrinou ali, com machos poucos.
E tornou-se ali uma grande nação,
numerosa e grande.
“E quebraram-nos os egípcios,
e humilharam-nos,

e deram sobre nós trabalho severo.
 “E gritaram para Javé,
 Deus de nossos pais,
 e Javé ouviu nossa voz,
 e viu a nossa aflição,
 e a nossa tribulação,
 e a nossa opressão.
 “E Javé causou nosso sair do Egito,
 com mão poderosa,
 e braço estendido.
 e grande terror,
 e sinais,
 e maravilhas.
 “E (Javé) nos trouxe para este lugar,
 e deu para nós esta terra,
 terra que mana leite e mel.
 “E agora,
 Eis que eu trouxe o primeiro fruto do solo,
 o qual Javé deu para mim”.

Percebe-se que a confissão original estava intimamente relacionada com a entrada e saída do povo no Egito. Seu tempo de sofrimento e saída sob manifestação dos poderes de Javé tomam destaque, fazendo com que os frutos sejam uma lembrança do Êxodo e da conquista da terra.

A confissão, sem a estrutura narrativa montada ao seu redor, revela que a confissão original experimentou um processo redacional para atualizá-la ao seu contexto. Isso quer dizer que a atual estrutura da confissão revela, ao menos, duas datas para esta perícopes. Uma data é relacionada ao seu começo quando, para que a história de Israel não caísse no esquecimento, ela foi montada para ser pronunciada em ambiente familiar, dentro dos clãs em Israel, em algum momento de celebração coletiva entre as famílias do clã. É possível também que esta celebração envolvesse outros clãs para uma comemoração mais ampla, dentro daquela sociedade ou comunidade existente naquela vila.

Seguindo o pensamento de Nakanose, quando ele afirma que “a semente das leis mais antiga... certamente nasce na terra fértil da vida das famílias, clãs e tribos, no período pré-estatal”,¹³⁰ pode-se afirmar que vem das raízes do livro de Deuteronômio, em seu período literário pré-estatal, mas que ganhou relevância no século oitavo, no Reino do Norte, quando o povo começava a esquecer Javé, pela

¹³⁰ *RIBLA*, 23, dezembro de 1996, p. 179-180.

intensa política estatal em favor da adoração a Baal, e, ao mesmo tempo, a opressão do poder central para estancar qualquer vislumbre de uma adoração a Javé, lá pelos momentos mais ferozes do reinado de Jeroboão I.

Além disso, deve-se considerar o que diz Von Rad sobre as origens dessa confissão. Para ele, esta confissão nasceu dentro do ambiente de culto, pois “... a fraseologia deuteronomica, especialmente na segunda parte, sem dúvida, não pode existir nenhuma dúvida de que se trata de um formulário ritual”.¹³¹ Mas esse culto, ou momento de adoração não pode ser colocado no templo de Jerusalém nesse momento da história, mas dentro da comunidade do confessor. Esta era a audiência original desta confissão. No momento em a comunidade reunia-se para comemorar a fartura da colheita. O confessor reunia sua comunidade para um tempo de celebração pela boa colheita que viria, da qual os primeiros frutos eram o exemplo e prenuncio de fartura.

O texto não identifica o homem confessor do texto. Ele é uma figura hipotética, protótipo de todo confessor e proprietário de uma porção de terra, e que, por isso, tenha recebido sua porção de herança na distribuição de terra. Porém, este homem é diferente do levita e do estrangeiro, e tem uma família que parte com ele, na direção de um lugar a ser estabelecido, para prestar sua adoração. É uma viagem familiar. Naturalmente, ele é alguém que planta e colhe, e tem condições de chegar a um lugar que seria apontado por Javé.

Por outro lado, vale salientar que o texto não apresenta problemas econômicos sérios. Nada de guerra ou dificuldades como opressão estrangeira, ou mesmo de reis perversos. Ao contrário, o confessor tem condições de ajudar o necessitado, as camadas mais necessitadas na nação de Israel, naqueles dias. O que o texto atesta é que o homem israelita está de posse da terra e ele precisa autenticar isso diante do sacerdote, quando houver um lugar central para isso. Mas isso já é produto de acréscimos que vieram mais tarde.

O texto também apresenta uma visão mais antiga do homem (ou do chefe do clã) como o sacerdote da família (ou do clã). Ele é quem deve confessar, em nome de sua

¹³¹ Gerhard von Rad, *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, p. 14.

família, diante de Javé. Ele também deve oferecer a oferta a Javé como representante de sua família.

2. A Parte mais Recente da Confissão

Com a queda de Samaria e a migração dos habitantes do norte para o sul para fugir da deportação assíria, trazendo em sua companhia o primeiro conjunto escrito de Deuteronômio, constituído de Deuteronômio 12-26,¹³² essa confissão foi apropriada pelo rei Josias e sua reforma, dando-lhe a estrutura literária que ela tem hoje, principalmente por inserir a figura do sacerdote e do lugar central. Afinal, Jerusalém era o lugar central de adoração no reino sulista, e os sacerdotes desempenhavam papel fundamental nas celebrações ali. Além disso, ali estava centrado o trono do príncipe davídico.

Na parte mais recente da Confissão, dois elementos chamam a atenção para favorecer um trabalho de redação posterior. O primeiro é que o versículo três tem uma confissão e o versículo cinco da seguinte outra. A segunda é que no versículo quatro encontra-se a declaração que o sacerdote recebe a cesta da mão do Confessor, enquanto que no versículo dez é o próprio confessor que apresenta os frutos a Javé. É possível que aqui esteja uma tentativa de harmonia com Deuteronômio 18,4, onde o primeiro fruto é apresentado ao sacerdote.¹³³

No arcabouço literário que cerca a confissão são encontradas as seguintes declarações:

E será (que), quando vieres para a terra,
a qual Javé teu Deus dá para ti
herança/possessão,
tu a possuirás,
e habitarás nela.
E tomarás do primeiro (melhor) (de) todo fruto do solo,
o qual tu trarás da tua terra,
a qual Javé teu Deus dará para ti.
Tu colocarás (o primeiro) no cesto,
e irás para o lugar,
o qual escolherá Javé teu Deus,

¹³² O material que forma Deuteronômio 12-26 ele é todo colocado como se fosse proferido em forma de sermão, sugerindo que ele fora desenvolvido para ser transmitido oralmente. Além disso, há o fato que este material é abordado do contexto vivencial do campo.

¹³³ A. D. H. Mayes, *Deuteronomy*, p. 332.

para estabelecer o seu Nome lá.
 E tu virás para o sacerdote,
 o qual será naqueles dias,
 e dirás para ele:
 “Eu declaro, hoje, para Javé teu Deus,
 que vim para a terra,
 a qual jurou Javé,
 para nossos pais,
 para dar para nós”.

E tomará o sacerdote a cesta de tua mão,
 e a colocará diante do altar de Javé teu Deus.
 E tu responderás
 e dirás diante de Javé teu Deus:

As palavras que fazem parte da declaração inicial, “Eu declaro, hoje...”, são acréscimos literários que fazem parte do conteúdo “... e dirás para ele”, numa referência ao sacerdote, o qual é introduzido aqui como o ouvinte e testemunha da Confissão do camponês, em oposição audiência original que era a comunidade campestre.

Além disso, os elementos temporais também foram colocados para colocar a terra em posse do homem confessor. É somente quando o confessor estiver na terra que ele terá que levar ao sacerdote o primeiro fruto colhido. Porém, a terra é dada por Javé. Assim a terra é uma concessão. O confessor desfruta dela porque Javé lhe concedeu este privilégio.

Outro elemento é o lugar central do santuário. Isso toma muita força no período do reinado de Josias, com suas reformas religiosas, pois ele subiu até o norte para levar suas reformas. Nisso ele coloca Jerusalém com o lugar onde deve Javé ser adorado. Agora, segundo estes acréscimos, o primeiro fruto deve ser levado ao lugar central e apresentado do sacerdote em exercício para testemunhar da bênção de Javé sobre o Confessor.

A última parte da confissão (26,10b-11) também vem com notórios traços redacionais:

E o colocarás diante de Javé teu Deus,
 e te curvarás diante de Javé teu Deus.
 E regozijarás em toda bondade,
 a qual deu para ti Javé teu Deus,
 e para tua casa.

Tu e Levi e o peregrino que (está)
no teu meio.

É aqui onde a festa do confessor toma o seu corpo social, quando o levita e o peregrino são colocados para serem participantes desta ocasião festiva do confessor. Em tempos de paz, não há órfão e viúva. Mas há levita e peregrino/estrangeiro que precisam de ajuda para sua subsistência. Isso se comporta dentro do reinado de Josias, o qual fora um reinado pacífico até o seu último ano no trono de Judá. Entretanto, essa parte pode ser mais antiga, e o fim dos primeiros frutos bem poderia ser um meio de ajuda aos mais necessitados dentro das comunidades.

Assim, pode-se afirmar que, mesmo que em datas diferentes, a confissão sempre esteve associada com o culto – seja no ambiente da família em suas origens, seja no ambiente de uma religião institucionalizada, na Jerusalém dos tempos reformadores do rei Josias. Ela desempenhou seu papel de fazer lembrar o povo de suas origens e da grande necessidade de não quebrar a aliança com seu Deus, Javé.

Muito embora Deuteronômio 26,1-11 seja de diferentes períodos redacionais, o texto se mantém como uma unidade. Primeiro porque ele fora considerado uma unidade pelos redatores massoretas. No entendimento deles o texto começa em 26,1 e termina em 26,11. Mas a unidade também é vista, em segundo lugar, por se notar que o assunto abordado é o mesmo.

II. Conteúdo: O Confessor – sua terra, sua adoração, e seu memorial dos atos redutores de Javé

A. A introdução à confissão (26.1-3^a)

1. Terra como possessão (26.1)

[1] E será (que), quando vieres para a terra,
a qual Javé teu Deus dá para ti herança/possessão,
tu a possuirás,
e habitarás nela.

Os versículos 1 a 3^a fazem parte do elemento redacional incluído na confissão original (v. 5b-10^a). O fim deste acréscimo é dar sentido para a geração atual daquilo

que foi escrito muito tempo antes. Pode-se dizer que, com as devidas diferenças, é como alguém que está querendo contar uma história a alguém e ela cria uma roupagem redacional para dar sentido de uma história à sua audiência atual.

É deste modo que se deve ver o material redacional que reveste a confissão desta pesquisa. Isso quer dizer que, antes da inclusão deste material dentro do corpo de Deuteronômio, a confissão fora, muitas vezes, citada, oralmente, em festejos relacionados à colheita, demonstrando que o uso dela não fora único, mas em muitos períodos diferentes. Sua recitação era anual.

A frase inicial desta perícopes, וְהָיָה כִּי־תָבֹא אֶל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נָתַן לָךְ, é uma frase adverbial temporal. Este tipo de frase é introduzida pelo verbo הָיָה no perfeito que, com o ו conversivo,¹³⁴ transmite a idéia de futuro. Nem sempre esta construção é traduzida, sendo seu significado sintático entendido a partir da tradução da seqüência narrativa seguinte.¹³⁵ O redator, por sua vez, coloca-se da perspectiva do homem que está indo na direção da Terra da Promessa, e estabelece certos elementos que devem ser levados em consideração quando ele estiver na Terra.

Por outro lado, mesmo na condição de frase adverbial temporal, ela deixa em aberto todos os verbos que vêm a seguir. Como ela é uma frase que coloca um evento no futuro (“E será quando vieres à terra...”), ela também é condicional, pois o futuro é incerto. Assim, o “possuir” e o “habitar” na terra, bem como os verbos seguintes, são dependentes do confessor vir a terra para tomar posse.

A frase de abertura desta perícopes, porém, deve ser vista como uma frase colocada pelo redator como uma forma de apresentar um título para o conteúdo que seria dado em seguida. Ele se coloca da perspectiva futura na visão dos primeiros a levantarem esta confissão, com o fim de salientar sua antiguidade e seu valor para as gerações anteriores e a dele, e também para as gerações posteriores. É um título que pende para o lado do tempo, mas serviria para efeitos de memória, como aquelas

¹³⁴ Thomas O. Lambdin, *Gramática do Hebraico Bíblico*, 2005, p. 162.

¹³⁵ Vale notar que este tipo de formação gramatical com וְהָיָה é recorrente dentro do livro de Deuteronômio. É um tipo de perfeito consecutivo, apontando sempre para a idéia de futuro. Assim, introduz uma oração adverbial temporal (5.29; 6.10; 12; 8.19; 11.13, 29; 12.11; 15.9, 16, 17; 17.18; 18.19; 19.3, 10; 20.2, 9, 11; 21.3, 14, 15, 16; 22.2; 23.12, 14, 15, 22; 24.1, 15; 25.2, 6; 25.19; 26.1; 27.2, 4; 28.1, 15, 63; 29.18; 30.1; 31.17; 31.21; 26). Nem todas estas ocorrências são de orações adverbiais temporais. O que se quer com esta demonstração é dizer que esta construção gramatical é comum dentro do livro em pesquisa. Isso destaca que os redatores estavam dando um sentido de atualidade para o conteúdo do livro.

introduções a narrativa de uma história: “Naquele tempo...”, ou “E acontecerá que...”, cuja finalidade é prender a atenção dos ouvintes e facilitar sua recordação. É uma confissão que aponta para uma solidariedade entre o confessor presente e os seus antepassados que experimentaram as durezas da escravidão compulsória dentro do Egito.

Esta frase inicial coloca em relevo dois elementos a mais. O primeiro é o conceito de terra como dádiva divina para o confessor adorador de Javé. Javé é um Deus que atua em benefício de seu povo. É ele quem faz acontecer. Isso o faz relevante porque é ele quem faz a história. Mas é uma história escrita através das ações do confessor. Javé dá a terra, mas quem a conquista é o confessor. Javé é a garantia da conquista a ser alcançada pelo confessor.

A terra como concessão divina é um conceito que permeia todo o AT. Aqui esta concessão é apresentada pelo particípio do verbo “dar” (נתן).¹³⁶ Este particípio pode ser visto de dois modos. O primeiro modo é ver este particípio como expressando uma ação presente. Assim, o narrador estaria dizendo que Javé estava dando uma terra que tomaria posse no futuro.¹³⁷ Ele recebe a terra como promessa de posse no futuro. O segundo é ver este particípio como dependente do tempo da cláusula temporal introduzida por היה. Desta forma o particípio seria traduzido como um verbo finito no futuro.¹³⁸

As duas formas de entender o particípio são formas possíveis. Mas a primeira harmoniza-se melhor com o conceito de promessa. A terra que Javé dava seria posse do confessor e de sua família. Atentando para o contexto do Reino do Norte, no século oitavo, pode-se entender porque este material foi desenvolvido. O homem que chega para adorar não é um grande latifundiário, mas um pequeno agricultor. O século oitavo foi um período de grande opressão sobre o pequeno agricultor e a apropriação de terras por parte dos poderosos da nação.

¹³⁶ Note-se que a oração adverbial temporal projeta a vinda do confessor à terra que lhe será dada como possessão para o futuro. Porém, o particípio aqui tem sua tradução no presente, “dando”, ou de forma perifrástica, “estou dando”. Assim, o confessor, ou confessoria (a mulher estava representada pelo homem no ato da confissão), recebe a terra no presente e tomará posse no futuro. Isto é típico de contexto de promessa.

¹³⁷ A idéia poderia ser expressa assim: “E será quando vieres (no futuro) para a terra que Javé está dando (agora)...”

¹³⁸ A idéia seria colocada desta forma: “E será quando (tu) vieres (no futuro) a terra que Javé dará (estará dando [no futuro]) para ti...”.

Entender que a terra era dádiva divina para o pequeno agricultor era forma de levar a nação a reconsiderar o pesado jugo da realeza, sacerdote e exército para um retorno à liberdade de servir a Deus com e em sua terra. Mas qual a finalidade do redator com isso? Ele quer relacionar a terra que o confessor no presente possui com a terra colocada dentro das promessas feitas aos patriarcas – Abraão, Isaque e Jacó, e seus descendentes que geraram a nação de Israel que saiu do Egito em direção a Canaã para tomar posse de uma terra ali.

O segundo elemento, mas que será desenvolvido melhor nos versículos seguintes, é que aqui este conceito, a terra como dádiva divina, recebe o acréscimo de servir como motivo para celebração. A terra que o confessor recebe, como dádiva de Javé, será o seu meio de sustento. Então o confessor reparte com Javé parte dessa provisão. Mas Javé não come. Porém, o estrangeiro e o levita comem. Assim, dar ao estrangeiro e levita é generosidade demonstrada ao próprio Javé.

A última oração, portanto, do versículo 1, enfatiza a terra como dádiva de Javé ao seu povo.¹³⁹ Ela deixa claro que a terra é de Javé e ele a está dando para o seu confessor. Segundo, este tem Javé como seu Deus. Terceiro, o narrador é bem específico a quem a terra está sendo dada – é “para ti” (לְךָ).¹⁴⁰ A terra que fora prometida aos pais é recebida pelos filhos, e destes repassada aos seus descendentes como herança.

O “para ti” (לְךָ) mostra que Javé está tratando diretamente com aquele que está de posse da terra. Isso quer dizer que Javé tratou diretamente com os ancestrais do confessor, e agora se relaciona com ele por meio da promessa cumprida. Noutra forma de ver, Javé se relacionou com os antepassados do confessor por meio de fazer promessas, agora ele tem relacionamento com o confessor por lhe dar a terra que fora prometida aos seus antepassados.

¹³⁹ Deve-se atentar que a segunda oração, presente no versículo 1, é uma oração substantiva adjetiva, אֲשֶׁר יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נָתַן לְךָ, introduzida pela conjunção אֲשֶׁר, usada como pronome relativo aqui. Como oração substantiva adjetiva, ela qualifica por meio de especificar o já especificado substantivo com a presença do artigo, הָאֲדָמָה. Assim narrado, querendo de forma redundante reforçar o que ele que dizer. Pode-se apresentar assim: “... a terra”. Mas, qual terra? “a qual Javé teu Deus está dando para ti”.

¹⁴⁰ A preposição prefixa לְ é preposição que salienta direção. A força dela está em que o narrador limita a posse da terra ao que a recebe. Num tempo em que os poderosos exploravam a terra do camponês em benefício próprio (o século oitavo foi escuro para o camponês no Reino do Norte [ver Amós]), o aparecimento do livro de Deuterônomo vem em direção ao estabelecimento da ordem. De quem é a terra? É de quem a recebeu. Quem a recebeu? Aquele a quem Javé entregou diretamente, como herdeiro da promessa da terra.

Por esta razão, o “está dando agora” (נִתֵּן) mostra a atualização da promessa. É como que dizendo que aquele que recebe a terra é, em verdade, a quem a promessa fora feita. Mas aponta também para uma identificação entre as gerações – a geração daqueles que receberam a promessa pela primeira vez e a geração daqueles que recebem a terra como cumprimento de uma promessa feita anteriormente. Uma geração encontra sua realização na outra.

O versículo 1 inteiro é um resumo daquilo que acontecerá até a chegada do israelita em sua própria terra – o redator resume a peregrinação no deserto até o estabelecimento do israelita na terra. Ele resume a saída do Egito até o período da Conquista. Não era importante declarar os detalhes. Porém, o estabelecimento da certeza do acontecimento.

O restante desta introdução (v. 2-3^a) coloca em relevo, na forma de resumo, o israelita já habitando em sua herança, e o trabalho na terra até a colheita dos frutos. A análise a seguir destaca isso.

2. O fruto como oferta de gratidão pela posse da Terra (26.2-3^a)

- [2] E tomarás do primeiro (melhor) (de) todo fruto do solo,
o qual tu trarás da tua terra,
a qual Javé teu Deus dará para ti.
- Tu colocarás (o primeiro) no cesto,
e irás para o lugar,
o qual escolherá Javé teu Deus,
para estabelecer o seu Nome lá.
- [3] E tu virás para o sacerdote,
o qual será naqueles dias,
e dirás para ele:

A narrativa prossegue com mais orientações para que o confessor proceda corretamente com o material, o primeiro fruto, para que ele chegue ao lugar determinado, e seja apresentado a Javé. Como o v. 1, estes dois versículos também pertencem a acréscimos tardios, quando comparados com a confissão específica. Segundo Mayes, eles servem com fator corretivo ao v. 10, quando neste é o confessor que apresenta sua própria oferenda, sendo estes acrescentados por um redator que desejava salientar o papel sacerdotal.¹⁴¹

¹⁴¹ A. D. H. Mayes, *Deuteronomy*, p. 334.

A seqüência narrativa desta porção textual começa com uma oração coordenada, introduzida pela conjunção ו. Esta conjunção tem aqui a função conversiva com o verbo no perfeito, seguida por duas orações subordinadas.¹⁴² Todas as ações envolvidas pelo confessor, desde a colheita até a entrega no lugar de celebração festiva, são expressas por verbos no perfeito, precedidos do ו conversivo (v. 2 [וְלָקַחְתָּ, וְהָלַכְתָּ, וְשָׂמַחְתָּ, וְיָבִיחַרְתָּ, וְיָבִיחַרְתָּ, וְיָבִיחַרְתָּ]). Os verbos imperfeitos, um particípio e um infinitivo construto são presentes nas orações que agem como modificadores das orações coordenadas (v. 2 [תָּבִיא, נָתַן, יִבְחַר, שָׂכַן], 3 [יִהְיֶה]).

O narrador apresenta-se bem detalhista na apresentação dos procedimentos que o confessor deve tomar para colher, preparar e levar sua oferta para Javé. Desta forma, podemos dividir esta parte da introdução em passos ou etapas. A primeira etapa era a colheita do primeiro fruto. O verbo “tomar” (v. 2, “e tomarás” [וְלָקַחְתָּ])¹⁴³ pode, dinamicamente, ser traduzido por “e colherás”. Este sentido é um sentido derivado da ação que está sendo proposta.

Mas o que tomar ou colher? “... primeiro de todo fruto do solo...”. ראשית tem seu sentido básico de “primeiro”. Mas aqui traz embutida a idéia de “melhor de um grupo ou classe de coisas”,¹⁴⁴ ou, noutra forma de dizer, “o melhor” da colheita. Daí porque algumas traduções traduzem esta palavra por “primícias”, neste texto,¹⁴⁵ mostrando que o melhor da colheita está em vista em determinada situação, como nesta confissão. A divindade a ser presenteada com o fruto tem que receber a melhor parte da colheita. Isso quer dizer que os frutos colhidos deveriam estar em perfeitas condições no momento da celebração.

Para Crüsemann, “o Deuteronômio é dirigido a proprietários de terra livres, e o tempo todo pressupõe sua liberdade efetiva e real”.¹⁴⁶ Essa liberdade, porém, não era

¹⁴² Sendo que a segunda é modificador de modificador. Ela é uma oração adjetiva que modifica outra oração adjetiva.

¹⁴³ O perfeito vê a ação como um todo. Assim, as ações envolvidas no processo de executar a colheita estão resumidas nesta declaração: “e tomarás”. Perfeito envolvido aqui é um perfeito que sintaticamente funciona como perfeito de futuro retórico, aonde o verbo no perfeito “... expressa ações vívidas no futuro ou uma situação, que ainda não são realidade, mas consideradas certa da perspectiva do ponto de vista retórico do orador” (ARNOLD & CHOI, *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*, p. 55-56). Esta forma de ver o perfeito pode ser aplicada a todos os perfeitos desta introdução.

¹⁴⁴ TWOT, volume 2, p. 826.

¹⁴⁵ *Bíblia de Estudo de Genebra* (usando a versão da Sociedade Bíblica do Brasil: Almeida Revista e Atualizada [ARA]); *Bíblia Apologética de Estudo* (esta vem com a versão da Sociedade Bíblica Trinitariana [SBT]: Edição Revista e Corrigida Fiel ao Texto Original); *A Bíblia de Jerusalém* (BJ).

¹⁴⁶ F. Crüsemann, *A Torá*, p. 307.

irrestrita. A imposição para o deslocamento a um lugar onde ele deveria apresentar um primeiro fruto diante de um sacerdote já demonstra isso. Além do mais ainda há que repartir desse fruto com quem tinha necessidade. Assim, a liberdade desse homem estava limitada por sua lealdade a Javé, seu Deus. Essa lealdade, por outro lado, era qualificada por sua generosidade ao estrangeiro e ao levita, bem como por sua submissão na sua apresentação de seu fruto diante do sacerdote.

Este fruto é qualificado pela frase adjetiva que vem em seguida: “o qual trarás da tua terra...”. Com isso o texto introduz, por meio do verbo “o qual trarás”,¹⁴⁷ a mobilidade dentro do verbo “e tomarás”. Ele deve tomar para trazer – ou levar “da tua terra”. Esta terra, pela segunda vez em dois versículos, é definida como “a qual Javé teu Deus está dando para ti”.¹⁴⁸ Mas este deslocamento não é o deslocamento para o lugar indicado por Javé. É a condução do produto do campo para um lugar de armazenamento, onde deveria ser preparado para a viagem, pois esta viagem poderia demorar dias, e este produto deveria estar preparado para chegar em condições de ser comido no lugar de oferta. As etapas seguintes vão demonstrar o desenvolvimento dessa adaptação da confissão para momentos quando o Templo em Jerusalém ganhou a posição de lugar central em Israel.

Uma consideração deve ser feita aqui. A confissão original (v. 5b-10^a) apresenta a declaração de um homem do campo. A comemoração inicial onde esta confissão deveria ser feita era a localidade onde morava o próprio confessor e sua família. Mas a sofisticação da redação que a envolveu mostra que agora distâncias devem ser percorridas. Deste modo, certos passos devem ser tomados para que produto seja apresentado diante de Javé em condições de ser comido na comemoração. Considerando o período de Josias, o lugar para onde deveria ser levado o produto seria Jerusalém. Assim, grandes deslocamentos podem estar em vista.

¹⁴⁷ “o qual trarás da tua terra” é uma oração adjetiva que qualifica “primícias” ou, simplesmente “do primeiro de todo fruto”. Esse primeiro fruto deve ser o que será conduzido pelo confessor para diante de Javé, para ser desfrutado ali. Pode-se dizer que Javé comeria deste fruto por meio do comer do confessor e sua família, bem como do levita e do estrangeiro (Deuteronômio 26.11). Javé se “alimenta” por meio de alimentar os que necessitam de alimento. Neste caso, Javé se alimenta por meio da generosidade de seu confessor adorador.

¹⁴⁸ É o reforço da idéia que a “terra” em vista é uma terra concedida por Javé. Assim, o confessor apresenta o fruto como reverência e gratidão por estar na terra que recebeu de seu Deus. A repetição deste conceito indica que esta idéia esta há muito tempo bem definida na mente do homem do campo.

A segunda etapa é o meio de transporte do primeiro fruto: “... e porás num cesto” [וְשַׁמַּתָּ בַטֵּנָא]. Depois de toda trajetória da colheita até o celeiro, o produto do campo está pronto para ir para o lugar estabelecido de sua entrega.¹⁴⁹ “Pôr no cesto” era a etapa de preparação para que o produto suportasse a viagem até o local da oferenda. O BDB diz que טֵנָא era um vaso grande de metal e “um recipiente para produtos do solo”.¹⁵⁰ De qualquer forma, era um recipiente que evitaria maltratar o produto da terra em viagem para distâncias longas.¹⁵¹

A última etapa é a viagem do lugar de morada do adorador e sua família até o lugar aonde ele seria oferecido. A parte final do versículo 2 é constituído de três orações – uma oração coordenada e duas subordinadas: “... e irás para o lugar¹⁵² (oração coordenada), o qual (lugar) Javé teu Deus escolherá (subordinada adjetiva),¹⁵³ para estabelecer¹⁵⁴ seu nome ali” (subordinada adverbial).¹⁵⁵ A direção a ser tomada é indefinida. O motivo disso é explicado pela oração subordinada seguinte – o lugar ainda não fora estabelecido por Javé.

Estas três declarações destacam que o confessor terá que mover-se. “... irás para o lugar” aponta para algum tipo de modificação na forma de apresentação do melhor fruto. Aquela festa que acontecia nos arredores do lugar de moradia do confessor, agora exigirá deslocamento para algum lugar fora de seu ambiente costumeiro. Mas para que essa mudança aconteça, com autoridade, a declaração seguinte mostra que o

¹⁴⁹ Segundo este texto, este lugar ainda seria estabelecido por Javé. Se a terra é concessão de Javé, então o lugar onde estaria o seu lugar de descanso entre o povo também será apontado pelo próprio Javé.

¹⁵⁰ F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, *The New Brown – Driver – Briggs – Gesenius Hebrew and English Lexicon*, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1979, p. 380. Doravante este léxico será abreviado em BDB.

¹⁵¹ Além disso, deve ter havido o cuidado de colher o fruto com tempo de amadurecimento antecipado para que o produto chegasse ao destino em condições de servir de comida para aqueles a quem estava destinado, além da família do confessor.

¹⁵² Oração coordenada [וְהָלַכְתָּ אֶל־הַמָּקוֹם] é introduzida pela conjunção ו que é uma conjunção aditiva, mas usada aqui em seu uso especializado de ו consecutivo.

¹⁵³ Esta oração subordinada adjetiva [אֲשֶׁר יִבְחַר יְהוָה אֱלֹהֶיךָ] qualifica o lugar para onde o confessor deve se dirigir para apresentar sua oferta diante de Javé. O lugar seria determinado por Javé. O redator não atenta para a possibilidade humana de escolha, mas centra-a em Javé.

¹⁵⁴ A tradução “estabelecer” para o verbo שָׁכַן se deve ao fato que ele está no piel, sendo esta a forma de tradução quando שָׁכַן está no piel.

¹⁵⁵ A oração adverbial final [לְשָׁכְנָךְ שְׁמִי שָׁמָּה], por sua vez, definiu o fim da escolha. Para quê Javé vai escolher um lugar? Para que ali seja estabelecido seu Nome. Como “Nome” é representativo da pessoa que leva aquele nome, então o estabelecimento do “Nome” seria o estabelecimento do próprio Javé entre seu povo.

confessor tem que entender que isso é parte da decisão de Javé. Assim, este lugar é qualificado pela oração seguinte – “o qual Javé teu Deus escolherá”.

A escolha, quando colocada da perspectiva divina tem em si a idéia de “eleger”, principalmente em contexto religioso quando Deus é sujeito do verbo, como aqui.¹⁵⁶ O Javé que escolhe um povo para ser seu, também escolhe um lugar, no meio desse povo, para ser seu lugar de habitação. A oração seguinte reforça a motivação do confessor para deslocar-se para um lugar central – é que lá será onde estará a presença pessoal de Javé (“para estabelecer seu nome ali”). Assim, o redator dá dois motivos fortíssimos para o deslocamento do confessor de sua comunidade para outro lugar para levar o melhor de seus frutos: Javé escolherá um lugar específico e neste lugar Javé estará lá pessoalmente.

A palavra “lugar” [מָקוֹם] aparece outra vez nesta perícope (v. 9). Neste versículo, “lugar” é a terra que Javé tem prometido dar ao seu povo, e uma porção dela é dada a cada família israelita. No meio desta distribuição uma parte será dada a Javé, para sua morada. Assim como o confessor tem um pedaço de terra, na Terra da Promessa, para morar, Javé também terá. O estabelecimento do Nome de Javé em um lugar fixo aponta para a necessidade de Javé ter um lugar de descanso, como é a proposta colocada no início desta perícope, pois a terra será um lugar de descanso do povo, bem como de seu Deus.¹⁵⁷

A peregrinação no deserto cansou tanto o povo como Javé. A terra dada é o lugar de descanso do confessor. Nesta terra Javé também deverá encontrar seu lugar de descanso para descansar com seu povo. Partindo do pressuposto que Deus [‘elohim] e Javé são a mesma pessoa, então aquele descanso proposto depois do sexto dia de Criação é repostado pelo descanso de Javé no lugar central, pois será ali que seu Nome vai habitar.

Dito isto, o confessor é introduzido¹⁵⁸ ao sacerdote.¹⁵⁹ Ele vem para dizer (“... e dirás... [וְאָמַרְתָּ]). Toda sua peregrinação com o produto da terra é para fazer uma

¹⁵⁶ H. Wildberger, “Elegir”, בָּחַר. IN: DTMAT, volume I, p. 410, 413.

¹⁵⁷ Esta é a idéia de “estabelecer” deve ser entendida como “fazer habitar” (BDB, p. 1015). Javé descansa no meio de um povo que goza de descanso.

¹⁵⁸ A construção da frase, com a preposição אֶל, destaca a direção definida para quem o confessor deve se dirigir quando chegar com sua oferta no lugar apontado por Javé. A preposição em vista pressupõe movimento.

confissão diante de Javé, no lugar estabelecido por este. O sacerdote é o alvo final de tudo o que tem sido dito até agora, pois é a ele que o confessor deve apresentar sua oferta.

Esta forma de realizar a confissão é judicial. O confessor deve apresentar a evidência que Javé o tem abençoado em sua terra diante de uma autoridade reconhecida, o que, no caso em vista, é o sacerdote do momento. E a prova disso será o fruto trazido até o sacerdote da ocasião. Assim, o motivo da vinda do homem diante do sacerdote é não somente adoração, mas a confissão da evidência que Javé o tem abençoado, como prometera fazer aos seus ancestrais. Ou, por outra forma de dizer, que Javé é bom e que tem cumprido sua promessa. O conteúdo da confissão mostrará que as palavras do confessor apontam nesta direção, ou seja, a buscará demonstrar que Javé é bom.¹⁶⁰

Olhando de outra perspectiva, porém, esta é uma forma de subordinação do campo ao Templo. O desenvolvimento da institucionalização do sacerdócio requeria que o campo se colocasse sob a liderança da religião. Sem isso, a religião não tem como manter sua estrutura. Como isso pode acontecer? Porque no Templo está a sabedoria. Quem tem o saber tem também o poder.

Por outro lado, deve-se perceber muito bem a ligação textual que encontramos neste texto, bem como seu entrelaçamento literário com o livro de Deuteronômio, principalmente com o bloco 12-26. Isso, porém somente será notado melhor quando esta pesquisa chegar ao ponto de fazer o relacionamento desta Confissão com o livro de Deuteronômio.

B. A Confissão do Confessor (26.3b-10^a)

A confissão é o clímax da viagem do confessor adorador. A questão não estabelecida pelo texto é o tempo em que o adorador deveria fazer essa viagem de confissão. Pelo texto apresentado nos versículos 1 a 3^a de Deuteronômio 26, pode-se dizer que essa

¹⁵⁹ “Sacerdote” é qualificado por mais uma oração adjetiva. É dito que o confessor deve vir até o sacerdote, “aquele que será (sacerdote) naqueles dias” [אֲשֶׁר יִהְיֶה בַּיָּמִים הָהֵם]. Esta forma de expressar-se aponta para o sumo sacerdote.

¹⁶⁰ Em tempos de opressão governamental, e do poder sacerdotal como aliado do poder do palácio, além da coerção dos poderosos do exército, contra o camponês, e, por vezes, a expulsão da terra de seus verdadeiros proprietários, desenvolver uma confissão que aponte que Javé é bom por dar sua terra ao seu povo, demonstra o protesto contra aqueles que oprimem os camponeses e seus familiares.

viagem não era um viagem rotineira, mas era a primeira viagem que ele deveria fazer depois de colher o primeiro fruto de sua primeira colheita na terra.

A oração adverbial temporal,¹⁶¹ a que abre esta perícopa, aponta para um tempo definido, aquele de posse da terra. Depois disso, os verbos possuir (“e a possuirás” [וַיִּרְשֶׁתָּהּ]) e habitar (“e habitarás nela” [וַיֵּשְׁבֶתָ בָּהּ]) apontam na direção, em primeiro lugar, da posse da terra do confessor. O confessor já está habitando nela. Em segundo lugar, ele está nela como seu possuidor tempo suficiente para plantar e produzir os frutos necessários. Os frutos, desta primeira colheita, são os que devem ser levados para serem oferecidos a Javé.

Assim, a viagem para a confissão diante do sacerdote era única em sua vida, com o fim de mostrar evidência que ele está de posse de sua propriedade, dada por divina concessão, e que ela é produtiva o suficiente para manter sua família e outros, como o levita e o estrangeiro. Isto também serviria para demonstrar que ele é dono daquela terra. Como toda a terra é de Javé, o confessor é um concessionário. Sua ida ao lugar designado por Javé é um testemunho de sua lealdade e gratidão a Javé, bem como para a apresentação da parte a que Javé tinha direito.

1. A Primeira Parte da Confissão: A Confissão diante do Sacerdote do dia (26.3b-5a)

a. O Confessor fala

“Eu declaro, hoje, para Javé teu Deus,
que vim para a terra,
a qual jurou Javé,
para nossos pais,
para dar para nós”.

Esta porção textual pretende dar sentido à confissão e adaptá-la a uma nova realidade, partindo do pressuposto que o bloco de Deuteronômio 12-26 chegou ao Reino do Sul, levado por aqueles que fugiam do exílio assírio, onde ele receberia a primeira adaptação à nova realidade, sob o governo de Josias. Além de acrescentar os conceitos de terra dada como promessa ao seu povo e o conceito de lugar central

¹⁶¹ “E será quando vieres para a terra...” [וְהָיָה כִּי־תָבוֹא אֶל־הָאָרֶץ].

determinado por Javé, o conceito de um sacerdote que recebe os frutos e ouve a confissão do ofertante, o redator precisa colocar a idéia de um sacerdote ouvinte e receptor dos frutos na boca do próprio confessor. Assim, mesmo que esta introdução à confissão não traga a menção do sacerdote na boca do confessor, mas o feito é colocado na introdução redacional a ela e indiretamente na fala do confessor por declarar “Javé teu Deus”.

Pode-se dizer que esta confissão é a primeira parte de uma confissão inteira, mesmo que acrescentada a ela depois de tê-la sido levada para o sul, interrompida pelo narrador no versículo 4, para mostrar o que o sacerdote deve fazer com o recipiente contendo o material da oferenda para Javé.

O verbo declarar [הִגִּידְתִּי],¹⁶² o qual abre a fala do confessor pode ser entendido como sendo o verbo acrescentado para dar o sentido de abertura tanto desta primeira parte da confissão como da segunda, a confissão original. Tudo o que ele diz depois desse verbo de abertura faz parte do conteúdo de “Eu declaro...”. O verbo נִגַּד vem seguido pela preposição de direção ל, para indicar a quem o confessor se dirige. Então o que se observa é que a fala é diante do sacerdote do dia, mas o alvo dela é Javé, o Deus do confessor. O sacerdote age como testemunha auricular da confissão pronunciada diante de Javé.

“Eu declaro” introduz declarações que serão feitas oralmente. A comunicação oral, do qual contexto vem a confissão encontrada nos versículos 5b-10^a, é cheia de afirmações positivas. É comunicação que o confessor faz a Javé diretamente. Porém, o sacerdote funciona como o representante divino para ouvir o que o confessor vai declarar. Estas declarações desenvolvem um processo pessoal.¹⁶³ O confessor declara algo (“Eu declaro”) a alguém (“... teu Deus”). Seguido pelo verbo “vir” [בֹּיֵא] נִגַּד, destaca que a declaração que será dita deve ser feita por alguém que vem de outro

¹⁶² Temos aqui um hiphil do verbo נִגַּד, “declarar”. Como verbo no perfeito, a ação que vem a seguir é vista como um todo. Mas quando colocado dentro de uma condição sintática dentro da frase, ele pode ser colocado como perfeito de desempenho, o qual “descreve uma ação que ocorre por meio do falar, normalmente requerendo o presente” (ARNOLD & CHOI, *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*, p. 56). Esta tradução no presente é reforçada pela presença de הַיּוֹם, cuja tradução, pela presença do artigo definido é “hoje”, ou, no momento em que ele entrega sua oferta dos primeiros frutos diante de Javé.

¹⁶³ C. Westermann, נִגַּד, “comunicar”, IN: DTMAT, volume 2, p. 54, 55.

lugar para comunicar o que será comunicado. Além disso, a comunicação a ser feita é de um conteúdo importante para aquele que a receberá.¹⁶⁴

Porém, porque o sacerdote funciona como coadjuvante no texto, e não como personagem central? Primeiro, o principal personagem do texto é o confessor e a sua confissão a ser feita diante de Javé. Segundo, Javé é o receptor da confissão daquele que chega para declará-la a Javé, o doador da terra para o adorador e o motivo da viagem do confessor até o lugar indicado por Javé. É indicativo que o narrador coloque em segundo plano o papel do sacerdote a apenas receber a oferenda das mãos do confessor e ouvir o propósito de sua vinda até ali.

Mantendo o pensamento nesta direção, notam-se os seguintes detalhes. O versículo três começa com a vinda (“e tu virás” [וּבָאתָ]) do confessor até o sacerdote que estiver nesta função naqueles dias. Depois de encontrar-se com o sacerdote do dia, o confessor se dirige em suas declarações ao Deus do sacerdote, o qual é “Javé, teu Deus” [יְהוָה אֱלֹהֶיךָ]. Assim, o sacerdote passa ser um observador e testemunha da confissão do confessor. É uma declaração publica e onde há a necessidade de uma testemunha oficial.

Nesta primeira parte da confissão, o homem confessa que ele recebeu a terra que fora prometida aos seus ancestrais. O verbo vir [בָּאתִי],¹⁶⁵ em seu aspecto do perfeito, engloba mais que uma ação de movimento, ou deslocamento, do confessor. Ele tem por trás de si as ações dos verbos possuir [יָרַשׁ] e habitar [יָשַׁב], presentes no versículo 1. Assim, o “vir” subentende que o confessor é dono da terra e que a viagem que ele inicia é resultado dessa posse, e, por isso, ele está ali para apresentar sua oferenda, cujo fim é servir de testemunha que ele dono de sua propriedade. Se ele viesse apresentar um fruto de uma propriedade que não fosse sua, ele seria acusado de roubo. Isso reforça a idéia que a confissão tem também um poder jurídico.

Esta idéia é mais bem esclarecida pela oração que qualifica a palavra “terra” que vem a seguir. O confessor veio para a terra “que Javé jurou, para nossos pais, para dar

¹⁶⁴ C. Westermann, נגד, “comunicar”, IN: DTMAT, volume 2, p. 55-56.

¹⁶⁵ Esta é a quarta vez que o verbo בוא aparece nestes primeiros três versículos. Nesta quarta ocorrência, ele é precedido da conjunção כ. Esta pode ser traduzida por “que” ou simplesmente ser omitida na tradução, colocando-se dois pontos para salientar uma citação direta: “... declaro hoje, para Javé teu Deus: ‘Vim para a terra...’”. Qualquer que seja a forma de tradução, a conjunção introduz uma oração substantiva objetiva.

para nós”.¹⁶⁶ Aqui um novo qualificativo é dado para “terra”. Nos versículos anteriores, por duas vezes, a “terra” é qualificada como aquela “que Javé teu te dá”. Então a terra é não somente dada, como ela é dada sob a condição de um juramento feito por Javé aos pais do confessor.

Por outro lado, a terra não somente é terra prometida, como é terra prometida sob juramento. Javé jurou aos ancestrais que ela seria dada aos filhos [לָנוּ]. Como o vínculo entre o antigo e o novo é claro em toda a perícopes, os pais recebem o cumprimento da promessa através dos filhos. Os pais receberam a promessa da terra, mas quem a recebeu de fato foram os filhos. Os pais tiveram o juramento, mas o usufruto real coube aos filhos. Os pais receberam o juramento, mas os filhos foram os que receberam a concretização histórica deles.

Ao dizer que o juramento fora feito aos pais, mas com o fim de dar a terra aos filhos, o redator coloca na boca do Confessor o entendimento que Javé já tinha esta intenção quando fizera o juramento. A oração que qualifica a palavra “terra” é seguida por outra oração mostra o fim a que se destinou o juramento da terra feito aos pais – “... para dar para nós”.

Portanto, o conteúdo inicial de “Eu declaro” foi feito para conter a afirmação que o confessor já está na terra, e que esta terra tem a marca de ser uma terra dada como resultado de um juramento feito aos pais, mas cuja realização se deu na vida dos filhos. O redator ao colocar estas palavras junto com a confissão original, ele expressa seu próprio pensamento teológico. Se este material vem de uma atualização redacional nos tempos de Josias, então aqui há as mãos de redatores que pertenciam a classe sacerdotal.

b. A retomada da palavra pelo redator

[4] E tomará o sacerdote a cesta de tua mão,
e a colocará diante do altar de Javé teu Deus.

¹⁶⁶ Esta oração é uma oração adjetiva [אֲשֶׁר נִשְׁבַּע יְהוָה לְאֲבוֹתֵינוּ לָתֵת לָנוּ] pois qualifica o substantivo “terra”. Aqui há a terceira vez que a palavra אֶרֶץ toma lugar, dentro desta perícopes, numa posição de palavra qualificada por uma oração adjetiva. Seguindo a oração adjetiva tem uma oração adverbial final – “... para dar para nós”. Deste modo, a terra é aquela “que Javé jurou para nossos pais, com o fim de dar para nós”.

Disto isto, o narrador entra, pela segunda vez, para dizer qual deve ser o procedimento do sacerdote em seguida. O que o narrador está fazendo nos versículos 1-3a e 4 é estabelecer procedimentos que façam do invólucro da confissão um procedimento ritual, tornando a confissão parte de uma celebração no Templo. Neste versículo, porém, papel do sacerdote se apresenta bem resumido. Além de ouvir a confissão da boca do confessor, como testemunha do que ele diz, ele age para disponibilizar, adequadamente, a oferenda do confessor diante de Javé, pois o confessor veio falar a Javé.

Em primeiro lugar, o sacerdote deve receber¹⁶⁷ a oferenda da mão do confessor (“E tomará o sacerdote a cesta de tua mão”). Mas aqui, ele não é o intermediário entre Deus e o confessor, mas o intermediário para colocar diante do altar. Como o altar pode estar funcionando como substituto de Javé, então, simbolicamente, o sacerdote coloca a cesta diante de Javé. Se o altar é o altar de Javé, então colocar no altar é colocar diante de Javé.

Em segundo lugar, o altar diante do qual é colocada a oferenda não é declarado qual é, se é o altar do sacrifício ou se é o altar que ficava dentro do santuário. Porém, como o ofertante fará a dedicação desta oferenda antes de ser usufruída por ele mesmo, então, pode-se dizer que o altar em vista é o altar do sacrifício, o qual ficava diante do Tabernáculo.

A última colocação nesta declaração intermediária do narrador é “Javé teu Deus”. Ela é recorrente dentro desta perícope, aparecendo por nove vezes em uma perícope de onze versículos.¹⁶⁸ A construção simplesmente salienta que Javé é o Deus tanto do confessor quanto do sacerdote. Deste modo, se o confessor está vindo diante do sacerdote de seu Deus, o qual coloca sua oferenda diante¹⁶⁹ do altar daquele Deus. A

¹⁶⁷ O verbo perfeito consecutivo, וַיִּקַּח aponta para a ação completa do sacerdote. Isso não quer dizer que não haja movimento dentro desta ação. Apenas indica que ele fez uma ação completa. O narrador está interessado em ver a ação realizada, acabada.

¹⁶⁸ A construção gramatical יְהוָה אֱלֹהֶיךָ aparece em todos os versículos, excetuando os versículos seis, oito e nove. Nos versículos dois e dez ela aparece por duas vezes. Por outro lado, o nome Javé sozinho aparece nos versículos três, sete, oito e dez. Desta forma, a convicção que Javé é o Deus que lhe concede a terra é bem estabelecida na confissão. Isso aponta na direção da importância do relacionamento do confessor com seu Deus. É um relacionamento profundamente pessoal.

¹⁶⁹ A tradução “diante de” vem de לִפְנֵי, a qual é uma construção com a preposição לְ mais a palavra dual no construto para face פָּנִים. Literalmente, então, seria “para as faces de”. Estar diante da face é estar na presença de alguém, ou do símbolo que o representa. Como a terra é a terra de Javé e onde Javé tem seu lugar de descanso, então o Confessor estaria diante de Javé, ou em presença/face de seu Deus.

intermediação do sacerdote é resumida, porque, a confissão do ofertante é diretamente dirigida a Javé, seu Deus. Além disso, o Deus a quem o sacerdote serve, é o mesmo a quem o confessor dedica sua oferta.

c. Orientações finais antes da Confissão própria

[5] E tu responderás
e dirás diante de Javé teu Deus:

As palavras “e tu responderás” e “e tu dirás”¹⁷⁰ introduzem o confessor para falar diretamente à Divindade. Ele fará isso “diante de Javé teu Deus” [לפני יהוה אלהיך]. Porém, deve-se perguntar sobre o lugar onde o confessor está para fazer sua confissão. Haja vista que o sacerdote recebeu a cesta, da sua mão, com o produto da terra a ser ofertado, e a colocou diante do altar (do sacrifício), então se pode deduzir que o confessor está diante do altar, sendo este símbolo da presença de Deus em sua forma resumida, tendo em vista que o santuário, em seu sentido mais amplo, era o lugar aonde Javé habitava.

Por assim notar, entende-se que o confessor está diante do próprio Javé, o seu Deus. As várias vezes em que aparece a construção “teu Deus”, seja por declarar que o Deus é do sacerdote, seja por ser o Deus do confessor, tanto um como o outro aponta nessa direção. O confessor, bem como o sacerdote, tem uma clara consciência que o que eles fazem ou dizem, fazem ou dizem diante de Javé.

Até foi tratado os acréscimos redacionais para colocar a confissão dentro do ambiente literário de Deuterônomo. O que será dito em seguida tem haver com a confissão propriamente dita.

¹⁷⁰ Estas duas palavras, וְעָנִיתָ וְאָמַרְתָּ, podem ser vistas como a forma hebraica redundante de dizer a mesma coisa. Dinamicamente se pode traduzir esta construção assim: “... e continuarás a dizer diante de Javé teu Deus...”; ou “... e responderás diante de Javé..., dizendo”. Qualquer que seja a idéia, o princípio por trás desta declaração é que o que o confessor vai declarar faz parte da parte introduzida no v. 3 por “Eu declaro”.

2. A segunda parte da confissão: A confissão diante de Javé (26.5b-10^a)

a. As origens do confessor: o pai arameu

[5b] “Arameu, meu pai, perecendo,
e desceu para o Egito,
e peregrinou ali, com machos¹⁷¹ poucos.
E tornou-se ali uma grande nação,
numerosa e grande.

O confessor começa o miolo da confissão declarando suas origens. “Um Arameu que perecia foi meu pai”¹⁷² é a declaração inicial do confessor diante de Javé. O ponto a destacar é que o confessor não coloca suas origens em Ur dos caldeus, de onde procede Abraão, mas em Arã (Gênesis 11). A razão para isso é dupla. Primeiro, porque quando Abraão saiu de Ur, ele foi peregrinar em Arã. Então, ele peregrinou ali e ele pode ser identificado o “meu pai” do texto. Mas em parte alguma do Gênesis esta peregrinação pode ser vista com base no sofrimento. Mas não é esta a visão do confessor. Para o declarante, seu pai era alguém em risco de perecimento.

Assim, o texto tem “meu pai”¹⁷³ no singular, o que faz o texto referir-se a um pai específico. E o ancestral que mais se adéqua ao texto é Jacó. Primeiro, porque Jacó foi peregrino em Arã por vinte anos, segundo a narrativa do Gênesis (31.36-42).¹⁷⁴ E todos os filhos de Jacó nasceram durante seu tempo de peregrinação em Arã, exceto Benjamim que nasceu a caminho de Canaã. Além disso, suas duas mulheres eram de

¹⁷¹ Eles eram os representantes dos clãs de Israel. As tribos de Israel levariam os nomes de cada filho de Jacó. Assim, não deve ser estranho que aqui fale de “machos”, sem levar em consideração, explicitamente, as fêmeas.

¹⁷² אָרַם אֲבִי אֲרָם tem um qal participio אָרַם, de אָרַם. Este participio pode se traduzido de forma perifrástica, “estava perecendo”, ou como um imperfeito, “perecia”. De qualquer forma, a ênfase que se quer dar é a da continuidade da ação no passado, da perspectiva do confessor. O participio é empregado aqui como adjetivo para qualificar aquele momento da existência de Jacó – um eremita em perigo.

¹⁷³ Literalmente temos uma construção no estado construto aqui: “o pai de mim”. Esta construção aponta para o relacionamento estreito entre o confessor e Jacó. Ele tem uma identidade histórica a quem apontar para destacar sua origem, o que fica fortemente notado se entender-se que o confessor não é um filho direto.

¹⁷⁴ Mesmo que Jacó já seja apresentado como um homem aparentemente “rico”, ele esboça seu sofrimento no cuidado do rebanho de seu sogro, e seu relacionamento com seu sogro não foi fácil durante os vinte anos que ele passou ali, segundo o narrador, nesta perícopes de Gênesis. Então, sofrimento parece acompanhar os anos de Jacó. O conceito de sofrimento de alguns para que outros tenham alívio ou benefício é parte básica da história bíblica. Os primeiros, os pioneiros sofrem, para que os que vêm depois usufruam de seus frutos sem muito ou nenhum sofrimento.

Arã. Pode-se dizer que o povo de Israel nasceu ali. Esse nome pode ter-se tornado um apelido para Jacó depois que ele retornou de Arã, devido a seus novos costumes incorporados a seus hábitos depois de vinte anos vivendo ali.

Segundo, mesmo que Abraão tenha ido para o Egito, ele não permaneceu muito tempo ali (Gênesis 12,10-13,4). O verbo “descer” [יָרַד] seguido do verbo “peregrinar” [וַיֵּיטֹר] dirigem a atenção para Jacó porque mostra mais tempo de duração ali que Abraão. Além disso, mesmo que Jacó não fosse um arameu, ele viveu ali por cerca de vinte anos, e casou-se com duas mulheres de Arã, Lia e Raquel.¹⁷⁵ Como a nação formou-se dos filhos de Jacó que nasceram ali, exceto um, a identidade de Jacó com aquela terra acabou sendo assumida, e o confessor aponta isso em sua declaração de confissão, identificando-se também com essa origem. Esta identificação se faz pela afirmação do confessor de chamar o arameu de “meu pai”, ou “pai de mim”.

Ao afirmar que seu pai era arameu, o confessor declara-se estrangeiro. A terra que ele recebera de Javé era uma terra que não era sua. Isso está em harmonia pelas constantes declarações, tanto na confissão quanto nos seus acréscimos redacionais que a terra era uma terra que Javé estava dando para ele. O verbo “dar” e a palavra “terra” indicam que há uma lembrança clara que a posse da terra é resultado da dádiva de Javé,¹⁷⁶ a qual chega ao domínio dos filhos por causa do compromisso de Javé com seus pais.

Em terceiro lugar, a declaração final que ali “meu pai” tornou-se um grande povo coloca, definitivamente, a atenção em Jacó. Pois ele foi para lá com poucos homens¹⁷⁷ em sua comitiva, e foi lá que estes poucos se tornaram um grande povo, como a narrativa de Êxodo 1 aponta. Por isso, esta pesquisa entende que o texto, na construção “meu pai”, refere-se a Jacó e não a Abraão.¹⁷⁸

¹⁷⁵ Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy*, p. 321.

¹⁷⁶ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 355.

¹⁷⁷ A palavra נָחִים direciona a atenção para os machos da família de Jacó que foram para o Egito com ele, provavelmente incluindo José, o qual já estava no Egito. A referência, portanto, é aos homens do grupo que desceram com Jacó, sem levar em consideração as mulheres. Mesmo que os homens sejam o referencial, isso não indica que as mulheres não tenham a importância que elas merecem. Vale destacar que há outra tradição literária que atribui às mulheres, Lia e Raquel, a formação da nação de Israel (Rute 4,11).

¹⁷⁸ Esta pesquisa não levou em consideração Isaque porque ele nunca saiu de Canaã para lugar algum, segundo a narrativa do livro de Gênesis. Tudo o que lemos de Isaque na narrativa de Gênesis o coloca dentro de Canaã.

A colocação desse detalhe no início do coração da confissão tem como meta fazer o contraste entre o confessor e seu ancestral, Jacó. O ancestral do confessor é chamado de alguém errante e em perigo de vida, enquanto aquele que declara a confissão está em segurança, em meio a seu povo, e em posse de sua herança na terra. Seu pai tinha uma condição de vida instável, enquanto que ele estava estabilizado em sua terra e colhendo os frutos na terra que fora prometida ao seu pai, mas recebida por ele.

Mas há ainda outro elemento a apontar nesta declaração inicial. O confessor destaca seu vínculo com um homem específico, Jacó, chamando-o de “meu pai”, e, com isso, colocando-se a si mesmo como membro de uma grande família. Então a confissão é também uma forma de estabelecer a grandeza de uma grande família que surgiu a partir de alguém particular, em meio a condições adversas de sua peregrinação. “Meu pai” mostra seu relacionamento particular com um homem específico em sua história e representante de uma linhagem – a linhagem dos filhos de Israel.

Partindo-se disto, percebe-se a natureza familiar da confissão. Ela inicia por mostrar os laços de família muito bem tecidos, a quem o confessor deve sua existência, e a qual ele pertence, e da qual ele tornou-se participante da herança. Essa afirmação de laços de parentesco mostra não somente a continuidade histórica entre as gerações, como também a convicção que Javé foi o grande condutor desta história até aquele momento.

b. As peregrinações do ancestral do confessor: Jacó

1) O pai em perigo (26.5)

A confissão diante de Javé, neste ponto, começa com os tempos difíceis até o começo da formação de um povo forte em número. A primeira declaração, neste ponto, é que o pai do confessor viveu em tempos de crise e perigo. O particípio “estava perecendo” [אָרָמֵי]¹⁷⁹ traz em si a idéia de “perigo de perecer”.¹⁸⁰ Como o

¹⁷⁹ Este particípio qualifica o substantivo “araméu”. Assim se pode colocar na tradução: “Arameu (foi) meu pai, o que estava perecendo”. A definição do pai a quem o confessor estava se referindo é declarada por esta oração adjetiva. Desta forma não fica difícil entender que ele está se referindo a Jacó.

¹⁸⁰ Keil & Delitzsch, *Old Testament Commentaries – Genesis to Judges* 6:32, p. 1085.

verbo “perecer” [אָבד] “é uma palavra comum para morrer”,¹⁸¹ a idéia que o confessor está querendo transmitir é que Jacó às margens de não conseguir a sobrevivência, e, por isso, a ida para o Egito foi um meio de escape.

Poucas informações podem ser obtidas do livro de Gênesis sobre os perigos que Jacó passou. Duas, porém, representaram ameaça significativa para Jacó e seus descendentes. Uma foi o encontro entre Jacó e seu irmão Esaú quando voltava de Arã (Gênesis 32-33), e, depois, quando os filhos de Jacó invadiram uma cidade filistéia e mataram as pessoas de lá (Gênesis 34). É possível acrescentar a isso os momentos difíceis enfrentados por Jacó enquanto cuidava do rebanho de seu sogro, em Arã (Gênesis 31.3-42).

Mas há, além disso, um momento em particular que serviu de possibilidade de extinção de Jacó e toda a sua família – o período de fome (Gênesis 46). A construção da frase beneficia este momento como o mais forte para ser um momento de perigo de perecer. Pois em seguida a isso, o texto diz que Jacó desceu para o Egito. Desta forma, “Meu pai, perecendo, desceu para o Egito” mostra que a condição em que ele desceu para o Egito era a condição de alguém que estava perecendo.

Por outro lado, a palavra deseja destacar aquilo que todo estrangeiro enfrenta – a possibilidade de ser agredido em terra estrangeira, e perder a vida lá. Como arameu, Jacó era não somente estrangeiro em Canaã, como também no Egito. Além disso, o contraste de condição entre o confessor e seu pai arameu é notória. Ele apresenta os frutos da colheita feita em sua própria terra, enquanto seu pai além de não ter uma terra, era um peregrino em terra estrangeira.¹⁸²

2) O pai exilado (26.5)

A experiência de Jacó, indo para o Egito, foi de alguém que foi para o exílio. Em primeiro lugar porque a ida para o Egito é uma descida. O texto diz que “ele (o meu pai) desceu para o Egito”.¹⁸³ Mesmo que a descida de Jacó para o Egito tenha sido

¹⁸¹ TWOT, volume 1, p. 3.

¹⁸² Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy*, p. 321-322.

¹⁸³ וַיֵּרֶד מִצְרָיִם: o imperfeito consecutivo pode ser visto em seu significado sintático de “imperfeito contingente” (ARNOLD & CHOI, *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*, p. 59-60), tendo em vista que a descida de Jacó para o Egito foi forçada pelas condições de alimentação existentes na terra em que

causada por uma ordem divina, segundo o narrador de Gênesis (46.1-7), a expressão “descer ao Egito” é sempre vista com suspeita dentro do relato bíblico, pois ela representa a descida para depender do poder do homem em lugar do poder de Deus, sendo que a capacidade humana para o socorro poderia falhar.¹⁸⁴ Mas, pela perícopes, o descer era a alternativa da sobrevivência para quem já estava perecendo.

Assim, em segundo lugar, mesmo com a aprovação divina para a descida de Jacó para o Egito, a visão do confessor na não é positiva, principalmente porque essa descida resultará em escravidão e, conseqüentemente, o grande sofrimento que seria experimentado por todo o povo. O verbo “peregrinar”¹⁸⁵ pode ser visto como resultado da ação do verbo descer. Com isso, o verbo peregrinar seria considerado o propósito do verbo descer.¹⁸⁶ Jacó desceu ao Egito para peregrinar, em contraste com alguém que fosse para ali para estabelecer-se. Com isso, tem-se a idéia que o confessor entendia que o pai arameu não foi para o Egito com o fim de estabelecer-se ali, mas para passar um tempo, uma peregrinação.

O verbo נָזַח (peregrinar) é normalmente empregado para pessoas estrangeiras, ou para aqueles que não são do mesmo sangue daqueles que vivem na região.¹⁸⁷ Segundo Martin-Archard, o verbo נָזַח tem o sentido de “residir como forasteiro”.¹⁸⁸ Os israelitas que viviam no Egito tinham sua vida estabelecida ali por centenas de anos. Mesmo assim, eles não viviam ali como nativos, por mais natural que a vida pudesse parecer para eles no Egito.

Todos os israelitas que foram para o Egito eram estrangeiros e estranhos ao Egito. O confessor, por sua vez, ao colocar este elemento na abertura de sua confissão, destaca-o como algo que não pode ser esquecido para que a dádiva da terra que ele possui agora, e que não foi possuída por seus ancestrais, e que agora é possuída por

estava. Ali, ele “estava perecendo”. O ה local, presente na palavra מְצַרִּימָה dá a idéia de direção. Assim, a tradução “para o Egito” está correta.

¹⁸⁴ TWOT, volume 1, p. 401.

¹⁸⁵ נָזַח é outro imperfeito consecutivo nesta seqüência consecutiva. Esta seqüência nasceu dos verbos perfeitos [וְנָזַח וְנָזַח] que fazem parte das últimas declarações do narrador antes de começar esta segunda parte da confissão. Na declaração do confessor de sua confissão em si, o que notamos é uma seqüência narrativa constituída de imperfeitos consecutivos.

¹⁸⁶ Kelley considera que a seqüência narrativa construída de imperfeito mais imperfeito “... às vezes, expressa o resultado ou o propósito da ação do primeiro verbo” (p. 248).

¹⁸⁷ TWOT, volume 1, p. 154.

¹⁸⁸ DTMAT, volume 1, p. 583.

ele, e que ele não esqueça que outros sofreram muito para que ele tivesse todo o bem que a terra pode oferecer.

Porém, o confessor reconhece, em sua declaração de confissão, que foi ali que a nação foi formada a partir de poucos. Deuteronômio 26.5 tem “... e (“o meu pai”) peregrinou lá com poucos machos” [בְּמִתִּי מְעַט].¹⁸⁹ Esta construção foi colocada para contrastar com o final da frase. Eles eram poucos machos, mas que vieram a ser um povo grande e forte, subentendendo, de machos.

Desta visão inicial do confessor apresentada na abertura desta parte da confissão, pode-se inferir os seguintes dados: primeiro – o reconhecimento que os seus ancestrais foram peregrinos em dificuldades em terra estrangeira, em contraste com ele que está em posse da terra prometida por Javé; segundo – eles eram poucos em contraste com o número que o povo é na ocasião da confissão declarada em sua festa comunitária, ou diante do sacerdote, no lugar central; finalmente – o confessor tem uma vida estável em contraste com a vida nômade e instável de seus antepassados.¹⁹⁰ Mesmo assim, ele é herdeiro dessa rica tradição histórica da qual ele pertence por ser aquele em quem se cumpre o juramento de Javé.

3) O pai multiplicado: A multiplicação dos poucos machos em muitos – de um a muitos (26.5)

Seguindo a seqüência de verbos imperfeitos com vav consecutivo, a última oração, desta abertura da segunda parte da confissão, começa com o verbo היה (ser, estar, tornar-se)¹⁹¹ no imperfeito consecutivo. Deve-se entender este imperfeito da perspectiva de um imperfeito ingressivo, no qual a ênfase está no início da ação.¹⁹² Com isto em mente, o confessor está declarando que foi no Egito que o povo

¹⁸⁹ בְּמִתִּי מְעַט – esta construção literalmente pode ser traduzida assim: “... com machos de menos” ou “com machos de pouco”. Elas são expressões de debilidade, ou fraqueza numérica. Provavelmente elas são colocadas para fazer contraste com a realidade vivida pelo confessor. Daqueles que eram fracos geraram um povo numeroso, forte em número. As duas palavras são colocadas para enfatizar o homem como aquele que deu origem a nação, principalmente da perspectiva da guerra, onde o macho era importante para a batalha. A palavra מִתָּ, a qual está no estado construto plural aqui, é colocada em contraste com a palavra “mulher” [אִשָּׁה] e “criança” [יָלֵד] em duas ocorrências em Deuteronômio (2.34 e 3.6). Ver TWOT, volume 1, p. 535-536, para maior desenvolvimento do entendimento desta palavra.

¹⁹⁰ Considere-se a terra como elo entre o confessor e seus pais do passado. Aquilo que eles tanto almejavam veio a ser parte da vida seus filhos e netos. O espaço temporal que os separa, é restabelecido pela história comum. Eles são herdeiros daqueles que sofreram no Egito.

¹⁹¹ TWOT, volume 1, p. 213.

¹⁹² Bruce & O'Connor, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*, p. 503-504.

começou a ser um povo numeroso.¹⁹³ Um povo peregrino, mas que veio a ser numeroso enquanto esteve estabilizado ali.

O verbo *היה* é seguido pelo advérbio “lá/ali” [*שם*],¹⁹⁴ para referir-se ao Egito.¹⁹⁵ Em sua confissão, o confessor declara que no Egito o povo¹⁹⁶ peregrinou e começou o processo de multiplicação, mesmo tendo ido para lá com poucos “machos”.¹⁹⁷ As palavras destacadas pelo confessor para pontuar o aumento significativo do povo, quando comparado com o crescimento dos egípcios, são presentes no livro de Êxodo (1.7, 9, 12 [*גָּדוֹל עַמּוֹם וְרַב*]).

Cada uma dessas palavras pode ser vista por sua nuance particular para caracterizar o povo em seu tamanho grande [*גָּדוֹל*], poderoso em força [*עַמּוֹם*], e muitos em número [*רַב*]. Olhando de outra forma, o que estas palavras querem dizer, em seu conjunto, é que Javé abençoou o povo, cumprindo a promessa de fazê-lo tão numeroso como as estrelas do céu (Gênesis 15.5).

Enfim, o que o confessor faz nesta parte introdutória de sua confissão é declarar parte de sua história, em forma abreviada, por enumerar a transformação de seu povo de um homem só para uma nação numerosa, mesmo que sob adversidades. Junto com isso deve-se perceber que, mesmo que seus pais fossem muitos, eles não herdaram a terra da promessa, ao contrário do próprio confessor que, agora, possuía sua própria terra. Ao colocar isso em sua Confissão, ele quer apontar esse aspecto como importante e que não deve ser esquecido.

¹⁹³ *וַיְהִי־שָׁם לְנוֹי גָּדוֹל עַמּוֹם וְרַב*: “... e começou a ser ali (lá, no Egito) a/para um povo grande, forte e numeroso/muito”.

¹⁹⁴ Este advérbio também segue o verbo “peregrinar”. Como o tempo passado no Egito foi de muitos anos, peregrinação não indica uma situação efêmera, obrigatoriamente. Indica o estabelecimento de moradia sem naturalização.

¹⁹⁵ *שם* indica que a confissão fora criada por alguém que não conhecia o Egito. Ela é uma criação de alguém que está fora dali e refere-se ao Egito como “lá”, mostrando que a confissão é uma declaração de memória. Por outro lado, a confissão pode também ter nascido de alguém que esteve no Egito e saiu de lá no Êxodo, e não deseja que essa experiência seja esquecida por seus filhos e sua comunidade.

¹⁹⁶ *גוי* é um substantivo “usado especificamente para referir-se a um grupo de pessoas definido política, étnica ou territorialmente, sem ter conotação religiosa ou moral específica” (TWOT, volume 1, p. 153-154). Nos aspectos político e terra, nesta citação, a palavra *גוי* não pode ser entendida. Porém, o que o confessor está apontando é que o povo teve fortalecimento étnico com o seu aumento, fazendo-o entender-se como “povo de Israel”, uma nomenclatura étnica para salientar sua origem em relação a Jacó.

¹⁹⁷ Esse aumento significativo do povo em condições adversas está presente também no exílio (Jeremias 29.1-14). O profeta recomenda que povo se case com o fim de acontecer a multiplicação do povo que foi reduzido pela guerra e deportação.

c. Opressão e multiplicação

1) Ações opressoras dos egípcios (26.6)

[6] “E quebraram-nos os egípcios,
e humilharam-nos,
e deram sobre nós trabalho severo.

As lembranças do sofrimento são um preâmbulo para a necessidade de saída, ao afirmar que nem tudo foi paz para Israel no Egito, como mostra a confissão em Deuteronômio 26,6. Na seqüência da perícopes de Deuteronômio 26,1-11, o confessor apresenta os momentos mais difíceis do povo do Egito. Seguindo uma seqüência narrativa padrão, ele declara o que aconteceu com o povo depois de seu significativo aumento, apresentado no versículo anterior. A estabilidade do povo no Egito não era o fim da descida de Jacó para ali. Haja vista que o pai arameu estava em vias de extinção, a ida para o Egito foi uma provisão para que Jacó e sua família se estabilizassem, aumentassem e retornassem para tomar posse da Terra que havia sido prometida aos pais da nação.

A sucessão de verbos no imperfeito, com vav consecutivo, iniciada no versículo anterior, apresenta três verbos que, na sua essência, apontam na mesma direção – o pesado sofrimento imposto pelos egípcios sobre o povo de Israel no Egito foi tão marcante que não pode ser esquecido. A acomodação do povo a uma vida de estabilidade tinha que experimentar um choque para que as suas motivações fossem dirigidas para a vontade de sair dali.

Entretanto, cada verbo apresenta um elemento particular nessa história de opressão egípcia contra os “escravos” israelitas, mesmo que pareça haver um escalonamento no processo de escravizar, fazendo com que “e deram sobre nós trabalho severo” se torne o clímax das ações egípcias sobre os israelitas.

Em primeiro lugar, notamos na ordem de escrita o verbo “maltratar”.¹⁹⁸ O tipo de maltrato apontado pelo confessor estão tanto no campo físico (infligir sofrimento por

¹⁹⁸ רָעָה – tanto este quanto os outros dois verbos [יָחַד, יָחַד] podem ser colocados como imperfeitos ingressivos, aonde a ênfase recai a sobre o início da ação. Então traduzindo estes verbos para dar uma idéia do pensamento semântico por trás deles, eles se apresentam assim: “E começaram os egípcios a nos maltratar, e (começaram) a nos humilhar e (começaram) a dar sobre nós pesado trabalho” (Deuteronômio 26,6). Esta forma de entender as ações destes verbos está em harmonia com o que foi

meio de instrumento de agressão) quanto no emocional (infligir sofrimento por meio de ameaça).¹⁹⁹ Qualquer que seja o campo em que a maldade era praticada pelos egípcios, a ação verbal salienta uma continuidade da repetição²⁰⁰ na prática dessa opressão maldosa sobre os israelitas.

Em segundo lugar, o próximo verbo tem sua idéia básica de forçar alguém à submissão, por meio de coerção e sofrimento.²⁰¹ É o método de infligir tortura física como instrumento de dominação. Para o confessor, o povo experimentou todo tipo de humilhação dolorosa para que ele viesse a ser “dócil” sob o domínio dos egípcios. Este verbo completa a idéia do verbo anterior. Porém, traz em seu interior a idéia de sofrimento, provavelmente causado por prisões e espaçamentos públicos, sendo, tais indivíduos, o modelo para que outros se submetessem com facilidade.

Este tipo de comportamento dos egípcios faria com que o povo se sentisse diminuído em sua capacidade, força e valor.²⁰² Este modelo de empobrecimento é muito difícil de recuperar em pouco tempo. Além disso, quando a pessoa passa por essa experiência, ela pode ter a tendência de submeter a igual situação o próximo quando ela está no poder. Por isso Deuteronômio tem leis que tornam em civilidade os relacionamentos entre um homem livre e seus escravos, e o estrangeiro, o órfão e a viúva.

O último verbo destaca que este tipo de sofrimento era sofrimento de um escravo. O povo foi colocado para realizar trabalhos forçados, próprio de trabalho escravo. O verbo נתן por ser entendido como “impor”, em lugar do simples “dar”. Os verbos anteriores favorecem este entendimento, bem como pelas palavras seguintes, “pesado trabalho” [עֲבֹדָה קָשָׁה]. Esta expressão é usada “para indicar o trabalho forçado que um

dito no versículo 5, pois mostra que estas ações dos egípcios foi resultado do grande aumento do povo, e uma tentativa de diminuir, acentuadamente seu crescimento. Assim, depois de verem o aumento “assustador” dos israelitas, eles começaram a exercer a opressão com o fim de não correr riscos.

¹⁹⁹ TWOT, volume 2, p. 854, 855. O livro de Êxodo 1,8-14 apresenta um progresso na maldade dos egípcios. Os egípcios usaram de astúcia (v. 10), “... puseram feitores... para os afligires...” (v. 11), “... faziam servir...” (v. 13), e “... fizeram-lhes amargar a vida...” (v. 14). A recapitulação do adorador tem este pano de fundo.

²⁰⁰ O tipo sintático de imperfeito que mais se adéqua a esta situação é o de “imperfeito freqüentativo” em que há a repetição da ação como elemento distintivo desse imperfeito (J. W. Watts, *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*, p. 56).

²⁰¹ *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*, p. 183. Quando a palavra tem o sentido de humilhar por meio do sofrimento, a raiz é empregada no piel.

²⁰² DTMAT, volume 2, p. 439.

déspota impõe a um povo”.²⁰³ Nesta confissão, o déspota não é uma pessoa, mas um povo – os egípcios, segundo o confessor. O adjetivo קָשָׁה qualifica o substantivo “trabalho” salientando que houve um trabalho escravo realizado pelos israelitas no Egito.

A meta com estas ações dos egípcios era impedir qualquer valorização grupal com o fim de evitar qualquer reação coletiva da parte do povo. O moral do grupo estava era desvalorizado, impedindo organização, dificultando o processo que pudesse dar esperança de ação.

Estes três verbos devem ser vistos da perspectiva presente do confessor. Ele não somente é um homem livre como é também alegre. Essa confissão era declarada em momentos de alegria pela bênção de Javé no campo. A recordação que houve muito sofrimento para que ele chegasse a esse momento daria a sua alegria a expressão de profunda gratidão a Javé pelo momento em que ele vivia e pela história que ele possuía.

Para o confessor, portanto, fazia-se importante recordar esses momentos como forma de apresentar que os benefícios, os que ele estava desfrutando naquele momento, haviam sido conquistados pelo sofrimento de seus ancestrais. Também permitia que esse momento histórico não caísse no esquecimento. Há linha histórica contínua entre o confessor e seus antepassados que não pode ser negada.

2) Reação israelita (26.7a)

[7^a] “E gritaram²⁰⁴ para Javé,
Deus de nossos pais,

O grito é uma reação de desespero. No caso apresentado na confissão, quem grita, grita por um pedido de salvação. O grito aqui é resultado do desespero que o povo estava vivendo. A reação daqueles que não têm como buscar a libertação, por seu próprio esforço, é buscar socorro na divindade de seu culto. Isso é próprio de comunidades que estão sob domínio de poder escravagista. Com Israel não é

²⁰³ DTMAT, volume 2, p. 869. Notar outros seguintes lugares onde esta expressão é usada: Êxodo 1,14; 6,9; 1 Reis 12,4; Isaías 14,3; 2 Crônicas 10,4.

²⁰⁴ זָעַק segue a cadeia de verbos consecutivos para designar que a opressão era tão grande que não restou alternativa, a não ser gritar.

diferente. Israel está em grande necessidade, por isso ele grita. O que encontramos neste versículo é também encontrado no livro de Êxodo 2,23-24.

Mas aqui ela se encontra mais desenvolvida. Primeiro, o confessor diz que o povo “gritou”. Foi um grito dirigido a alguém. A preposição לֵאלֹהֵי é uma preposição de direção e movimento.²⁰⁵ Isso indica que o sofrimento, imposto pelos egípcios sobre os israelitas, fez com que estes mudassem em um movimento de direção a Javé.²⁰⁶ É um movimento na direção de quem pode fazer algo para mudar a situação atual. Isto subentende a perda de esperança em uma mudança na situação sem a intervenção divina. Assim, pode ser um grito de dor quanto o de um pedido de auxílio.²⁰⁷

Em lugar de tentar alternativas diplomáticas infrutíferas, e diante do aumento do sofrimento do povo, o povo viu que a única saída era “gritar” para Javé.²⁰⁸ Pressupõe-se, com isso, uma solidariedade divina que, ao ouvir o grito de seu povo, terá prontidão em vir em seu socorro sem demora.²⁰⁹ O verbo imperfeito aqui [וַיִּגְדָּלוּ] ²¹⁰ pode ser apontado como um perfeito incipiente, aonde a ênfase do confessor está no início da ação (“... começaram a gritar”),²¹¹ apontando que o grito a Javé era resultado natural do que o povo estava enfrentando naquele momento.

O grito de socorro do povo indica que seus direitos haviam sido suprimidos e que, no lugar deles, fora-lhe dado o peso do trabalho escravo. Pode-se sugerir que o povo coloca-se na direção de sua Divindade, para que esta se coloque na direção de seu

²⁰⁵ Ela “denota movimento a ou direção para, seja física ou mental” (BDB, p. 39). Assim, pode-se dizer que o foco de atenção do povo voltou-se para Javé, como aquele que podia livrá-lo do sofrimento, pelo qual ele estava passando. Pode-se chamar esse momento de retorno do povo em fé para Javé, seu Deus.

²⁰⁶ As possibilidades que podem ser levantadas aqui são as seguintes. Primeiro, o povo estava bem no Egito por muito tempo por influência da herança positiva deixada por José, e, possivelmente, por outros que serviram a dinastia egípcia do tempo de José. Mas, eles tornaram-se muito numerosos, e isso fez com que comesse um movimento de sufocar o povo para que não mais aumentasse. Com isso, em segundo lugar, o povo deve ter se acomodado as primeiras investidas dos egípcios para que o povo não mais aumentasse, esperando que isso não fosse avançar – houve uma acomodação inicial aquela situação. Porém, em terceiro lugar, o que aconteceu foi um aumento da opressão, não restando ao povo outra direção, a não ser dirigir-se a Javé, pedindo-lhe socorro. Então, a preposição לֵאלֹהֵי, se perfeitamente aqui. Ela mostra uma mudança de direção no povo.

²⁰⁷ DTMAT, volume 2, p. 716.

²⁰⁸ Javé é qualificado como “o Deus de nossos pais”. Isso é interessante, pois o esperado seria “Javé nosso Deus”, ou “Javé meu Deus”. Porém, como o texto apresenta uma solidariedade entre o confessor e “o pai”. Para aquele que faz esta confissão, então, o Deus de nossos pais é também o seu Deus.

²⁰⁹ DTMAT, volume 2, p. 717.

²¹⁰ A raiz deste verbo sugere “clamar por socorro sob grande pressão ou... uma exclamação de grande excitação” (TWOT, volume 2, p. 772).

²¹¹ Harris *et alli*, *Theological Wordbook of the Old Testament*, p. 503-504.

povo. É uma mudança de direção do povo na perspectiva que a Divindade faça o mesmo. É a busca pelo favor divino.

O que este imperfeito aponta é uma mudança de perspectiva do povo diante da impossibilidade de resolver o problema vigente por sua própria capacidade ou estratégia. É o produto da perda de toda esperança, mas restando uma – que Javé venha em seu socorro. Porém, a intervenção de Javé tem como propósito fazer justiça.²¹² O povo não está gritando somente para ser livre de uma situação opressora, mas para alcançar justiça para sua causa. Javé, como o grande rei de Israel, virá como juiz, e julgará o oprimido diante do opressor e dará a punição ao opressor. Principalmente no versículo 8 é onde se encontra a resposta judicial de Javé ao clamor de seu povo. Isso quer dizer que o clamor do povo por socorro feito a Javé está embasado na própria natureza de Javé – Javé é um Deus que escuta.²¹³

O Deus a quem o povo grita é Javé, o qual é identificado como o “Deus de nossos pais”. Javé já tem sido identificado, nesta perícope, como sendo “teu Deus”, seja para associá-lo com o sacerdote, seja para associá-lo com o confessor. Agora ele é identificado como o Deus dos pais do confessor, revelando que para ele, Javé foi o Deus adorado por seus pais e o Deus que agiu em benefício de quem lhe prestava obediência.

Essa declaração aponta para algo mais. Javé é o Deus de nossos pais. Num pensamento mais amplo, dentro desta perícope, o confessor está pensando tanto nele como no sacerdote que está a lhe ouvir, e em sua família que está presente ali. Entretanto, numa forma restrita a própria confissão, “nossos pais” é uma designação para associar a comunidade do confessor, presente neste momento festivo, em seu contexto do campo, como aquela que tem pais em comum. Não somente o confessor, mas sua comunidade também é solidária com aqueles que experimentaram sofrimento e libertação da parte de Javé. A comunidade reunida para ouvir a confissão é uma comunidade constituída de homens livres e que, em conjunto, presta sua devoção festiva a Javé.

²¹² DTMAT, volume 2, p. 718-719.

²¹³ DTMAT, volume 2, p. 722.

3) Resposta divina (26,7b-9)

a) O evento de consideração – ouvir e ver

[7b] e Javé ouviu nossa voz,
e viu a nossa aflição,
e a nossa tribulação,
e a nossa opressão.

Se o grito do povo é um grito por justiça, de tal forma que ele venha a alcançar livramento, então, nesta porção do versículo 7, é estabelecido um procedimento judicial da parte de Javé, em resposta ao grito por justiça de seu povo. A resposta divina ao clamor do povo, no Egito, vem numa seqüência da cadeia de imperfeitos consecutivos.

Em primeiro lugar o texto apresenta o verbo “ouvir” [וַיִּשְׁמַע],²¹⁴ seguido pelo objeto direto, “a voz de nós” [אֶת-קוֹלֵנוּ], tendo Javé como sujeito. O conceito de “ouvir”, sendo Javé o sujeito, dentro do AT, tem haver com “responder” ou tronar-se favorável à súplica feita à Divindade do povo. É um verbo que aponta para a consideração divina no interesse de agir em benefício de seu povo com fins libertadores. Este verbo e o próximo apresentam Javé considerando o fato apresentado pelo seu povo – o grito de socorro em sua direção, e buscando sua estratégia de ação para libertar o povo.

O verbo שמע, “ouvir”, é bem comum dentro de Deuteronômio e Jeremias, apontando para seu uso freqüente dentro da escola deuteronomista como uma palavra chave.²¹⁵ No presente texto, o ouvir divino está relacionado com os procedimentos relacionados com a salvação, ou libertação, daquele que está gritando a Javé. Se o grito dos oprimidos foi para que Javé agisse em seu socorro e fizesse justiça a eles diante de seu opressor, o ouvir de Javé é aquele movimento de Javé em direção ao que grita para mudar sua história. Então ouvir tem haver com o agir para atender a súplica ou o grito de quem o faz.

²¹⁴ Se o verbo imperfeito “gritar” tem haver com ações repetitivas, então o verbo ouvir busca apresentar um início de ação. Depois de Javé prestar atenção nos constantes gritos dos oprimidos, ele começa a agir, ou a ouvir.

²¹⁵ DTMAT, volume 2, p. 1222.

Se Javé ouve, ele também vê. O segundo verbo mostra que Javé “viu” [וַיֵּרָא]. Isso quer dizer que Javé procurou evidências de que havia procedência, ou motivação, para o grito de seu povo em sua direção. Se as ações de Javé são na busca de evidências que sustentem os motivos para tantos gritos em sua direção da parte de seu povo no Egito, então ele precisa ver para descobrir se esses gritos se justifiquem e necessitem de intervenção.

Diante disso, o que foi que Javé viu? Três objetos diretos são colocados para completar o pensamento do verbo “ver”. Eles são colocados para mostrar que Javé encontrou elementos que justificavam o grito do povo de Israel, no Egito, em sua direção. Nos três objetos que seguem o verbo “ver” está a companhia do “nosso” ou “nossa”, para mostrar identificação direta entre o confessor e o sofrimento que experimentaram seus pais no Egito sob o poder do faraó. Ele não somente compreende que seus pais tiveram grande sofrimento no Egito, como ele fala como se esse sofrimento fizesse parte de sua própria experiência. Essa forma de se expressar coloca muita luz no regozijo que o confessor tem diante de Javé na apresentação dos frutos.

Assim, Javé viu, ou, juntamente com o verbo “ouvir”, percebeu²¹⁶ a miséria dos oprimidos antes de começar sua intervenção.²¹⁷ Esta miséria de condição é descrita assim: “a nossa pobreza (aflictiva)” [וְאֵת עֲנִינֵנוּ],²¹⁸ “e o nosso trabalho (atribulado)” [וְאֵת עֲמָלֵנוּ], “e nossa angústia (opressiva)” [וְאֵת לִחְצֵנוּ].²¹⁹ Os três objetos diretos, em seu conjunto, apresentam a severidade do tratamento dispensado pelos egípcios sobre os israelitas. Porém, cada um revela uma faceta deste pesado sofrimento pelo que eles passaram ali.

O primeiro destaca a pobreza a que foi sujeita a nação de Israel no Egito. A palavra destaca que Javé viu que o povo estava numa condição miserável, por causa da pobreza imposta sobre os israelitas. Isso subentende que os bens da nação haviam sido saqueados. A pobreza do povo ali era resultado de exploração forçada e não

²¹⁶ DTMAT, volume 2, p. 872.

²¹⁷ DTMAT, volume 2, p. 876.

²¹⁸ Esta palavra é o substantivo do verbo עָנָה, traduzido por “humilhar” ou “afligir” no v. 6. Ela pressupõe violência por meio da agressão física.

²¹⁹ As palavras colocadas dentro do parêntesis têm como meta colocar ênfase sobre a própria palavra, com o fim de demonstrar o nível de violência a que estava sujeito o povo, naquele momento, no Egito. Elas reforçam o substantivo que, em si, já apresenta significativo desenvolvimento da opressão sobre ele.

pagamento dos valores devidos pelo serviço prestado. O povo estava sendo roubado pelos egípcios, não somente por não pagarem seus salários, como por apropriarem-se do patrimônio alheio. Como esta palavra vem do verbo encontrado no v. 6 [ענה] e traduzido por “afligir” ou “humilhar”, então a pobreza a que o confessor se refere tem haver com a violência física sistemática imposta ao povo no processo de escravizar e o sujeitar a trabalhos além de sua capacidade física.

O segundo substantivo aponta para a condição de trabalho escravo imposto pela opressão, por abolir direitos que lhes eram necessários. O trabalho era realizado sob pressão – a necessidade de alcançar metas irreais – e condições desumanas – calor, fome, sede. Esta palavra aponta para o trabalho sem descanso. Isso implica que o povo estava realizando períodos de trabalhos cada vez mais longos, e não tinha dia de descanso programado para recompor as energias. Por imposição dos opressores, o povo estava trabalhando sem interrupção, e o não via valores que lhe recompensasse por seu pesado trabalho. עמל aponta para um trabalho que leva a exaustão porque é imposto por outros.²²⁰

Finalmente, a última palavra [לחץ] revela a angústia de alma e física a que o povo estava sujeito nessas condições. Esta palavra destaca o ponto em que o povo não encontrava saída para sua situação. É a pressão experimentada quando não há meios para se escapar dela.²²¹ O povo está se sentindo como um animal acuado e de onde não tem possibilidade de escapar. O povo está experimentando a subjugação²²² por um poder estrangeiro e que não lhe dá possibilidade de escape.

Tudo isso foi atestado pela visão de Javé – Javé viu essa condição do povo: sofrimento, desespero, angústia. O povo experimentava sofrimento físico e psicológico. Depois de confirmar que o grito de socorro tinha fundamentava sua ação, restava a Javé a ação, ou sua reação diante das ações dos egípcios. Javé, o Deus em quem Israel depositou sua confiança, estava pronto para reagir a essa confiança, tomando os passos para prover o povo de um escape – o Êxodo.

²²⁰ DTMAT, volume 2, p. 425.

²²¹ TDOT, volume 7, p. 531.

²²² TDOT, volume 7, p. 532.

- [8] “E Javé causou nosso sair do Egito,
com mão poderosa,
e braço estendido.
e grande terror,
e sinais,
e maravilhas.

Para o confessor, Javé é o causador da saída do povo do Egito. No seu grau básico, o qal, este verbo [סּוּר] significa “sair”. Mas aqui, este verbo está no hifil,²²³ o qual é o grau causativo do qal. Assim, ao confessar, o homem está salientando que o povo só saiu do Egito, porque Javé – que é o sujeito do verbo – provocou a saída de seu povo dali.

²²³ הִיָּצֵאתִי hifil imperfeito, “Javé nos causou sair”. Numa tradução mais livre, “Javé foi o motivo de nossa saída”. A ARA traduz este verbo como “tirou”, a BJ traduz como “fez sair”, e a versão da SBT traduziu por “tirou”, seguindo a ARA. Pode-se perceber que, a que mais se aproximou de uma tradução, uma que demonstrasse o sentido causativo do verbo, foi tradução da versão encontrada na BJ.

89

Seguindo a este verbo causativo,²²⁵ são encontrados cinco modificadores do verbo **סִוֵּ** que mostram o modo de Javé causar a saída do povo do Egito. Esta série de modificadores é principiada, e repetida antes de cada modificador, pela preposição **בְּ**.²²⁶

1.1. “Mão” e “braço” de Javé

Os primeiros dois modificadores indicam as condições para se realizar a saída do povo do Egito. Pode-se dizer que eles foram os instrumentos que acompanharam Javé em sua empreitada para tirar o povo do Egito. Com isso, a preposição **בְּ** pode ser traduzida por “com”²²⁷ para indicar a instrumentalidade que acompanhou a ação divina para efetuar seus milagres e causar o Êxodo, e, com isso, demonstrar que, assim como os egípcios foram hostis ao povo de Javé, Javé também está agindo com grande hostilidade e violência contra os agressores de seu povo, os egípcios.

“Mão forte e braço estendido” apontam para o emprego de força – ou violência – para promover o escape do povo daquela escravidão. “Mão” é usada, metaforicamente, para demonstrar a potência divina diante de seus “rivals”, os egípcios.²²⁸ Com “mão” aliada com o adjetivo “forte”, o confessor está reforçando o conceito de poder e ampliando-o para o sentido de severidade.²²⁹ A implicação disso é que Javé foi severo em sua reação contra os egípcios, dando-lhes a devida retribuição pela severidade brutal com eles trataram o povo de Javé.

Por sua vez, “braço”, figurativamente fala da “poderosa e punitiva força de Deus”.²³⁰ Quando empregado para o homem, a expressão “braço estendido” é uma referência de rebelião do homem contra Deus (Jó 15,25).²³¹ Por isso, pode-se afirmar que Javé está tendo a mesma atitude contra os deuses do Egito. Javé está desafiando os

²²⁵ O capítulo dois, onde o Êxodo dentro do livro de Deuteronômio foi estudado, há mais pesquisa sobre o verbo **סִוֵּ** no hifil. As circunstâncias descritas pelo Confessor, sob as quais estava o povo no Egito, demonstram que para a mentalidade do israelita, a saída do Egito seria impossível sem a intervenção de Javé.

²²⁶ **בְּיָד חֲזָקָה וּבְזֵרֵעַ נְטוּיָה וּבְמִנְיֹת נִדָּל וּבְאַחֲזֹת וּבְמִפְתָּיִם**: “... com mão forte, e com braço estendido, com grande temor/terror, e com sinais e com maravilhas”.

²²⁷ BDB, p. 89.

²²⁸ DTMAT, volume 1, p. 925, 926.

²²⁹ Este significado de “forte” [**חֲזָקָה**] pode ser derivado do uso do verbo em determinados contextos (cf. TWOT, volume 1, p. 635-636).

²³⁰ DTMAT, volume 1, p. 732.

²³¹ DTMAT, volume 2, p. 573.

deuses do Egito, incluindo o próprio faraó, para que reajam contra ele, pois ele os desafia frontalmente e os leva a derrota.²³² Javé não somente os desafia como os silencia. Porém, se Javé está se rebelando contra os deuses do Egito, então Javé está promovendo sua própria libertação. O Deus desceu com Jacó para o Egito (Gênesis 46, 3-4), agora sai de lá com e por meio dos filhos de Jacó. A retirada de seu povo do Egito e o despojar da riqueza dos egípcios mostra que Javé promoveu a rebelião do povo contra os egípcios, e que estes nada podiam fazer.

Esta fórmula, “mão forte e braço estendido”, está presente, quase que em sua maior parte, em Deuteronômio (4,34; 5,15; 7,19; 11,2; 26, 8)²³³ para apontar este momento de libertação do povo de Israel no Êxodo, bem como de seu juízo contra os Egípcios. Portanto, “mão forte e braço estendido” apontam para poder libertador e força punitiva.

Tanto “mão forte” como “braço estendido” são expressões de demonstração de poder, porém, demonstração de poder contra alguém, o que, no caso, é contra os egípcios, por um lado, e, por outro, em favor de alguém, o que, no caso, é seu povo, Israel. Enquanto Javé age com severidade contra o Egito, ele age em benevolência com Israel, ouvindo-lhe os gritos e atendendo-lhe em socorro.

1.2. Reação a ação de Javé

Esta idéia de violência ou grande força empregada para levar o povo para fora do Egito é completada pelos outros três modificadores. “Com grande temor/terror, e com sinais e com maravilhas” revelam o efeito da “mão forte e braço estendido” na audiência, principalmente nos egípcios. A idéia é que a reação do Deus de um povo contra a extrema escravidão a que estava sendo submetido o povo de Israel causou grande pavor nos opressores e, provavelmente, nos próprios israelitas.

A palavra **יָרָא**, “temor”, pode ser traduzida por “terror” sentido diante de alguma manifestação de poder.²³⁴ As manifestações de Javé foram incomuns e inesperadas

²³² Considerar as pragas como atos de desafio aos deuses do Egito, e o silêncio deles em não esboçar qualquer reação. Pode-se afirmar, portanto, que os deuses do Egito não foram capazes de proteger seu povo diante das agressões do Deus de um povo escravo.

²³³ DTMAT, volume 1, p. 732-733. Os outros lugares são 1 Reis 8,42; 2 Crônicas 6,32; Jeremias 32,21; Salmo 136,12; Ezequiel 20,33s;

²³⁴ BDB, p. 432.

pelos Egípcios. A forma violenta com que Javé estava reagindo contra eles os estava causando prejuízos físicos e materiais. Além disso, todos os seus meios de escape estavam sendo inúteis. Já que seus deuses não esboçavam qualquer reação, então, o que lhes restava era sentir terror.²³⁵ Os egípcios sentiram terror diante dos sinais e maravilhas que Javé estava manifestando por meio das pragas sobre eles. A palavra “grande”, colocada antes de “terror”, também qualifica “sinais” e “maravilhas”. Então, na visão do Confessor, não somente o terror era grande, como era grande os “sinais” e “maravilhas”. Isso quer dizer que a grandeza do terror era a medida dos milagres executados por Javé.

Por outro lado, os sinais e maravilhas também devem ser vistos da perspectiva da audiência. Tanto egípcios quanto israelitas estavam diante de grandes manifestações de poder da divindade israelita, segundo a narrativa de Êxodo 1-12. Tanto a palavra “sinal” [אֵימָה] como a palavra “maravilha/prodígio” [מוֹפֵת] apontam para uma grande exibição de poder divino e serviam para atestar que Javé estava trabalhando em favor de seu povo,²³⁶ ao ponto de causar grande terror/temor nos expectadores, o povo do Egito.

A palavra “sinal” significa, basicamente, “prova” e “indicação”.²³⁷ Como “prova”, o sinal era demonstração que Javé estava aprovando o envio de Moisés, bem como o que ele estava afirmando, e isso fora feito por meio de demonstração de poder.²³⁸ Mas prova também que Javé é presente com seu emissário e que esta presença é palpável por meio dos sinais vistos.

O conjunto “sinais” e “maravilhas” ocorrem em diferentes lugares dentro do livro de Deuteronômio (4,34; 6,22; 13,2-3; 28,46; 29,2; 34,11), sendo que “sinal” pode ser entendido como “a fórmula divina de revelação que fará entender-se como presente”.²³⁹ O que pode estar em vista aqui é que o conceito de “maravilha” é dependente de “sinal”. Desta forma, “sinal” é o evento miraculoso operado pelo emissário de Javé, enquanto que “maravilha” diz respeito a reação daquele que observa tal evento. O conjunto todo, porém, faz referência ao evento salvador inteiro

²³⁵ Os relatos do Êxodo 1-12 mostram a passividade dos deuses do Egito ante a rebelião de Javé e seu povo.

²³⁶ BDB, p. 17, 68.

²³⁷ DTMAT, volume 1, p. 157.

²³⁸ DTMAT, volume 1, p. 159.

²³⁹ DTMAT, volume 1, p. 161.

realizado por Javé em favor de seu povo. Assim, as duas palavras devem ser vistas em relação ao Êxodo, pois foi por elas que Javé causou a saída do povo do Egito.

Quando relacionadas com “mão” e o “braço” de Javé, “sinal” e “maravilha” são o produto dessa ação de rebelião de Javé. Javé não somente se rebela contra dos deuses do Egito, mas mostra quão impotentes eles eram para anular os poderes de Javé e manter Javé e seu povo sob escravidão. Diante disso a reação foi dupla – terror para os egípcios e sinal e maravilha para Israel.

Para o confessor, declarar isso era demonstração de sua crença em que ele só chegou aonde chegou, porque Javé, seu Deus, agiu em favor de seus antepassados, na terra do Egito. Ao mesmo tempo, era a afirmação pessoal que ele próprio era parte dessa história, e que sua presença na Terra da Promessa era outra forma de manifestação de Javé no meio de seu povo, principalmente, por revelar-se bondoso, dando-lhe um solo fértil para dar-lhe o sustento, sustento este que serviria tanto para sua família, como seria repartido com o estrangeiro e o levita.

c) O encontro do confessor com a Terra da Promessa (28.9)

[9] “E (Javé) nos trouxe para este lugar,
e deu para nós esta terra,
terra que mana leite e mel.

As ações de Javé, porém, não terminaram com a saída do povo do Egito. O povo não somente precisava sair da escravidão do Egito. Ele precisava também ser conduzido até a Terra da Promessa, introduzido e estabelecido nesta terra, a qual Javé havia prometido dar para seu povo. Pode-se dizer que o trabalho da Divindade não terminou com a libertação do povo daquela escravidão. A promessa incluía a entrada na Terra para dar descanso. Era a entrada para a liberdade definitiva. É desta parte que se quer ocupar o versículo 9.

Javé foi aquele que trouxe o povo para a Terra da Promessa. Para ser mais literal na tradução, Javé “causou-nos vir” [וַיָּבֵאֵנוּ]. Encontramos outro verbo no hifil, dentro dos versículos 8 e 9. Javé foi a causa da saída do povo do Egito (26.8). Agora o confessor diz que ele também foi a causa de sua entrada na Terra da Promessa (26.9). O verbo בָּיָא (no hifil, “trazer”) é muito abrangente em termos temporais. Ele cobre o período

passado pelo povo no deserto, o período da conquista, até o momento em que o confessor vai atestar que ele está de plena posse da terra.

Além de ele abranger um espaço temporal, este verbo, mesmo não tendo um uso especializado dentro deste texto, mostra seu emprego dentro do contexto de promessa-cumprimento.²⁴⁰ As declarações seguintes do texto apontam nessa direção: “... e ele causou nosso vir para este lugar”. “este lugar” vem qualificado pela oração seguinte: “... e ele deu,²⁴¹ para nós, esta terra”. “esta terra”, por sua vez, vem qualificada pela última oração deste versículo – “esta terra” é uma “terra que mana leite e mel”. Esta é uma descrição habitual da Terra da Promessa e apontava para sua prosperidade e fertilidade.²⁴² Mas era também uma forma de descrever as facilidades que o povo estava encontrando dentro do novo ambiente em que ele passaria a viver. É “terra que mana leite e mel” em contraste com o Egito de onde saiu escravidão.

A oferta trazida no cesto, para Javé, era a comprovação que a terra estava nas mãos do povo. Era a comprovação que também Javé já tinha sua porção de terra, o seu מְנוּחָה, entre seu povo. Então havia harmonia entre a Divindade e seu confessor. Cada um usufruindo a prometida terra de descanso. confessor e seu Deus estavam no usufruto do descanso.

d. As palavras finais do confessor (26.10a)

[10] “E agora,
Eis que eu trouxe o primeiro fruto do solo,
o qual Javé deu para mim”.

Nesta primeira parte do versículo 10, o confessor chega às suas palavras de conclusão de sua confissão. Ele começa com uma partícula adverbial, “e agora” [וְעַתָּה].²⁴³ Ela aparece para fazer a conclusão ou a consequência²⁴⁴ daquilo que o Confessor vem declarando até agora. É como se o confessor afirmasse assim: “já que

²⁴⁰ TWOT, volume 1, p. 94.

²⁴¹ Outra vez aparece o conceito da “terra” como dádiva divina.

²⁴² Cf. Êxodo 3,8, 17; 13,5; 33,3; Números 13,27; 14,8; 16,3, 14; Deuteronômio 6,3; 11,9; 26,9, 15; 27,3; 31,20.

²⁴³ Todos os verbos a partir deste advérbio são perfeitos consecutivos. Como os perfeitos vêm a ação como acabada, ou completa, então estamos diante de afirmações que garantem que o fazendeiro israelita procuraria prestar sua gratidão a Javé por sua generosidade para com ele. Ele chegou até ali para este momento.

²⁴⁴ TWOT, volume 2, p. 681.

Javé tem feito tudo isso por mim, então eu trago uma parte para ele”. Portanto, Javé como grande doador e rei da nação recebe sua oferta de gratidão, depois de uma declaração dos benefícios que o confessor tem recebido da parte dele.

Dentro de Deuteronômio ela (עֵתָהּ) surge, de vez em quando, para apresentar alguma conclusão do que foi dito anteriormente, sejam poucos versículos, sejam muitos.²⁴⁵ Neste versículo, עֵתָהּ vem seguida de הִנֵּה, “eis que”, uma partícula de chamada de atenção. Nesta condição, a junção das duas salienta “o fundamento sobre o qual alguma conclusão ou ação é para ser baseada”.²⁴⁶ Assim, a ação que segue – a de trazer os primeiros frutos do solo para dá-los a Javé – é baseada na generosidade de Javé para com seu povo, em dar-lhe libertação da escravidão do Egito, conduzi-lo até fazê-lo entrar na Terra que ele prometera, e a conceder-lhe um solo fértil de tal modo que ele pudesse apresentar as evidências de sua primeira colheita diante de seu Deus e de seu povo.

Assim, com base no que foi dito antes, “... eu trouxe²⁴⁷ o primeiro do fruto do solo, o qual tu deste para mim, ó Javé”. A viagem do produto, do campo até o lugar aonde o adorador encontraria Javé, chega ao fim. O produto, finalmente, alcançou o destino para o qual ele fora colhido.

As palavras do confessor terminam com uma oração adjetiva, qualificando a palavra “solo” [הָאֲדָמָה אֲשֶׁר־נָתַתָּה לִּי יְהוָה]. Ele termina lembrando de quem é a terra que ele possui, o proprietário por excelência. A terra é de Javé, e o confessor é um concessionário. Essa idéia é recorrente dentro desta confissão.

Já no primeiro versículo encontramos que a “terra” [אֶרֶץ] é dada por Javé. Isso se repetiria nos versículos dois e três. Depois é vista a palavra lugar para designar a terra que Javé está dando para seu povo (v. 9). E a palavra “solo” também aparece qualificada pela idéia que ele é dado por Javé (v. 10). É um solo que reflete a generosidade de com Javé tem tratado seu povo.

²⁴⁵ Em Deuteronômio 4,1 ela é empregada para fazer conclusão ao longo prólogo histórico até ali apresentado. Nas outras ocorrências, ou ela está fazendo uma conclusão com objetivos práticos diante daquilo que foi dito anteriormente, ou ela está concluindo uma longa seção (Deuteronômio 2,13; 5,25; 10,12, 22; 12,9; 32,39).

²⁴⁶ BDB, p. 774.

²⁴⁷ Hifil de בִּיא, “eu fiz/causei vir”, ou, simplesmente, “eu trouxe”. O perfeito indica uma ação acabada, haja vista que o fruto estava já entregue diante de Javé.

Em suma, a “terra” ou “este lugar”, os quais apontam para a região ou país, a terra em seu espaço maior, o espaço físico denominado de “Terra da Promessa”, é dada por Javé. Dentro deste espaço maior, o confessor recebe um pedaço de terra, o qual ele chama de “solo”, ou um pedaço de terra produtivo, recebido como herança, da parte de Javé. Dentro da “grande” terra, o confessor tem um pedaço que ele chama de “solo”, ou, mais especificamente, a sua parte dentro da grande herança que Javé tem para seu povo.

Assim termina a confissão propriamente dita. Ela começa com os tons sombrios dos dias de Jacó. Aquele que era erra e em perigo de perecer, gerou aquele que, finalmente, podia se alegrar diante de Javé, não somente pelo fruto que sua terra lhe dava, mas também pela estabilidade de vida, de tal forma que pudesse prestar seu culto sem as pressões da escravidão. Era uma liberdade de expressão religiosa dentro de sua terra.

C. A Conclusão da Confissão: A Alegria do Confessor (26.10b-11)

[10b] E o colocarás diante de Javé teu Deus,
e te curvarás diante de Javé teu Deus.

[11] E regozijarás em toda bondade,

a qual deu para ti Javé teu Deus,
e para tua casa.

Tu e Levi e o peregrino que (está)
no teu meio.

Nesta parte final da confissão inteira, retorna-se ao narrador, pela terceira vez. Aqui é a voz dele que é ouvida. Ele retoma a narração para dar ao confessor as orientações finais sobre o que deve ser feito com os primeiros frutos que ele trouxe para Javé. A questão que o narrador levanta é que Javé não come. Mas o homem come. A oferta deve ser apresentada em uma dedicação a Javé. Mas o usufruto dela não é de Javé. Então, o narrador aponta quem deve comer aquilo que foi apresentado a Javé.

Por outro lado, mesmo que Javé não coma, no sentido de degustar e ingerir como humano, ele também come por meio de seus adoradores. A “alegria” de Javé está em ver a comida servindo de alegria para o confessor e para aqueles que não a têm. Então Javé come, não o produto a ele trazido, mas a gratidão de homens e mulheres saciados com a bênção por ele dada por meio do solo fértil. Esta dimensão social reverte-se em tributo de adoração. Isso interessa a Javé. O homem livre torna-se mais

livre por ser agente de libertação de outros. No caso em pauta, a libertação de necessidades básicas, como a comida.

1. As ações do confessor diante de Javé

a. Pôr.

No exercício de sua função sacerdotal, o confessor é quem coloca diante de Javé sua oferta. A questão que se levanta é: No versículo 4 é dito que o sacerdote é quem recebe da mão do confessor o cesto e o coloca diante do altar, mas aqui é dito que o confessor é quem o coloca diante de Javé. Há alguma contradição aqui? Pois o verbo é o mesmo [ניח].

Como já salientado acima, Mayes coloca que as palavras encontradas nos versículos 1 a 3 servem com fator corretivo ao v. 10, quando neste é o confessor que apresenta sua própria oferenda, sendo estes acrescentados por um redator que desejava salientar o papel sacerdotal.²⁴⁸ Mesmo que se coloque uma contradição aqui baseada em diferentes períodos de redação, porém, é possível atentar para outra explicação, de tal forma a estabelecer a harmonia textual.

Em primeiro lugar, deve-se notar que a ação do sacerdote, no versículo 4, é a de receber o cesto da mão do confessor, colocá-lo diante do altar, para depois ouvir a confissão do ofertante. Então, com esta ação, o sacerdote busca desvencilhar o confessor de coisas que poderiam impedi-lo de expressar-se com liberdade. Deve-se considerar o caminho tomado pelo confessor até chegar o momento da entrega da diante de Javé. Assim, o sacerdote chega para promover alívio e apoio no momento da dedicação.

Como dito anteriormente, o papel do sacerdote é a de ouvir a confissão do confessor. Ele age como testemunha do confessor que Javé tem cumprido suas promessas feitas a seu povo. No versículo 4, ele age como cooperador do confessor para que ele expresse-se com liberdade, depois de chegar de uma caminhada que pode ter sido longa.

²⁴⁸ A. D. H. Mayes, *Deuteronomy*, p. 334.

Em segundo lugar, ali é dito que o sacerdote coloca diante do altar, para depois ouvir a confissão. No versículo 10b, o confessor coloca diante de Javé. Isso quer dizer que é o confessor quem apresenta sua oferta a Javé. É o confessor e seu Deus, num relacionamento pessoal. É a demonstração que ele faz a apresentação de sua oferta diretamente a Javé. É claro que “altar de Javé” funciona como símbolo da presença de Javé.²⁴⁹ Mas o objeto a ser dedicado deve ser dedicado a Javé, a quem o altar aponta.

Em terceiro lugar, o verbo נח tem a idéia de fazer a coisa descansar. Ele pode ser usado como sinônimo de “descansar” [שבת].²⁵⁰ O verbo não quer dizer apenas a ausência de movimento. Ele também aponta para colocar em um lugar particular com alguma finalidade.²⁵¹ Daí, a idéia de consagração vem à tona. Já que é produto da terra do confessor, então a ação de consagração deve ser feita por quem o trouxe. Assim, a ação de colocação diante do altar, feita pelo sacerdote no versículo 4, tem haver com o tempo de Confissão a ser declarada, para que depois o confessor faça a consagração de sua oferta.

O verbo נח é seguido por “diante de Javé teu Deus” [לפני יהוה אלהיך], tanto aqui quanto no versículo 4. Portanto, aqui é encontrada a idéia de oferecimento com fins de consagração. Isso está em pleno acordo com o que vem a seguir. Os frutos seriam usufruídos pelo confessor e por seus convidados. Mas isso somente aconteceria depois que eles fossem dedicados a Javé.

Por último, deve-se notar o grau em que o verbo está escrito. Ele está no hifil, e neste grau, ele tem o sentido de “depositar”.²⁵² Como se “deposita” a cesta de frutos “diante de Javé teu Deus”, então temos aqui uma expressão de dedicação ou consagração do fruto trazido a Javé. Deste modo, como sacerdote de sua família, é o adorador quem dedica sua oferta de frutos a Javé. As ações do sacerdote estão em harmonia com o pensamento do redator. Este o coloca na confissão com papéis definidos, mas que não atrapalham o objetivo do confessor que é dedicar o fruto a Javé.

²⁴⁹ Ir onde está o altar de Javé é ir onde está o próprio Javé, no lugar onde ele pode ser encontrado e adorado.

²⁵⁰ TWOT, volume 2, p. 562-563.

²⁵¹ TWOT, volume 2, p. 562-563.

²⁵² TWOT, volume 2, p. 562-563.

b. Curvar-se.

Depois de consagrar sua oferta a Javé, o confessor adora seu Deus. Ele entra em um momento solene de grande reverência diante de Javé. É o curvar-se até ao solo em sinal de reverência e adoração, mas também em sinal de submissão e gratidão por toda bondade de Javé sobre seu povo, e, particularmente, sobre o Confessor e sua família.

O verbo הִשְׁתַּחֲוִית²⁵³ é usado em sua maioria com o sentido de adoração de Javé, ou para adoração de outros deuses ou algum ídolo.²⁵⁴ A prostração é um momento solene de submissão a um superior, o que, no caso em pauta, é Javé. Javé é o superior e aquele que tem sido generoso com Israel. É a ele que o confessor se submete em adoração. Tudo isso é feito “diante de Javé, teu Deus” [לִפְנֵי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ]. Duas vezes esta expressão aparece neste versículo, como demonstração da consciência que o confessor tinha que o evento que ele realizava era na presença de Javé, bem como da compreensão da representatividade²⁵⁵ do lugar para onde ele se dirigiu para oferecer seu culto.

O momento requer solenidade. O confessor acabara de fazer sua Confissão. A consagração do fruto que ele trouxera acabara de ser feita. Restava um momento de veneração do seu Deus. Depois da fala, segue o silêncio da adoração de gratidão. É o homem livre, na sua mais elevada expressão de sua liberdade – a adoração do seu Deus, sem os gritos dos opressores.

c. Regozijar-se²⁵⁶

Toda a trajetória do confessor apontava na direção deste clímax – a festa com a participação de sua família, e seus convidados diante de Javé. A narrativa começa com o confessor viajando para um lugar que seria estabelecido por Javé. Ali, ele inicia seu momento de culto com uma confissão, onde ele relembra os momentos críticos vividos por seus antepassados até seus dias. Depois, o próprio confessor

²⁵³ Perfeito consecutivo, 2ª pessoa, de חוה. O tema da raiz deste verbo é um tema raro chamado de histafel (A. P. Ross, *Gramática do Hebraico Bíblico para iniciantes*, p. 304-305).

²⁵⁴ TWOT, volume 1, p. 267.

²⁵⁵ O lugar para onde o confessor foi levado a se dirigir para oferecer sua oferta era o lugar onde estava a casa de Javé entre seu povo. Era o lugar onde Javé morava.

²⁵⁶ שמח é um verbo para regozijo em festas (para citar alguns exemplos: Salmo 16,9; Deuteronômio 33,18; Êxodo 4,14).

oferece a Javé os frutos colhidos e trazidos para serem dados ao seu Deus. Depois disso, o confessor se prostra diante de Javé em notório momento de adoração solene. Finalmente, ele festeja. A tristeza do início da confissão termina com a alegria depois da adoração.

Psicologicamente, o momento festivo mostra que o confessor era um homem feliz. A sua alegria, porém, não era somente interna, mas externa também. O compartilhar dessa alegria com outros o faz generoso como os outros, mas não por causa de um desequilíbrio momentâneo de seu juízo. Mas porque ele os motivos corretos para expressar-se assim.

A alegria do confessor era expressão de sua satisfação pelas ações de Javé em seu favor, bem como a compreensão da aceitação de Javé de sua confissão e oferta. A continuação da declaração do versículo atenta para isso. O confessor deveria se regozijar “em toda a bondade”.²⁵⁷ É claro que na mente do narrador e, por conseqüência, na mente do próprio confessor, estava o conteúdo da confissão já prestada diante de Javé, começando com a situação de seu “pai” até o momento em que ele se alegra diante de Javé com o primeiro fruto colhido.

Porém, a palavra “bondade” [טוב] não somente é definida pela presença do artigo, e, por isso, no entender desta pesquisa, apontando para uma bondade específica, mas ela é seguida de uma oração adjetiva, a qual a qualifica mais especificamente. A bondade é a bondade “a qual Javé, teu Deus, deu para ti”.²⁵⁸ Esta bondade tem clara referência a terra recebida pelo confessor. Primeiro, porque a terra é vista como herança dada ao confessor como “filho” de Javé (26,1-2). A perícopes mostra que a terra é vista como dádiva de Javé.

Segundo, o motivo do confessor ir até o lugar central é atestar que ele está de posse da terra e, como demonstração disso, ele apresenta o primeiro fruto colhido ali

²⁵⁷ בְּכָל-הַטּוֹב destaca a esfera da alegria a ser manifestada pelo confessor, bem como a razão de sua alegria diante de Javé. A alegria manifesta por brados e até por saltos revelavam que o confessor estava muito grato por tudo que havia acontecido até aquele momento. Essa alegria é compartilhada pelas pessoas a sua volta.

²⁵⁸ אֲשֶׁר נָתַן-לָךְ יְהוָה אֱלֹהֶיךָ esta oração adjetiva tem um verbo perfeito, mas não consecutivo. Portanto, sua tradução é em seu sentido passado – “a qual... deu...”. Enquanto que no versículo 1 o verbo “dar” está no particípio, aqui ele está no perfeito. Ali a terra é vista como uma dádiva presente, aquela que estava sendo recebida naquele momento. Aqui, terra (identificada nesta pesquisa como sendo a bondade a que se refere o narrador) é apontada como já sendo do Confessor, o seu legítimo proprietário.

(26,3). Terceiro, a confissão dele, diante do sacerdote, destaca o caráter eremita de seus ancestrais em contraste com a estabilidade de residência que ele tem agora, como morador na terra. Ele tem “residência fixa”, o que não foi experimentado por seus ancestrais (26,5, 9).

Por último, é o fruto também entra dentro dessa “bondade”, mas entra como bondade derivada da bondade maior, a terra. O fruto existe para o confessor porque ele tem a terra. Sem ela, ele não teria fruto para colher. E ele, ao ser apresentado a Javé, serviria para o triplo propósito de servir de atestado de posse da terra, bem como objeto de adoração, e como alimento para o momento da festa.

2. Os participantes com o confessor

a. A família confessor²⁵⁹

O confessor é o principal agente da confissão e o participante central neste momento. Quando o narrador fala, ele usa o verbo na segunda pessoa do singular para dirigir-se ao confessor. Mas, o texto mostra que a terra foi dada não somente ao ele, mas também “para tua casa” [וּלְבֵיתְךָ]. A terra era herança de Javé também para os filhos. Era a forma de eles darem continuidade ao nome do pai sobre a aquela porção de terra. Por isso, ela é colocada ao lado do confessor nesse momento festivo. Casa pode designar apenas a família do confessor (pai, mãe e filhos). Mas também pode apontar para seu um conjunto de famílias sob a liderança de um chefe, incluindo aqui os escravos.²⁶⁰ Este parece ser o sentido mais adequado para ser entendida a palavra “casa” aqui.

²⁵⁹ A família dele também tem sido objeto da bondade de Deus, por receber a terra como dádiva. Seus filhos herdariam esta terra. Assim, tanto o confessor quanto seus filhos seriam, de certo modo, herdeiros de Javé.

²⁶⁰ TWOT, volume 1, p. 105.

b. Os menos favorecidos²⁶¹

Além do confessor e sua família, o narrador apresenta dois outros convidados, os quais não faziam parte da família, ou “casa”, do confessor – o levita e o estrangeiro. Esta forma de apresentação coloca em relevo que a generosidade divina com aquele homem, dando-lhe a terra em herança, era o mais forte incentivo para que o momento de adoração, no lugar central, fosse também um momento de manifestação de generosidade e de agregação social, aonde os que não tinham herança pudessem também usufruir do produto da herança de alguém. Assim, este momento passava a ser inclusivista, em lugar de ser excludente. Era agregador, em lugar de ser desagregador.

1) Levi

O nome “Levi” pode designar tanto o filho de Jacó, do qual uma tribo de Israel recebera o nome, quanto um indivíduo pertencente aquela tribo e um prestador de serviços no Tabernáculo, ou no Templo. Pelo próprio contexto, um descendente de Levi é o que está em vista, sendo correto traduzir a palavra por “levita”. O levita não tinha direito a possuir propriedade no meio de Israel. Eles eram o lado fraco do culto em Israel. Os sacerdotes tinham mais poder e influência, e ficavam com a maior parte das ofertas. O levita não. Daí a recomendação que ele não fosse abandonado pelo confessor.

Dentro do livro de Deuteronômio apresenta quatro estágios na forma de tratamento dos levitas. O primeiro é aquele que trata o levita como um tipo particular de estrangeiro (Deuteronômio 12,12,18; 14,27,29; 16,11,14; 26,11-13). Como ele não tem terra, ele precisa de cuidados por parte do israelita, proprietário de terra. O segundo é aquele que tem os mesmos direitos que aquele que ministra no Santuário Central (Deuteronômio 18,6-8). A igualdade diz respeito ao serviço diante de Javé.²⁶²

O terceiro é o que trata do relacionamento entre sacerdotes e levitas como ambos tendo a mesma função (Deuteronômio 18,1), onde a fórmula encontrada neste

²⁶¹ O sacerdote do dia não faz parte desta festa particular. As pessoas convidadas são as menos favorecidas na sociedade. E se Javé foi generoso com o confessor dando-lhe terra e condições para a terra frutificar, então ele deve ser generoso, repartindo parte da benção de Javé, com aqueles que não tinham direito a terra, qualquer que fosse o motivo.

²⁶² TDOT, volume 7, p. 496-497.

versículo pode ser assim traduzida: “os levitas sacerdotes, a saber, a tribo inteira de Levi”. Por último, com a identificação entre sacerdote e levita, a tribo inteira de Levi tem o direito de servir no serviço de culto a Javé (Deuteronômio 18,1; 21,5; 31,9).²⁶³

O primeiro tratamento é aquele que é encontrado dentro da perícope em análise. O levita não era alguém que possuía terra e, por isso, precisava viver do auxílio amoroso do povo de Israel, o qual havia sido tratado com tanto amor por Javé seu Deus, como declarado na confissão.

A construção textual coloca em destaque a participação. O narrador coloca ênfase ao dizer – “tu, e o levita e o estrangeiro, aquele que (está) no teu meio”.²⁶⁴ Ela relaciona-se com o verbo alegrar-se colocado no início do versículo. Pode-se escrever assim: “e tu te alegrarás... e também o levita e o estrangeiro, aquele que (está) no teu meio”. Esta forma de ver aponta para um mandamento, não um elemento opcional. Isso direciona para o pensamento que, como a terra é de Javé, o confessor também era “um sem terra”. A posse dela era por concessão de Javé. Então, ao repartir com aqueles que não tinham herança de Javé, o confessor estaria manifestando sua gratidão a Javé por ser seu herdeiro.

2) Estrangeiro

O peregrino [גֵּר] é aquele que vive como estrangeiro no meio de Israel e, por isso, deveria receber o cuidado do nativo.²⁶⁵ Para de Vaux, “... o *ger* é essencialmente o estrangeiro que vive mais ou menos de forma estável em meio a outra comunidade em que é aceito e usufrui de certos direitos”.²⁶⁶ Para Campos, o *ger* “é o imigrante, o refugiado ou o exilado que pede a proteção de uma comunidade que não é a sua – ele desfruta de certos privilégios... com direitos e obrigações”.²⁶⁷ O *ger* é um agente livre e, portanto, distinto do escravo, mas, por outro lado, ele não tem laços de parentesco

²⁶³ TDOT, volume 7, p. 496-497.

²⁶⁴ אֲתָהּ יְהוָה וְהָיָה אֲשֶׁר בְּקִרְבְּךָ - pode-se notar que há mais uma oração adjetiva introduzida por אֲשֶׁר para qualificar o גֵּר. Neste caso, o verbo ser ou estar é subentendido, fazendo-se necessária sua aparição na tradução.

²⁶⁵ DTMAT, volume 1, p. 583-588.

²⁶⁶ R. de Vaux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 99.

²⁶⁷ Juan Carlos Valverde Campos. “El Extranjero y las Migraciones en la Biblia”. IN: *Revista Ecológica: Servicio de Información Teológica*, volume 2, número 2, 2007, p. 32-33.

com alguém da comunidade. Por isso que ele procura proteção de alguém ou grupo de pessoas dentro da comunidade.²⁶⁸

Esta forma descrever o *ger* é semelhante aquela a que se sujeitou Israel no Egito. Assim, a experiência de ser ter sido estrangeiro ali serviria de base para as ações beneficentes em favor de estrangeiros que buscassem apoio e proteção em sua comunidade. Uma das razões para a existência do *ger* é a fome.²⁶⁹ Esta foi o motivo que levou Jacó e seu clã para o Egito, e a forma como o confessor deveria tratar tanto o levita quanto o *ger* é motivado pela necessidade de suprimento de necessidades alimentares. Ao ser convidado para participar da festividade do confessor, o *ger* estaria participando da alimentação do confessor e sua família.

A diferença entre גֵּר e נָכְרִי é que o primeiro era o uma estrangeiro residente, ou que morava na nação por algum tempo, enquanto que o outro era um estrangeiro passageiro ou temporário.²⁷⁰ Como o גֵּר é protegido pela legislação em Israel, subentende-se que ele estava sujeito ao sofrimento da fome, bem como a exploração por parte dos mais bem sucedidos na sociedade. Além disso, eles estavam sujeitos ao desprezo. Por isso, o adorador deveria olhar com misericórdia para com ele, como Javé olhara com misericórdia para com o povo do adorador no Egito.

O גֵּר tinha uma posição especial por isso, e o cuidado do povo para com ele estava bem estabelecido pelas ordens de Javé. No caso, o גֵּר deveria participar do culto de gratidão do adorador, como se fosse um membro da família. Até porque, ele, tendo moradia no meio do povo, era um morador da comunidade. Assim, mediante o adorador, o גֵּר expressava sua gratidão a Javé por providenciar-lhe sustento por meio de seu povo.

O que não está especificado no texto é se o גֵּר era alguém que morava na comunidade do adorador, ou se era alguém que morava no lugar aonde estava o santuário central. Porém, levando em consideração o momento, é melhor considerar que o גֵּר era alguém que estava vivendo dentro da comunidade do confessor e fora, por ele,

²⁶⁸ Juan Carlos Valverde Campos. “El Extranjero y las Migraciones en la Biblia”. IN: *Revista Ecueménica: Servicio de Información Teológica*, volume 2, número 2, 2007, p. 32.

²⁶⁹ TDOT, volume 2, p. 443.

²⁷⁰ R. de Voux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 99.

convidado a ir para participar deste evento festivo da família do confessor diante de Javé.

A implicação a que isso leva é que os custos de viagem para o lugar central seriam pagos pelo adorador, elevando assim sua generosidade diante de Javé, bem como diante de seu povo. O confessor, portanto, passa a ser um modelo de generosidade expressada como gratidão pela generosidade de Javé dada a ele, ao doar a terra como sua herança para o confessor.

D. Fechando a exegese

Como observado no estudo da forma e data, esta perícopes tem três partes narrativas e duas em que o confessor fala. Nas narrativas o redator introduz a terra como dádiva de Javé, o papel do sacerdote em seu tratamento com o confessor, e as ações sociais que devem fazer parte da celebração depois da consagração dos frutos. Entretanto, mesmo dentro dos contornos redacionais pode-se observar que, o fim a que se destina o momento de confissão do home é seu encontro com Javé por meio de uma declaração oral, a confissão. Como Javé é o Deus que ouve, então ele pode declara sua fé nos grandes feitos de Javé em seu favor.²⁷¹

Entre a primeira e segunda partes do narrador tem uma colocação atribuída ao confessor, mas que é produto da escrita do narrador, como uma forma de apresentar uma introdução a confissão que se desenvolve a partir do versículo 5. A confissão propriamente dita tem como coração os feitos poderosos de Javé em favor de seu povo, do Egito até a concessão da Terra da Promessa. Os primeiros frutos colhidos e trazidos a Javé são a evidência palpável que Javé tem abençoado o confessor e as evidências disso são os frutos trazidos: “... o agradecimento pela colheita está... fundamentado no fato de Israel ter sido conduzido por Deus na história”.²⁷²

A sabedoria israelita permitiu que Israel não esquecesse seu passado histórico, antes, colocou-o dentro de novos relacionamentos e aplicações nas gerações que surgiam, de tal forma que tais gerações sempre soubessem o que aconteceu com seus

²⁷¹ A idéia que o confessor veio falar a Javé está em harmonia que as primeiras palavras do livro de Deuteronômio: “Estas são as palavras...”. O confessor fala porque Javé também fala e ouve. Ele expressa aquilo que seu Deus também é – um ser falante.

²⁷² Werner H. Schmidt, *A Fé do Antigo Testamento*, p. 40.

antepassados e com eles mantivessem seu vínculo.²⁷³ Por isso, esta confissão é mais que um objeto de estudo, é um legado.

III. A Relação de Deuteronômio 26.1-11 com Deuteronômio 12-26

A perícope de Deuteronômio 26,1-11 está inserida no bloco denominado de “Código Deuteronômico”, o qual é constituído dos capítulos 12 a 26.²⁷⁴ Mas esse Código vem por meio de discursos pronunciados, segundo o redator, por Moisés. Assim, esses discursos adquirem as colorações de sermões apresentados a sua audiência, de tal forma que as leis vieram na forma de um discurso, não de uma declaração formal jurídica. Isso porque o livro de Deuteronômio “é dirigido a proprietários de terra livres, e o tempo todo pressupõe sua liberdade efetiva e real”.²⁷⁵ Então é de se esperar esse caráter oral do livro inteiro. O próprio título hebraico do livro o apresenta como sendo um discurso a ser proferido (1.1. “estas são as palavras”). Então, a confissão está em harmonia com esse ambiente do campo, onde o proprietário de terra se expressa na coletividade e com ela celebra, comemora.

A partir disso, deve-se considerar que um dos elementos básicos dentro da pesquisa bíblica é entender que uma perícope está relacionada com outras perícopes dentro de sua apresentação escrita atual. Deuteronômio 26,1-11 é apresentado em seu contexto atual no último capítulo do bloco 12-26, e este bloco está entre os capítulos 1-11 e 27-34. Com isso, deve-se levar em consideração o seu relacionamento com os outros blocos literários que constituem o livro de Deuteronômio.

Isso quer dizer que Deuteronômio 26,1-11 mantém relações com as outras perícopes que formam o livro de Deuteronômio, mostrando o seu entrelaçamento complexo, mas bem elaborado pelos redatores ao longo dos séculos, desde o seu nascimento oral. Portanto, antes de prosseguir se deve apontar que estas relações são relações de caráter literário, mirando o texto em suas múltiplas relações a partir dos assuntos abordados dentro da confissão em pesquisa. Por isso, as questões de datação e ambiente social não estão em perspectiva.

²⁷³ Werner H. Schmidt, *A Fé do Antigo Testamento*, p. 40.

²⁷⁴ Frank Crüsemann, *A Torá*, p. 283.

²⁷⁵ Frank Crüsemann, *A Torá*, p. 307.

O que se busca, então, neste ponto da pesquisa, é mostrar o relacionamento de conteúdo literário existente entre Deuteronômio 26,1-11 e o todo do livro de Deuteronômio. Porém, de modo particular, com Deuteronômio 12-26. Há diversos pontos de contato desta perícopa com as demais perícopes que montam os capítulos 12 a 26.

A. A Terra

O primeiro ponto de relacionamento é a terra. A terra é vista como o santuário do confessor. Javé está presente ali, e sua presença é notada na produtividade do solo. A terra, por várias maneiras, é o mais forte meio de relacionamento com o bloco inteiro. Primeiro porque a terra é reconhecida como a terra que foi prometida por Javé aos pais, ou patriarcas. Essa promessa recebeu seu suporte no juramento (Deuteronômio 19,8). A terra a ser recebida deve ser habitada e possuída pelo receptor da promessa (12,1). Deste modo, a terra a ser habitada deve ser desfrutada pelo possuidor, passando ela a ser o seu lugar de descanso (12,9; 21,1).

A terra, ao ser recebida, passava a fazer parte da herança do receptor (19,10; 20,16; 21,4), pois ela mesma era sua herança da parte de Javé (26,15). Por esta razão, havia provisão legal para que, quando a terra passasse a ser de outro proprietário, ele voltasse a ser de seu primeiro dono – ou família – algum tempo depois.²⁷⁶ A terra era parte da herança familiar. Ela não podia ser de outra família permanentemente.

B. Javé como o Deus doador da terra

O segundo ponto de ligação com o bloco 12-26 é a pessoa de Javé como o doador da terra para seu povo. Este ponto faz parte da introdução da confissão em dois lugares (26,1-2). Na primeira parte da confissão o confessor faz menção a terra mais uma vez (26,3), voltando a falar desse assunto no final de sua confissão (26,10). Isso é uma amostra daquilo que acontece através de Deuteronômio, tanto no bloco de 12 a 26 quanto nos blocos de 1 a 11 e de 27 a 34.

Em primeiro lugar, Javé é aquele que fez a promessa com juramento de dar a terra que agora pertence ao Confessor (19,8; 26,15). O Javé que introduziu seu povo na

²⁷⁶ Cf. Levítico 25,8-55; 27,16-25.

terra que ele prometera é o mesmo que foi o motivo da saída do povo do Egito (20,1). Este conceito que Javé tirou seu povo de um lugar para pô-lo em outro é claro na tradição deuteronomica, envolvendo inclusive a certeza que o povo iria tomar o lugar de outros que já estavam habitando aquela terra (19,1s).

Em segundo lugar, a terra que Javé deu ao seu povo é sua herança para seu povo. Em vinte e cinco ocorrências “a terra foi chamada uma dádiva de Javé”,²⁷⁷ dentro de Deuteronomio. Israel como primogênito de Javé e Javé como pai de Israel dá um pedaço de terra, no meio de outras nações, para seu povo.²⁷⁸ Desta forma, Javé não somente é o Deus poderoso, que liberta seu povo e conduz a um lugar que ele prometeu dar, como também é um deus generoso com os outros povos, não permitindo que Israel toque na porção deles.

*C. A relação com o Êxodo*²⁷⁹

A introdução da referência ao Êxodo mostra que esta redação vem do Norte, pois ele aponta para uma tradição antiga, aonde o Êxodo é parte central de sua tradição. Em Deuteronomio 16,1 se nota que o narrador faz recordar a saída do Egito como uma lembrança a ser mantida na Páscoa. Ele faz menção ao mês em que Javé tirou²⁸⁰ o seu povo do Egito.

Como na introdução aos dez mandamentos, o confessor reconhece que Javé foi o causador da libertação de Israel do Egito. Isto aponta para o entendimento que o adorador também levava em consideração a Páscoa como festa comemorativa do Êxodo, quando Javé, mediado por seu homem de frente, Moisés, liderou a libertação do povo da escravidão do Egito.

²⁷⁷ Walter C. Kaiser Jr., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 130.

²⁷⁸ A certeza que a terra que Israel possui não pode ir além das fronteiras já estabelecidas por Javé. Javé também tem sido generoso com outros povos (2,5,9,18-19).

²⁷⁹ Umass poucas observações serão colocadas aqui, pois o capítulo 2 desenvolve em detalhes o conceito do Êxodo dentro do livro de Deuteronomio.

²⁸⁰ O hifil de יָצָא está presente aqui, tendo Javé como sujeito. A Páscoa lembrava Javé como o causador da saída do povo do Egito.

D. O lugar central de adoração

O lugar central para adoração está em dois pontos cruciais do conjunto 12-26. No primeiro capítulo (12) e no último (26). Para pesquisa, este ponto goza de atenção crucial para os redatores de Deuteronômio, servindo de invólucro para o bloco literário inteiro. Este lugar haveria de ser um lugar em uma das tribos de Israel (12,5) com o fim de estabelecer sua presença ali (12,6-7). Neste lugar, além dos sacrifícios, seria um lugar de festas para o confessor e sua família (26,11, 14), tal como em 26,11.

O lugar central também seria lugar para o estabelecimento de sentenças judiciais (17,10) em casos aonde a comunidade não tivesse condições resolver por si só.²⁸¹ Ali estaria a sabedoria para tomar decisões em casos difíceis. Este último elemento deve ser visto como um desenvolvimento posterior, à medida que o lugar central fosse ganhando importância, suplantando os juízes locais e, portanto, sua sabedoria. Por outro lado, isto valorizava o poder sacerdotal, concentrando o poder de decisões civis e religiosas em um só lugar.

E. O homem livre como sacerdote de sua família

Este padrão é muito antigo. Com apontado acima, ele era presente nos costumes dos patriarcas. No texto presente, o confessor é quem leva sua família à adoração no Santuário Central, e a representa diante do altar. Nada é dito do que ele deveria dizer neste momento. O texto deixa em aberto para que o confessor dirija-se a Javé da forma que lhe convier.

O “tu” [אתה], comum nos verbos presentes na narrativa de Deuteronômio, aponta para um homem adulto, livre, proprietário da terra recebida como herança, segundo a promessa de Javé, capaz de representar sua família na adoração diante de Javé, e responsável por suas ações dentro de sua comunidade. Ele é claramente diferenciado do נָכְרִי, órfão, sacerdote,, escravo e levita. É a ele a quem a legislação de Deuteronômio se dirige. Os discursos internos do livro mostram que ele fora dirigido

²⁸¹ Isto demonstra o desenvolvimento posterior, quando as decisões judiciais saíram do campo e das vilas para os tribunais no santuário central.

a quem poderia viver seus princípios e tomar decisões de acordo com a lei estabelecida pela comunidade.

F. O levita e o estrangeiro

Este texto não traz as outras personagens que precisam da atenção da comunidade, a fim de que recebam também ajuda para seu suprimento diário estas outras são a viúva e o órfão. Aqui somente o levita e o estrangeiro [גֵר] são citados, apontando para o fato que este não é um período de guerra, quando o número de viúvas e órfãos aumentava visivelmente.²⁸²

Em Deuteronômio 24, o גֵר aparece cinco vezes. Em quatro delas, ele está associado com o órfão e a viúva. Na primeira vez (24,14), ele está associado com o trabalhador do campo, e que depende do proprietário da terra para ter trabalho e sustento. Isso demonstra que o texto experimentou acréscimos para adaptá-lo a novas realidades, quando não somente o trabalho pobre e גֵר dependiam da boa vontade dos proprietários de terra, mas também quando começaram a surgir novos dependentes destes meios²⁸³ que vinham do campo para seu sustento, o órfão e a viúva. Esta relação é mantida em 26,12-13.

G. A Adoração como Proposta Social

O envolvimento de pessoas carentes como convidadas do confessor, para participarem de sua festividade particular, estampa a face social da adoração em Israel, naqueles dias. Era no culto onde o confessor relembra dos feitos de Javé em seu favor e do resultado prático disso que ele deveria ter para com aqueles que eram os necessitados da comunidade. Nisso estava a empatia com os necessitados da nação – ele ou seus pais foram necessitados, então ele tinha, ao seu modo, o conhecimento do que representava isso.

²⁸² No período do exílio o número de viúvas e órfãos foi muito grande. Os homens foram duramente massacrados pelo exército invasor, os babilônios, mostrando a necessidade de grande apoio para aquelas que estavam sem seus maridos e para os filhos que estavam sem seus pais.

²⁸³ Direitos judiciais (24,17), direito a um molho esquecido no campo (24,19), direito aos frutos da oliveira que ficaram nos ramos e não caíram na ocasião da debulha (24,20), direito aos frutos da vinha que caíram e o proprietário deveria deixá-lo lá, e não fazer uma segunda busca, para que ele ficasse para aqueles que necessitavam (24,21).

A liturgia era essencial para lembrar do compromisso do povo para com Javé. Este compromisso implicava em obrigações morais para com o próximo. Deixar o próximo à sua própria sorte era fazer-se esquecido da própria história, haja vista que Israel já havia sido pobre e oprimido, mas que, por intervenção de Javé, Israel gozava de liberdade e riqueza, liberdade inclusiva para ser instrumento de liberdade para os necessitados e oprimidos.

Nakasone diz que, na liturgia, a memória da libertação da escravidão do Egito tornava-se “... um espaço de conscientização e abertura para as questões sociais: a partilha e a solidariedade são conseqüências da aliança com Deus”.²⁸⁴ Agir solidariamente para com o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro (Dt 24,4-5; 15,4) é demonstração de um verdadeiro culto a Javé e apresentação de alguém que deseja demonstrar sua fidelidade ao Deus que exerceu grande misericórdia em sua história.

A adoração era expressão de retribuição por um bem recebido. Javé dera a terra para seu povo, e dera uma terra capaz de reproduzir o suficiente para sustentar as famílias de seu povo. Porém, nem todos seriam bem sucedidos na arte de plantar e colher. Daí que haveria pobres entre o povo bem como estrangeiros, ou peregrinos, pessoas que não possuíam propriedade fixa na terra. Aqueles que possuíam propriedade deveriam entender que Javé os havia abençoado com propósitos definidos – os prósperos em Israel seriam instrumentos de Javé para suprir as necessidades daqueles que possuíam pouco, ou não possuíam nada. Deste modo, ao perceber que Javé havia dado mais para o confessor, ele cultuaria Javé por sua bondade além do esperado..

A terra era forte elemento de identificação social. Porém, a adoração também fazia parte desse agregador social em que as pessoas participavam de suas festividades religiosas, não somente como elemento de adoração ao seu Deus, Javé, mas também como elemento de relacionamento entre pessoas.

Assim, a história tem seu papel educativo nas gerações posteriores. Em lugar do culto ser lugar de divisão, passa a ser lugar de integração entre todos os membros da comunidade israelita – servos e servas, homens e mulheres livres, líderes e liderados, sacerdotes, levitas e leigos, nacionais e estrangeiros.²⁸⁵

²⁸⁴ *RIBLA*, 23, dezembro de 1996, p. 178.

²⁸⁵ *RIBLA*, 23, dezembro de 1996, p. 178.

H. Em que estas relações acima implicam

Em primeiro lugar, estas relações mostram que o texto em pesquisa está intimamente relacionado com o seu contexto maior, Deuteronômio 12-26. Mas, deve-se destacar que este texto também mantém relações com o contexto mais amplo do livro, os blocos de literatura encontrados em 1 a 11 e 27-34.²⁸⁶

Em segundo lugar, revela que o livro de Deuteronômio contém material que foi bem estruturado e tecido por pessoas que possuíam tempo e capacidade para a realização desta tarefa. Quando Edesio aborda o assunto relacionado a autoria do livro de Deuteronômio, ele destaca que o livro em pauta é produto “de um desenvolvimento complexo de tradições teológicas e literárias, o qual cobriu um grande período da história hebraica”.²⁸⁷

A implicação natural disso é que o livro de Deuteronômio teve indivíduos, ou grupos de indivíduos representando escolas, os quais foram os que escreveram e reescreveram o livro de Deuteronômio, desde seu período de nascimento, no século oitavo, no Reino do Norte, bem como durante o reinado de Josias e tempos exílicos, a fim de fazer as contextualizações, conforme a época.²⁸⁸

Várias são as sugestões de quem foram os autores de Deuteronômio. Os autores, ou redatores, podem ter sido de escola profética, os levitas, escribas, os anciãos de Israel, ou uma junção destes grupos, como a união de profetas e levitas, ou de profetas e sacerdotes.²⁸⁹ Para Edesio, os redatores originais de Deuteronômio eram da classe dos profetas. Entretanto, ele também afirma que é possível que estes profetas estivessem também envolvidos com a atividade sacerdotal.²⁹⁰

Para esta pesquisa, entretanto, em seu aspecto original, no Reino do Norte, a atividade redatora de Deuteronômio muito bem pode estar relacionada com a

²⁸⁶ No primeiro bloco, a terra dada como resultado de juramento feito por Javé no passado (1,8, 35; 6,10; 8,1) para que seja possuída pelos receptores (1,39; 3,18-19; 4,40; 5,33; 6,1, 18); as qualidades da terra são apontadas também (8,7-10). Outro elemento é a compreensão maior que a saída do povo do Egito foi devida a intervenção de Javé para que isso acontecesse (5,6; 8,14). No terceiro bloco de Deuteronômio nós encontramos a relação com a terra (27,1-3; 28,8-11; 30,5, 16, 18, 20; 31,7, 21, 23; 34,4), o levita (27,9, 14), o estrangeiro, o órfão e a viúva (27,19; 29,3), sinais e maravilhas (28,16; 29,3).

²⁸⁷ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 27.

²⁸⁸ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 27.

²⁸⁹ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 27-29.

²⁹⁰ Edesio Sánchez, *Deuteronomio*, p. 29.

atividade profética, principalmente por seu caráter de pregação encontrada no bloco de 12 a 26. Mas quando os imigrantes do Norte desceram para o Sul, esse material pode ter caído nas mãos e domínios dos sacerdotes, usando-o como trampolim das reformas de Ezequias e, principalmente, as reformas implantadas pelo rei Josias.

Um elemento favorável ao sacerdócio, e levitas a eles relacionados, é que a cultura estava bem ligada ao Templo, pois ali estavam os que sabiam ler e escrever dentro da nação. Assim, a articulação de uma teologia do Deus único, o lugar central de adoração em Israel, a estruturação do livro de Deuteronômio no formato de um tratado entre um suserano e seus vassalos exigiu muita capacidade de raciocínio e conhecimento de sua cultura e culturas ao redor. Isso somente seria possível para aqueles que eram sustentados para ler e ensinar. Isso estava a cargo dos levitas e sacerdotes.

Tudo isso foi dito para mostrar que o livro de Deuteronômio teve verdadeiros “artistas” literários em seu trabalho redacional em diferentes períodos da história de Judá e Israel, os quais trabalharam para legar ao seu povo, e ao mundo, uma obra literária bem trabalhada, cujo conteúdo foi progressivamente acrescido e adaptado a diferentes realidades ao longo da história.

Conclusão

Revendo e Prevendo

O livro de Deuteronômio, no formato em que ele se apresenta hoje, é resultado de uma brilhante obra redacional, a qual perdurou por mais de três séculos. O Código Deuteronômico, como é chamado o bloco constituído dos capítulos 12 a 26, fora formado no Reino do Norte. Seu estilo pastoral, apresentado em forma de discurso, como um sermão, aponta para uma Escola de Profetas, homens ligados ao homem livre do campo, como seus primeiros escritores (ou redatores),²⁹¹ lá pelo século oitavo a. C.

O material colhido por estes profetas remonta aos anos que podem recuar aos primeiros anos da Conquista da Terra. Esse material poderia cair em esquecimento em anos de afastamento da fidelidade a Javé. Esse bloco original migrou para o Reino do Sul, levado por homens e mulheres foragidos da destruição imposta pela Assíria sobre o Norte. Os conceitos de órfão e viúva, por exemplo, podem ter sido acrescentados nesse período, ilustrado pelo próprio povo que sobreviveu a violência dos assírios.²⁹²

Em Judá, o Código Deuteronômico experimentou trabalho redacional e acréscimos, tanto em seu interior, como pelos acréscimos dos capítulos 1 a 11 e 27 a 34. A escola que assumiu estes momentos redacionais está intimamente relacionada como o Templo, principalmente no reinado de Josias. O livro encontrado escondido no Templo havia sido trabalhado pelos sacerdotes sob os reinados de Manassés e seu filho Amom. A Escola Sacerdotal encontrou liberdade para expressar-se sob o reinado piedoso do rei Josias que a favorecia por amar Javé e querer seguir os

²⁹¹ A forma em o material se encontra no bloco de Deuteronômio 12-26 aponta para um trabalho redacional pastoral, sugerindo que o que fora escrito aqui era algo que já se havia discutindo e aprovado dentro das comunidades campesinas, mas que precisava de alcance maior. Daí que a sua escrita foi de grande valor para conhecimento do material de um grupo maior de pessoas. A migração desse material com os foragidos do exílio assírio caiu como um presente nas mãos de escribas sacerdotais dos tempos de Josias.

²⁹² É importante destacar que o problema do órfão e da viúva antecede o problema com os assírios. Era um problema do Estado. Porém, ele antecedia a formação do Estado, indo para os momentos da conquista e os tempos de estabelecimento do povo na terra. As comunidades, porém, buscavam suprir as necessidades deste grupo. Esta confissão aponta para dois grupos – o estrangeiro e o levita. Pressupondo momentos mais antigos de sua escrita inicial e de seu começo de transmissão oral.

caminhos dele, em oposição a seu pai (Amom) e avô (Manassés). Esse tempo de paz favoreceu a escrita bem pensada daqueles homens, os quais esperavam momento oportuno para revelar sua arte ao mundo.

As marcas da Escola Sacerdotal podem ser vistas pelos elementos relacionados ao prólogo histórico, as poesias encontradas nos capítulos 27 a 34, Javé como único Deus que deve ser adorado por Israel, o lugar central de adoração, as maldições e bênçãos resultantes da desobediência e obediência a Javé, e um relato da morte de Moisés. O Templo detinha a sabedoria, e a obra que envolve o Código Deuteronomico necessitava de homens sábios para seu desenvolvimento e aplicação a novas realidades. A Escola Sacerdotal deve ter sido mesma que, sob Esdras, deu o formato final ao livro, e, nesse formato, ele chegou até hoje.

As marcas dessas escolas podem ser vistas dentro da perícope encontrada em Deuteronômio 26,1-11. Os versículos 1 a 5^a e 10b a 11 são elementos acrescentados a confissão original presente nos versículos 5b a 10^a. As figuras do sacerdote, estrangeiro e levita, bem como pela presença de conceitos tais como terra e lugar central serviram de acréscimos para envolver a confissão e adaptá-la a realidade do Templo, no despertamento religioso desencadeado pela leitura do livro achado no Templo, sob o governo de Josias. Estes elementos ganhariam novo sentido com a confissão em seu interior. O levita e o estrangeiro seriam beneficiados com o produto da terra, sendo este consumido pela comunidade do confessor, em sua festa pós-colheita.

Assim, a obra redacional que envolve o livro inteiro de Deuteronômio também pode ser vista dentro da perícope de Deuteronômio 26,1-11. Ele fora trabalhado para que servisse de confissão para dias de renovação espiritual, como os de Josias, bem como de nova apropriação da Terra como aqueles enfrentados por Esdras e o grupo que viera com ele do Exílio. Assim como no livro inteiro, aqui são encontradas as marcas das duas escolas de redação que trabalharam para legar o livro de Deuteronômio – a profética e a sacerdotal.

Além dessas observações iniciais três elementos devem ser salientados nesta conclusão – uma consideração das hipóteses levantadas, temas revelados e deixados

em aberto por esta pesquisa, e também a relevância desta pesquisa para a pesquisa bíblica contemporânea.

I. Revendo as hipóteses

A. A primeira hipótese

A primeira é que Deuteronômio 26,1-11 é uma confissão memorial dos atos redentores de Javé, de modo particular, os atos poderosos de Javé para retirada do povo do Egito no Êxodo. O povo do campo necessitava de algo que sustentasse sua fé e o mantivesse leal a Javé em meio a povo que lhe eram inimigos e adoravam outros deuses. Além disso, estes povos tinham sua própria maneira de entender a posse da terra, também atribuindo a seus deuses a doação daquilo que lhe pertencia.

Mas, Israel estava numa terra que fora tomado de outros povos, os quais devotavam a seus deuses o recebimento de daquelas terras. O que Israel devia fazer? Estes deuses haviam dado a Israel aquela terra também? Como manter uma identidade nacional e familiar que o diferenciassse dos outros povos? A confissão de Deuteronômio 26,1-11 vem em estabelecer um fundamento histórico para a posse da terra.

Como essa confissão nasce dentro do contexto do campo, e, somente depois, ela vem para a cidade, o confessor precisava de algo que estabelecesse uma relação tríplice – ele, Javé e a terra. O elo estava no Êxodo. Só que esta confissão começa com o antes do Êxodo. Ela vai para os dias que antecederam a ida de Jacó e seu clã para o Egito. Ele começa os dias de escassez e segue com a ida para o Egito. Depois, ele passa por cima dos tempos áureos no Egito e focaliza na dura escravidão que o povo experimentou no Egito, passando para os atos de libertação de Javé, onde Javé assume a liderança, promovendo uma rebelião que resultaria na saída do povo e sua entrada na Terra da Promessa.

Mesmo que o Êxodo termine com a entrada do povo na Terra que lhe fora prometida, os atos poderosos de Javé não terminam ali. Javé tem que estabelecer seu povo na terra e realizar aquilo que ele prometera – uma terra fértil. A confissão é coroada com a apresentação do fruto em uma festa no campo, onde publicamente, diante de

sua comunidade campestre o Confessor mostrava que ele havia sido contemplado pela bênção de Javé em sua terra.

Assim, essa Confissão servia de laço que ligava o presente e o passado, e anualmente isso era repetido a cada colheita, para que a nova geração entendesse que ela mantinha laços muito profundos com homens e mulheres que ela não conheceu. Mas que eram a causa de ele está ali, por meio das ações de Javé.

Javé é um dos centros da confissão. Mas não passam despercebidos o homem, líder do clã, que mantém o elo entre Javé e sua família. A terra é de Javé, mas está sob os cuidados homem, liberto do Egito para gozar da liberdade com Javé em um novo mundo – a Terra da Promessa.

Assim, enquanto o confessor mantinha os olhos no passado, ele alimentava a fé de gerações futuras por declarar que tudo o que ele tem ou é vem de Javé por meio de seus antepassados. A confissão é um memorial dos atos redtores de Javé. E única forma de não esquecê-los é colocá-los dentro de uma confissão, cujo momento de declará-la seja numa festa tribal, na comunidade, para alegrar-se pela colheita bem sucedida daquele ano, seja num encontro numa celebração anual no Templo, nos dias de Josias. Qualquer que seja a situação, Israel ou Judá não poderia perder de vistas suas origens e as ações de libertação de seu Deus e seu povo no passado.

B. A segunda hipótese

Foi a que o memorial dos atos redtores de Javé deveria resultar em atos sociais da parte do confessor. Este elemento é acrescentado dentro da terceira seção redacional que envolve a perícópe. Este acréscimo deve ter sido bem cedo, porque ele inclui o estrangeiro e o levita, indicando que ainda não estavam em vista os problemas relacionados a viúva e ao órfão que eram produtos naturais da guerra. Mas havia a necessidade de ajuda ao levita e estrangeiro.

A terra e seu solo produtivo têm um valor social apresentado pela estrutura literária montada ao redor da confissão. Os redtores da Escola Sacerdotal procuraram mostrar que a Terra é concessão divina em cumprimento de promessa estabelecida com juramento aos ancestrais do confessor. Como a Terra é dada gratuitamente, e aquele que a recebe deve doar de sua produção gratuitamente. A presença do

sacerdote serve para dar um caráter confessional ao momento, e a comprovação que o confessor será generoso com aqueles que necessitam do repartir da sua generosidade.

A concessão da terra trouxe grande benefício social para o povo. Ao contrário de sua vida no Egito, a qual era vivida sob pobreza extrema causada pela opressão, a vida na Terra da Promessa era o estabelecimento definitivo da liberdade. Um povo não é totalmente livre se ele não tem uma terra com a qual se identificar. A porção de terra recebida trouxe promoção social porque agora o confessor tinha liberdade de plantar e colher, e a produção vendida, ou trocada, resultaria em mais investimentos na propriedade e na vida do confessor. Se a dádiva da Terra trouxe um valor social para o confessor, então se esperava que ele, ao expressar sua gratidão pela generosidade de Javé, fosse generoso com aqueles que nada ou pouco tinham para usufruir na Terra.

Como os elementos relacionados com o aspecto social estão todos envolvidos nos acréscimos redacionais, o que se pode sugerir é que os redatores sacerdotais, percebendo que isso fazia parte da prática do homem do campo na prática da confissão, quiseram colocar esse dado mais explicitamente. A outra possibilidade é que essa prática estava se tornando esquecida, e os redatores a quiseram colocar na forma de orientação prática para o momento posterior à confissão. De qualquer forma, os redatores miraram uma oportunidade de ter, no momento da confissão, o estabelecimento de um momento de generosidade.

Assim, as duas hipóteses foram comprovadas pela exegese de Deuteronômio 26,1-11 da seguinte forma: A confissão como memorial dos feitos redtores de Javé em favor de seu povo, desde o Egito até o estabelecimento na Terra da Promessa, e a confissão como momento de realização de benefícios sociais para aqueles que não tinham o que oferece a Javé.

Mesmo assim, alguns pontos abordados dentro da exegese desta perícópe precisam de estudos posteriores, principalmente dentro do próprio livro de Deuteronômio. Muito material precisa de pesquisa avançada e direcionada ao contexto brasileiro. O que segue são apenas os tópicos dentro da perícópe, mas que vêm sendo vistos no livro inteiro.

II. Questões em aberto

Toda pesquisa deixa dentro de si embriões que podem se desenvolver em pesquisas maiores, posteriormente. Estes “embriões” são elementos da pesquisa que não podem ir além do que permite a análise textual, mas que, pela sua própria natureza, tem a possibilidade de desenvolvimento que extrapolam a abrangência da pesquisa, e poderão servir de centros de uma pesquisa adiante. Os pontos seguintes mostram como esta pesquisa pode gerar filhas que se tornaram adultas em momentos à frente.

A. *O pobre*

Portas podem ser seguidas a partir desta dissertação, como o fim de buscar novos horizontes para a pesquisa de Deuteronômio 26,1-11. A primeira é a questão do pobre dentro do livro de Deuteronômio, e as leis desenvolvidas para atender esta camada da sociedade. As diferentes classes de pobre no meio da nação estabelecida podem ser detectadas pelas diferentes palavras para apontar para diferentes grupos de pessoas que necessitavam de assistência e, por isso, leis foram dadas para proteger o pobre de exploradores bem como para incentivar o povo a ser generoso com aqueles que necessitavam de ajuda do Estado bem como do povo em geral. A questão, porém, deve ser vista do ângulo das leis dadas para protegê-lo e para beneficiar o pobre e para o estudo das diferentes épocas em que elas foram dadas.

A questão do pobre introduzida pelo redator é mais um assunto muito abrangente. A pesquisa nessa área deve avançar para uma averiguação do pobre dentro do escrito do livro de Deuteronômio. A valorização do pobre, dentro do livro de Deuteronômio, é a valorização do próprio Javé e do próprio homem que valoriza o pobre. O pobre também é parte da comunidade, e como tal ele deve ser valorizado e protegido. Daí a preocupação de Javé com ele.

Pelo emprego de diferentes palavras para descrever o pobre (órfão, viúva, estrangeiro, levita), pode-se dizer que há um eixo que atravessa o livro de Deuteronômio que é aquele relacionado a leis que serviriam para reger a vida do povo em sua vida em comunidade. E, dentro destas leis, estão aquelas que são para proteção dos pobres na terra. A vida em comunidade implicaria em novos

relacionamentos. Então as leis não somente protegeriam os pobres, mas estabeleceriam regras de relacionamento dentro da vida em sociedade.

Para o livro de Deuteronômio o pobre, ou a pobreza de alguém, não é um problema social, mas uma oportunidade social. Isto quer dizer as leis de proteção ao pobre foram dadas não somente para beneficiar e proteger o pobre, mas também para beneficiar e proteger aqueles que as aplicassem.

Esta pesquisa, porém, deverá fazer duas perguntas ao livro de Deuteronômio. A primeira é aquela que pergunta sobre a natureza do pobre dentro da comunidade abordada pelo livro de Deuteronômio: **Quem é o pobre dentro do livro de Deuteronômio?** Aqui se buscará o entendimento por meio das diferentes palavras empregadas para identificar os diferentes pobres dentro do Israel.

A segunda pergunta busca conhecer as leis que foram criadas para estabelecer a proteção dos menos favorecidos dentro da sociedade israelita coberta pelo livro de Deuteronômio: **Quais são as leis que beneficiam o pobre e qual é a sua natureza?** Aqui se buscará descrever tais leis e mostrar a necessidade e natureza delas, bem como o fim a que elas foram destinadas. Será que o livro de Deuteronômio não fora escrito para servir de proteção ao pobre? A questão permanece em aberto para ser respondida em pesquisa posterior.

B. O credo

A segunda questão para ser pesquisada em estudos posteriores é o assunto do Credo em si. Von Rad chama os versículos 5 a 10 de Pequeno Credo Histórico.²⁹³ Nesta questão, os assuntos relacionados com as origens e os motivos para o desenvolvimento de credos, através da história de Israel, devem ganhar sentido dentro de pesquisa futura que levar em consideração este assunto. A própria definição de “credo” deve impulsionar para novas pesquisas, pois é possível que o conceito de credo seja um conceito imposto ao texto bíblico. Entender como o antigo Israel expressava sua fé, em sua oralidade, será importante para medir e avaliar nossa expressão de fé, e como esta influencia, ou não, a nossa realidade.

²⁹³ G. V. Rad, *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, p. 13.

Por outro lado, esta pesquisa adotou o sentido de confissão por entender que a palavra confissão aponta para uma declaração de fé mais dinâmica do que a palavra credo, a qual parece apontar para algo fixo, mas que possa ser declarado sem a o conceito de fé embutida nela. Confissão é muito mais apropriado para um ambiente latino-americano, onde as pessoas, principalmente os pobres, fazem suas declarações diante de seu Deus, movidas pelas motivações mais íntimas de fé. É dessa forma que esta pesquisa vê a perícopes já analisada.

Assim, a porta de um estudo comparativo, entre o que vem a ser credo e confissão e qual a palavra que melhor se adequa a Deuteronômio 26,1-1 e 6,20-24, fica aberta para pesquisa posterior mais abrangente.

C. Terra e riqueza dentro do Antigo Israel

O terceiro assunto que fica para se pesquisar adiante é relacionado com o proprietário de terra e o desenvolvimento da riqueza dentro do antigo Israel. É claro que houve exploradores que foram insensíveis às necessidades dos menos favorecidos. Por outro lado, é possível perceber que as leis deuteronômicas foram dadas tanto para beneficiar o pobre como para “controlar” a sede do rico por riqueza. Mas quem era essa camada da sociedade e como ela surgiu e como ela se mantinha deve e ser levado em consideração para o melhor entendimento de seu oposto, o pobre. O homem livre podia adquirir bens de outros que estavam em dificuldade. Entretanto, princípio forma colocados para que este patrimônio voltasse às mãos dos antigos donos. Então, ser rico, não era um problema para a sociedade, mas um bem, desde que sob o controle da aplicação de leis. Assim, estas leis visavam o controle do explorador.

D. O valor da Confissão através da história

Esta confissão pode ter se tornado mais abrangente em seu emprego, o que nos leva ao quarto assunto. A hipótese que ela tenha sido usada nos anos de Remissão, quando o proprietário da terra a recebia de volta. Algum tempo depois desta segunda posse, o homem poderia ir ao Lugar Central, provavelmente Jerusalém, para declarar publicamente que sua propriedade lhe pertencia, outra vez, e que o testemunho disso seria o fruto de sua primeira colheita depois de seu retorno.

Junto a isso, nos retornos do Exílio babilônico, esta Confissão pode ter ganhado novo valor. Crüsemann acentua que Esdras foi o redator final do Pentateuco.²⁹⁴ Se assim for entendido, a confissão de Deuteronômio 26 pode ter sido parte dos trabalhos de Esdras, como sacerdote, quando ele se dispunha a ouvir o proprietário de posse de sua terra, setenta anos depois do Exílio, trazendo seu primeiro fruto colhido, depois de setenta anos longe dali. Uma nova perspectiva nascia baseada em uma declaração que sustentaria o povo na manutenção de sua fé.

E. A comida nas festividades religiosas

Para mais pesquisa outro assunto fica em aberto – a questão da comida nas festividades religiosas. A nação de Israel tinha um estilo de vida muito festivo com várias festas durante o ano para comemorar certos eventos marcantes de seu passado histórico. Em todos estes eventos havia muita comida e bebida. Assim, há de se perguntar qual era o valor da comida e bebida nestas festividades, bem como a relação delas com a divindade que estava sendo adorada.

F. A confissão de Deuteronômio 6,20-24

O livro de Deuteronômio tem duas confissões. A primeira aparece em no capítulo 6,20-24. A segunda, com naturalidade, é aquele que fora analisada, 26,1-11. Um trabalho comparativo entre estas duas confissões está ausente nesta pesquisa, pois não fazia parte desta desenvolver um trabalho comparativo entre elas. Primeiro, porque a concentração da atual pesquisa é o texto de Deuteronômio 26,1-1, de tal forma que ele seja analisado em toda profundidade. E, segundo, na questão das datas, as duas são diferentes, devendo isso ficar para pesquisa futura.

Uma análise simplificada da confissão de Deuteronômio 6,20-24 mostrará que, no atual contexto de Deuteronômio 6 ela nasce como resposta a uma pergunta, feita pelos filhos aos pais, sobre o significado dos “testemunho, estatutos e preceitos” recebidos de Javé (v. 20). Em resposta a ela, o confessor declararia a seus filhos três elementos: o seu tempo de escravidão no Egito, a libertação do Egito por meio de intervenção de Javé e o estabelecimento do povo na terra em que eles habitavam

²⁹⁴ Frank Crüsemann, *A Torá*, p. 459-463.

como resposta ao juramento feito por Javé aos seus antepassados (v. 21-23). Esses elementos, apresentados em forma resumida, estão presentes na confissão de 26,1-11.

Porém, há elementos diferentes. O primeiro é que a confissão de Deuteronômio 6 vem em resposta a pergunta dos filhos sobre o sentido dos estatutos para aquela geração. E, no final, os três elementos da confissão, apresentados no parágrafo anterior, servem de fundamento para a obediência do povo aos estatutos, e isso resultaria em usufruto, por mais tempo, de vida na terra que receberam de Javé (v. 24).

Um trabalho comparativo demandará tempo, pois o estudo do contexto de cada confissão, as motivações para sua criação, bem como a audiência e seu tempo de uso são diferentes, mesmo que seu conteúdo seja semelhante ao encontrado, mesmo que resumido, igual ao encontrado em Deuteronômio 26,1-11. O fato de elas estarem em blocos de literatura diferente um do outro já aponta para períodos redacionais diferentes. Por tudo isso, o estudo posterior se faz necessário, mas que está fora do alcance desta pesquisa.

G. O sofrimento

Um assunto não claro na confissão, mas que recebe sua atenção à medida que o Confessor desenvolve suas declarações, é a questão do sofrimento. Em dois momentos cruciais da confissão esse assunto ferve. Primeiro, quando o confessor declara que seu pai desceu ao Egito por estar em perigo de perecer onde se encontrava naquele momento. Segundo, quando o povo já no Egito ficara sob o pesado jugo da escravidão imposta pelo Faraó e seu povo. O grande sofrimento de alguns serviu de base para os privilégios de outros.

Além disso, o israelita, homem livre e proprietário de terra, agiria para benefício daqueles que nada tinham para que Javé abençoasse. Assim, o sofrimento deveria servir de preâmbulo para a generosidade. O conceito que aquele que sofreu nada deve fazer para aliviar outros do sofrimento não é um conceito bíblico. Então fica a questão do valor do sofrimento como instrumento de estímulo à generosidade, não para o endurecimento de coração ante a dor alheia.

A notar por tantos tópicos que ficam em aberto, percebe-se que a confissão de Deuteronômio 26,1-11 traz em seu corpo muitos elementos que podem ser desenvolvidos por uma pesquisa mais abrangente sobre cada um deles. Mas é isso mesmo. O Credo, como é chamado Deuteronômio 26,5-10, não pretende dar uma definição de cada elemento que a constitui. Mas afirmá-los em forma de uma declaração de fé, para que sua vida ganhe sentido à luz de seu relacionamento com sua divindade. Esta Confissão é como um tronco de árvore do qual nasce muitos e grandes galhos, cada um produzindo outros galhos. Os assuntos em aberto são estes galhos que gerarão outros galhos.

Os pontos acima apontam para o valor da pesquisa apresentada para a pesquisa bíblica. Alguns elementos dessa relevância podem ser destacados a seguir.

III. Relevância desta pesquisa para a pesquisa bíblica

A confissão de Deuteronômio 26,5^a-10b nasce no campo. Mas em contexto de liberdade. O homem que devia declará-la é do campo, mas é um homem livre, o qual toma sua iniciativa de desenvolver uma forma de passar para as gerações posteriores um alicerce que as sustentaria em tempos difíceis. O recuar do olhar para os atos redentores poderosos de Javé realizados no passado eram um alimento saudável e forte para sustentá-lo nos reveses presentes e alimentá-lo com a perspectiva de dias melhores no futuro.

O que preocupava o confessor de onde ele vinha e porque ele estava ali eram fatores fundamentais, pois ele tinha uma história que apontava para o futuro. Era uma história de lutas, onde, em determinados momentos seus ancestrais correram o risco de desaparecer. Mas não foi isso que aconteceu. A sua presença nas festas da colheita em sua comunidade e a sua declaração audível diante do olhar de seus familiares e convidados eram o testemunho vivo que Javé estava com ele, e com sua comunidade. E Javé estava com ele no campo, e, também posteriormente, na cidade, para onde o homem do campo se dirigiria para testemunhar da bondade de Javé.

O entendimento disso deve fazer com que a pesquisa bíblica tenha um íntimo relacionamento como o dia a dia das pessoas. Elas precisam de sustento para a vida, mas também de motivação para viverem-na em meio às adversidades. A pesquisa

bíblica precisa alcançar o homem da rua e o do escritório, o homem da cidade e o homem do campo, o rico e o pobre. Ela precisa dar respostas aos dilemas em que a sociedade vive. O confessor encontrou resposta na sua base história e no relacionamento com seu Deus, Javé.

Esta confissão não fora criada sob o jugo das surras dos capatazes de Faraó. Porém, ela nasceu como expressão de um homem livre que podia se expressar, e possuía as condições de fazê-lo em momentos de reflexão. Aqueles que estão sob jugo têm muita dificuldade para se expressar. Mas os que gozam de liberdade podem ser criativos e consolidar marcos que norteiem suas vidas e as vidas de outros no presente e no futuro.

Diante disso, a pesquisa bíblica deveria se preocupar com os que oprimem o homem e os tornam cativos de si, em lugar de serem livres para expressarem sua fé e compromisso com Javé, seu Deus. A opressão sufoca a criatividade, impedindo o homem manifestar seu potencial de realização, principalmente a religiosa, pois ela tem “Deus” como aquele a quem deve ser temido e obedecido. O problema é que Deus não se defende, exceto pelo estudo sério dos escritos bíblicos e seu entendimento a partir do contexto de origem.

A liberdade de culto não pode ser tolhida por qualquer tipo de poder. Ninguém pode dizer ao outro como cultuar. E aqui se abre o leque para qualquer tipo de expressão religiosa. A subserviência a um poder central em questões religiosas deveria ser tenazmente combatida pela pesquisa bíblica. O diferente também é expressão da imagem de Deus no homem.

Esta pesquisa também pode ser empregada para o estabelecimento de uma identidade. Uma pessoa que não tenha onde morar não tem um vínculo social estável. O relacionamento social com pessoas que ela conhece lhe causa segurança e estabilidade emocional. Assim, o ambiente estável promove ações criativas de relacionamento e proteção. Por esta razão, esta pesquisa bíblica poderia ser usada para mostrar que há gratidão na vida de quem tem estabilidade de moradia e meios próprios de sobrevivência sua e de sua família.

Esta confissão é um canto de libertação e vida dentro do usufruto da liberdade. Ela não nega o sofrimento anterior, mas revela que aquele sofrimento não foi em vão. Ao

mesmo tempo, esta liberdade fora alcançada por um trabalho bem articulado entre o divino e humano. O divino causa a saída, e o humano sai. A saída é do humano, mas é também do divino.

Bibliografia

ARNOLD, Bill T. & CHOI, John H. *A Guide to Biblical Hebrew Syntax*. New York: Cambridge University Press, 2003.

BOTTERWECK, G. Johannes, RINGGREN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef, editors. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U. K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1975. Volume II. Traduzido por John T. Willis do alemão “Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament”.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U. K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990. Volume VI. Traduzido por David E. Green do alemão “Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament”.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U. K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995. Volume VII. Traduzido por David E. Green do alemão “Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament”.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U. K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001. Volume XI. Traduzido por David E. Green do alemão “Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament”.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, 3ª edição. Tradução: Euclides Carneiro da Silva. 692 p.

BROWN, Francis, DRIVER, S. R. & BRIGGS, Charles A. *The New Brown – Driver – Briggs – Gesenius Hebrew and English Lexicon*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1979.

CHISHOLM JR., Robert B. *From Exegesis to Exposition – A practical guide to using biblical Hebrew*. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1998.

CRAIGIE, Peter C. *The Book of Deuteronomy*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1976.

CRÜSEMANN, Frank. *A Torá – Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. Tradução do alemão: Haroldo Reimer.

DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. Tradução: Daniel de Oliveira.

HARRIS, R. Laird, ARCHER JR., Gleason L., and WALTKE, Bruce K. *Theological Wordbook of the Old Testament*. Chicago: The Moody Bible Institute of Chicago, 1980. 2 Volumes.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005. Tradução: Sueli Silva Saraiva.

JENNI, Ernst & WESTERMANN, Clauss, editores. *Diccionario Teologico Manual del Antigo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978, volume 1. Tradução para o espanhol: J. Antonio Mugica.

_____. *Diccionario Teologico Manual del Antigo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985, volume 2. Tradução para o espanhol: Rufino Godoy.

KAISER JR., Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980

KEIL AND DELITZSCH. *Old Testament Commentaries – Genesis to Judges 6:32*. Grand Rapids, Michigan: Associated Publishers and Authors inc., sem data.

KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998. Tradução: Marie Ann Wangen Krahn.

KIRST, Nelson, KILPP, Nelson, SCHWANTES, Milton, RAYMANN, Acir, & ZIMMER, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo, RS, e Petrópolis, RJ: Editora Sinodal e Editora Vozes, 1987. 21ª edição.

KRAMER, Pedro. *Origem e Legislação do Deuteronômio – programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

KITTEL, Gerhard & FRIEDRICH, Gerhard, editores. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1967. Volume V. Traduzido para o inglês por: Geoffrey W. Bromiley.

LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005. 2ª edição. Tradução: Walter Eduardo Lisboa.

MAYERS, A. D. H. *Deuteronomy*. IN: The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981.

MERRILL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. Tradução: Helena Aranha, Regina Aranha.

_____. *Deuteronomy*. IN: The New American Commentary, volume 4. Broadman & Holman Publishers, 1994.

MEYER, Rudolf. *Gramática Del Hebreo Bíblico*. Terrassa, España: Libros CLIE, 1989. Traducción del alemán por el Profesor Ángel Sáenz-Badillos.

MAYES, Andrew David Hastings. *Deuteronomy*. IN: “The New Century Bible Commentary”. Grand Rapids, Michigan & London, England: Wm. B. Eerdmans Publishing Company & Marshall, Morgan & Scott, 1979, reprinted en 1991.

NAKANOSE, Shigeyuki. “Para entender o livro o Deuteronômio – Uma lei a favor da vida?” *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 23, Petrópolis: Vozes, p. 176-193, 1996.

OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica – uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2006. Tradução: Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para exegese do Antigo Testamento – um manual de sintaxe hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico Bíblico para Iniciantes*. São Paulo: Editora Vida, 2001. Trad. Gordon Chown.

SÁNCHEZ, Edesio. *Deuteronomio*. IN: COMENTARIO BIBLICO IBEROAMERICANO. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Kairós, 2002. 513 p.

SCHMIDT, Werner H. *A Fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004. Título original: “Alttestamentlicher Glaube in seiner Geschichte”. Tradução: Vilmar Schneider.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel – vol. 1: Local e origens*. São Leopoldo, RS: Editora Oikos Ltda, 2008.

VON RAD, Gerhard. *Deuteronomy – A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1966. Tradução: Dorothea Barton.

_____. *Estudios sobre el Antiguo Testamento*. Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 1976. Título original: “Gesammelte Studien zum Alten Testament I-II”. Tradução para o espanhol: Fernando Carlos Vevia Romero e Carlos Del Valle Rodríguez.

_____. *Studies in Deuteronomy*. Londres: SCM Press LTD, 1953. Título original: “Deuteronomium-Studien”. Tradução para o Inglês: David Stalker.

_____. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE & Targumim, 2006. Volumes 1 e 2. Tradução do alemão: Francisco Catão.

WALTKE, Bruce K. e O’CONNOR, M. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1990.

WATTS, J. Wash. *A Survey of Syntax in the Hebrew Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1964.

WILLIAMS, Ronald J. *Hebrew Syntax – an outline*. Toronto: University of Toronto Press, 1976. Segunda edição.

ZUCK, Roy B., editor. *A Biblical Theology of the Old Testament*. Chicago: Moody Press, 1991.

Revistas

Revista Ecu mica – servicio de información v.2 – n.2. Costa Rica: Editorial, Universidad Bíblica Latinoamericana, 2007.

Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, RIBLA. N. 23. Conselho Latino-Americano de Igrejas, dezembro de 1996.

The Catholic Biblical Quarterly 68, janeiro, 2006, n.1.

Vetus Testamentum, janeiro de 1981, v. 31, fasc. 1.

Site Consultado:

<http://pt.wikipedia.org>